

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Regiane da Silva Rocha

A Relação entre a educação e a anormalidade:
Um estudo da obra de Norberto de Souza Pinto

MESTRADO EM EDUCACÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

SÃO PAULO
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Regiane da Silva Rocha

A Relação entre a educação e a anormalidade:
Um estudo da obra de Norberto de Souza Pinto

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sobre a orientação do Professor Doutor Odair Sass.

MESTRADO EM EDUCACÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

SÃO PAULO
2010

Banca Examinadora:

“Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os
mitos.”

(Horkheimer; Adorno)

Agradecimentos

Ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, História, Política, Sociedade (EHPS), e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa.

Ao meu professor orientador Odair Sass, pela atenciosa orientação, pela compreensão de minhas insuficiências e pelo auxílio na superação destas. Aos professores doutores José Geraldo Silveira Bueno e Silvia Márcia Ferreira Melletti, que fizeram parte da minha banca de qualificação, deram sugestões importantes e fizeram observações preciosas que em muito contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

É preciso ressaltar a generosa ajuda da Betinha e a colaboração de todo corpo docente do Programa de Pós-Graduação: História, Política, Sociedade da PUC-SP da qual fui aluna.

Aos colegas do EHPS, em especial aos amigos Elisangela, Alexsandro, Danielle e Andréia, pelos “almoços de quarta”, onde tantas vezes debatemos nossas pesquisas e outras tantas gargalhamos e choramos pelos “encontros e desencontros dessa vida”.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa em Teoria Crítica da Sociedade, em especial ao professor Carlos Giovinazzo e aos amigos Isabel, Márcia, Thiago, Eduardo e Domenica.

No decorrer desses anos a presença e apoio dos familiares foram fundamentais: sou principalmente grata a minha mãe por uma vida cheia de apoio e dedicação. Ao meu pai agradeço por tudo, mas, especialmente, por me ensinar o quanto é importante o esforço e a ponderação para a realização dos atos. Aos meus irmãos Manoel e Regina pelas contribuições.

E por fim e mais importante agradecimento é dedicado ao meu grande amor, meu marido Thiago Rodrigues do Nascimento. Thi, esse espaço é pequeno para expressar tudo que gostaria de agradecer. Obrigada pelas longas conversas buscando os “porques” dessa nossa louca vida, pelos puxões de orelha, pelo incentivo constante, por essa alegria de viver que me contagia e claro pelas madrugadas perdidas revisando meus textos. Obrigada especialmente por me permitir conviver há 4 anos em uma relação bonita, sincera, carinhosa e pura como a tua.

Resumo

A presente pesquisa tem por objeto a proposta de educacional de Norberto de Souza Pinto, dedicada ao ensino de crianças anormais, com foco na relação entre anormalidade e educação. Neste estudo foi estabelecida uma análise histórica sobre a proposta do educador como uma das primeiras iniciativas em favor da institucionalização da educação especializada no início do século XX em São Paulo. As principais fontes dessa pesquisa foram artigos escritos pelo educador entre 1933 e 1960. O referencial teórico adotado para subsidiar as discussões acerca do esclarecimento, racionalidade tecnológica, ciência e tecnologia, emancipação e educação na sociedade administrada é extraído da teoria crítica da sociedade, em especial as análises de Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Verificou-se ao final que a proposta de Norberto de Souza Pinto configurou uma iniciativa de ordem organizacional complexa, que ao período simbolizou uma ação pioneira na busca da institucionalização da educação especializada, hoje denominada de educação especial. Foi possível constatar que a concepção de normalidade e anormalidade na proposta do referido educador foi predominantemente orientada pelos conhecimentos oriundos da medicina e da psicologia vinculada à biologia.

Palavras chave: Norberto de Souza Pinto – educação de crianças anormais – ciência e tecnologia-teoria crítica.

Abstract

This research has as object on the educational proposal of Norberto de Souza Pinto, dedicated to teaching children abnormal, with a focus on the relationship between abnormality and education. In this study has established a historical analysis on the proposal of the educator as one of the first initiatives for the institutionalization of special education at the beginning of the XX century in São Paulo. The main sources of this research were articles written by the educator between 1933 and 1960. The theoretical reference to subsidize the discussions about enlightenment, technological rationality, science and technology, enfranchisement and education in administered society is extracted from critical theory of society, especially the analysis of Theodor W. Adorno, Max Horkheimer and Herbert Marcuse. It's been verified at the end that the proposed Norberto de Souza Pinto represented an initiative by complex organizational order that in the period, symbolized a pioneering action in the search of the institutionalization of specialized education, today called special education. It was possible to verify that the concept of normality and abnormality in the proposal of the educator was predominantly driven by knowledge arising medicine and psychology entailed to biology.

Key-words: Norberto de Souza Pinto – education for children abnormal – science and technology - critical theory.

Lista de ilustrações

Ilustração 1- Norberto de Souza Pinto – A infância.....	40
Ilustração 2- Escola Pacheco e Silva.....	60
Ilustração 3- Desenhos feitos por crianças anormais.....	62
Ilustração 4- Escala de inteligência – Escola Norberto de Souza Pinto.....	72

Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
I. Problema de pesquisa.....	15
II. Objetivos e hipóteses.....	16
III. Método.....	17
III.1. Escolha das fontes primárias e secundárias.....	17
III.2. Especificação das fontes.....	18
III.3. Coleta e Organização dos dados.....	22
III.4. Apresentação e discussão dos dados.....	23
IV. Conceitos básicos.....	24
CAPÍTULO I – NORBERTO DE SOUZA PINTO.....	38
I.1. Família e educação.....	38
I.2. A atuação profissional.....	43
CAPÍTULO II – A PROPOSTA EDUCACIONAL.....	47
II.1. O conceito de anormalidade.....	47
II.2. Educação, medicina e psicologia.....	59
CAPÍTULO III – A ANORMALIDADE E A EDUCAÇÃO.....	85
III.1. Normalidade e anormalidade na sociedade.....	85
III.2. Normalidade e anormalidade na educação.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104
ANEXO 1 Sobre Norberto de Souza Pinto.....	107
ANEXO 2 Uma Carta para meu filho.....	112
ANEXO 3 Fichas de Leitura.....	115

Introdução

A presente pesquisa visa analisar a proposta de educação para crianças anormais elaborada por Norberto de Souza Pinto, em especial a relação entre normalidade, anormalidade e educação. Entre 1916 e 1968, o educador atuou na educação primária do Estado de São Paulo, e é referido em história da educação especial, no Brasil, por Jannuzzi (2006) e Mazzota (2005), como um dos pioneiros no ensino de crianças anormais¹. Busca-se atingir o objetivo por meio da análise da obra, identificando os principais aspectos, como proposta pedagógica, justificativas e finalidades do ensino de crianças anormais adotadas pelo referido educador.

O termo anormalidade utilizado nesta pesquisa refere-se ao desvio do padrão considerado normal, ou seja, anormalidade é a caracterização dada ao indivíduo que por algum motivo não atende a conduta social esperada. As razões para que se atribuísse essa qualificação a alguém eram diversas; no entanto, quando ocorria, tal indivíduo era entendido como defeituoso, incapaz, doente, enfim, de modo geral, era considerado inferior. Nessa medida, se o anormal é o que foge do padrão de normalidade e a normalidade segue a lógica industrial pautada no acúmulo de capital econômico, só por meio da análise da anormalidade se evidencia o quanto a sociedade apresenta uma normalidade aparente. Sobre tal questão, Adorno traz a seguinte contribuição:

Aqueles de cujo pensamento e ação depende a mudança – a única coisa essencial –, devem justamente a sua existência ao inessencial, à aparência, na verdade ao que, segundo o critério das grandes leis da evolução histórica, pode surgir como simples acidente. Mas não é assim afetada toda a construção de essência e aparência? Medido pelo conceito, o individual tornou-se, de fato, algo tão inteiramente nulo, como antecipara a filosofia hegeliana; *sub specie individuationis*, porém, o essencial é a absoluta contingência, o sobreviver resignado e, por assim dizer, anormal. O mundo é o sistema do horror; por isso, demasiado o honra quem o pensa totalmente como sistema, pois o seu princípio unificador é a desunião, e esta concilia ao impor a inconciliabilidade do universal e do particular. A sua essência (*Wesen*) é a monstruosidade (*Unwesen*); mas a sua aparência, a mentira, é, em virtude da sua persistência, o lugar da verdade. (1951, p. 103)

¹ Anormais e anormalidade aqui são mantidas em decorrência do uso que o educador faz do termo, mesmo porque, no período, esses termos e outros como retardados, fracos de inteligência eram termos correntes. A discussão sobre as nomenclaturas só veio acontecer em um período histórico posterior, e, portanto, optou-se por mantê-los, evitando assim o anacronismo.

O mundo converteu-se em sistema de horror, na medida em que impôs ao indivíduo a nulidade de sua existência, pois tal indivíduo passou a ser subjugado ao sistema urbano industrial, que prima pelo desenvolvimento econômico e remete o indivíduo ao status de coisa passível de descarte. O conceito de normalidade pautado no ajustamento do indivíduo às necessidades da sociedade urbano-industrial é intrínseco à constituição do sistema capitalista. O modelo estratificado de sociedade que prevalece até a atualidade decorreu de uma organização que propôs a seguinte ordem: os homens com esclarecimento mantinham mais poder e por sua vez utilizaram esse poder como forma de controlar a natureza, convertendo-a em meio urbano idealizado pelo próprio homem, e o domínio sobre os homens menos esclarecidos. “O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo” (Horkheimer; Adorno 1985, p. 5). Esse modo organizacional livrou a humanidade aparentemente dos medos que a afligiam em relação à impotência que apresentavam diante das forças da natureza, a busca pela conversão do ambiente natural em obra lapidada pelo homem. Com esse objetivo, os homens de menor esclarecimento tornaram-se parte da maquinaria necessária para transformar a natureza. A partir de então, o saber equiparado ao poder perde sua real função de levar o homem a seu autoconhecimento e torna-se instrumento de escravidão dos indivíduos ao sistema que privilegia a máquina em detrimento do humano. “O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência” (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 5).

A destruição da autoconsciência faz com que a busca social pelo desenvolvimento econômico a qualquer custo torne-se normal e, assim, quanto mais o indivíduo buscar se adaptar às necessidades sociais contribuindo com sua própria vida para o desenvolvimento do todo, mais normal parece. Sendo assim, a normalidade se mostra enferma quando se define pelo prejuízo do humano em favor da sociedade industrial, e a anormalidade é o espelho dessa realidade, pois pela observação do que se entende por anormal se identifica a real anormalidade que repousa na lógica que justifica o conceito de normalidade.

O reino da coisificação e da normalização expande-se assim até a sua extrema contradição: o supostamente anormal e caótico. O incomensurável torna-se como tal comensurável, e o indivíduo dificilmente é já capaz de impulso algum que não possa mencionar-se como exemplo desta ou daquela

constelação publicamente reconhecida. Esta identificação exteriormente aceite e, por assim dizer, levada a cabo para além da dinâmica própria acaba por eliminar, juntamente com a genuína consciência que dele se tem, o impulso em si. Este torna-se um reflexo provocável e revogável de átomos estereotipados a estímulos estereotipados. (Adorno, 1951, p. 57)

Esse posicionamento da sociedade capitalista em relação à anormalidade incidiu no modo como a educação foi institucionalizada dentro do sistema urbano industrial. Tornou-se um meio de preparação do indivíduo para a atuação em sociedade, o que fez com que a educação trouxesse em seu bojo a premissa de normalidade relacionada com a função do indivíduo, ou seja, apto para o trabalho em favor do desenvolvimento da sociedade industrial.

A escolha do autor para tratar a relação entre anormalidade e educação foi determinada por motivos pessoais, profissionais e científicos. O primeiro se relaciona com o fato de Norberto de Souza Pinto ter lecionado em uma escola, denominada “Pacheco e Silva” em 1929. A referida escola está situada no Hospital do Juqueri, no município hoje chamado Franco da Rocha, onde vivo desde a infância. A existência do hospital psiquiátrico do Juqueri, antes mesmo da constituição do município, incidiu nas relações entre moradores e internos do hospital. Era o único espaço dedicado à saúde e, assim, atendia tanto aos internos, que, dependendo do diagnóstico, passeavam em grupos pelas dependências do hospital, quanto a população do município, fato que promoveu uma aproximação dos moradores da cidade com os internos do hospital.

As vezes que estive em atendimento naquele lugar com frequência eram tomadas pela incompreensão em relação a como uma sociedade permitia que um lugar como aquele pudesse existir sem intervenção. Na verdade, o que me impressionou foi que o hospital tornou-se símbolo da ruptura do indivíduo com a sociedade, ou melhor, com o mundo, pois, quem ultrapassou os muros do hospital como interno, não perdeu apenas a liberdade, perdeu a própria humanidade, estando, a partir de então, completamente subjugado a seu cuidador.

Desse modo a existência de uma escola para a infância anormal, no hospital do Juqueri, foi um fato intrigante para mim. Tendo sido um dos ícones de modernidade no atendimento de anormais, o hospital deixava aos moradores do município a certeza de que o hospital foi (e ainda é) um lugar de confinamento para indivíduos que não tinham condições de se relacionar socialmente. Por meio da leitura de alguns trabalhos acadêmicos sobre o hospital (Cunha,

1986; Neves, 2008; Pizzolato, 2008), ficou evidenciado que o sistema de confinamento ao qual o indivíduo nomeado anormal era submetido condenava-o ao esquecimento, sem chance de reinserção social. As indagações sobre a relação da anormalidade e educação conduziram-me ao interesse de pesquisar cientificamente como a educação, que na sociedade capitalista tem a função de preparar o homem para o seu convívio social, pode desempenhar seu papel em um lugar cuja função era de excluir definitivamente os internos desse convívio.

As primeiras tentativas de educar pessoas anormais surgiu ainda no período do império, por determinação de D. Pedro II (a escola para cegos foi fundada em 1854 e para surdos-mudos foi fundada em 1855); no entanto, “constituiu uma medida precária em termos nacionais (em 1872, com uma população 15.848 cegos e 11.595 surdos, atendiam-se 35 cegos e 17 surdos)” (Mazzotta, 2005, p. 28-29). Esta realidade se estendeu até o tempo de Norberto de Souza Pinto que a seu modo buscou contribuir com a oficialização do ensino para anormais na rede pública de ensino.

É possível constatar historicamente que a preocupação com educação da criança com anormalidade mental decorreu de iniciativas médicas (Pessotti, 1984; Jannuzzi, 2006; Mazzotta, 2005), além do que a educabilidade das crianças com anormalidade mental foi comprovada pelo médico Jean Itard² e seus estudos foram transformados tempos depois em método de ensino por Maria Montessori, também médica. As teorias sobre anormalidade oriundas da medicina incidiram no modo pelo qual a educação do anormal foi constituída. Desse modo para o desenvolvimento de um projeto pedagógico de ensino especializado houve no campo educacional dedicado ao ensino de crianças anormais uma forte presença dos recursos científicos e técnicos, procedentes da medicina e da psicologia.

A relação da educação com a medicina e a psicologia não constituiu uma questão menor, pois quanto mais científica e técnica fosse uma área do conhecimento, mais credibilidade e poder de influência essa área teria, nessa medida a educação apesar de possuir um fim específico não possuía autonomia suficiente para alcançar um status de ciência.

² Jean Marc Gaspard Itard é mencionado em história da educação especial como o primeiro a provar a educabilidade de crianças anormais. Essa ocorrência pode ser encontrada nos autores citados nesta pesquisa como estudiosos da educação especial.

O fato de o educador ter ministrado o ensino para crianças anormais no hospital do Juqueri constitui uma evidência da ordenação: a educação escolar foi alocada no hospital como uma intervenção complementar ao tratamento médico.

A construção dos hospitais nos moldes de colônia, como é o caso do Hospital do Juqueri, foi mais do que apenas uma solução para comportar pessoas anormais; foi um dos mecanismos de controle da ordem imposta pelo Estado, pois confinou em seus muros indivíduos que não se adaptaram às normas em vigor. A medicina respaldada pela disciplina médico-legal passou a ser um importante órgão regulador a serviço da normatização social, desencadeando um fenômeno historicamente conhecido por medicalização da sociedade (Lancman, 1995; Santos, 2008; Neves, 2008). Portanto, para situar a discussão sobre anormalidade faz-se necessário delimitar como aquela sociedade em conformação ao final do século XIX posicionou-se diante da anormalidade e como se propôs a enfrentar a questão.

O Hospital, parte integrante do complexo agrícola do Juqueri, foi inaugurado em 1898. Sua construção havia sido iniciada em 1896, com projeto arquitetônico assinado por Ramos de Azevedo, homem de grande representatividade em São Paulo (que, além do hospital, acumulou em sua lista de produção arquitetônica, obras como: Teatro Municipal de São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, entre outras). A escolha por Ramos de Azevedo foi apenas um dos detalhes projetados pelo idealizador do Hospital, Francisco Franco da Rocha.

O hospital do Juqueri tornou-se, no período, um símbolo dos novos tratamentos aplicados aos alienados. Em 1921, Franco da Rocha inaugurou um pavilhão do hospital dedicado ao tratamento de crianças anormais. Em 1929, no hospital, que estava sob a direção de um dos discípulos de Franco da Rocha, Antonio Carlos de Pacheco e Silva, foi inaugurada uma escola para educar as crianças anormais ali internadas. Alvim (1967) afirma:

O doutor Franco da Rocha, no ano de 1921, em São Paulo, construiu um pavilhão para as crianças no Hospício do Juquery que, mais tarde, em 1929, recebeu uma escola, Pacheco e Silva, sob a orientação pedagógica do professor primário, que desde 1917, trabalhava com retardados, professor Norberto de Souza Pinto, de Campinas. (Alvim apud Jannuzzi, 2006, p. 38)

Da informação acima, depreende-se que o educador Norberto de Souza Pinto passou a atuar naquela escola de anormais 12 anos após o início de sua carreira como professor. Após o ensino começar a ser ministrado em escola regular o impacto da medicina e da psicologia pode ser verificado, o que ocorre até a atualidade mesmo que em proporção diferente. Essa característica da educação, hoje mais perceptível na educação especializada, indica uma fragilidade da pedagogia como saber técnico, pois como apontam Horkheimer e Adorno (1985, p. 5), “a técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital”. E no caso da educação, as técnicas procedendo de outros campos do saber esvaziam sua credibilidade, mesmo que essa conclusão seja forjada pela aparência, posto que os fins da educação não se confundem com os fins da medicina, ou mesmo com os da psicologia. Ainda assim, caracteriza uma desqualificação da educação, que a inferioriza diante do status atingido pela medicina e pela psicologia.

Norberto de Souza Pinto desenvolveu seu trabalho em um período em que a educação passava pelo processo de institucionalização. Nessa medida, a proposta educacional desenvolvida pelo referido educador configurou um passo importante na constituição do campo da educação especializada. A circulação do trabalho de Norberto de Souza Pinto acerca da educação de anormais e a credibilidade que acompanhou sua trajetória justificam a importância de um estudo dedicado à análise da proposta do referido educador. Considerada a escassez de estudos sobre tal educador, essa pesquisa pode contribuir a preencher uma lacuna no que tange a compreensão histórica do campo da educação especializada.

Problema de pesquisa, objetivos, hipótese e método

I. Problema de pesquisa

A pesquisa visa investigar os principais aspectos que caracterizaram a proposta educacional de Souza Pinto para criança anormal, com o objetivo de responder a seguinte questão central:

1) Na proposta de educação de Norberto de Souza Pinto como foram estabelecidas as relações entre os conceitos de normalidade e anormalidade visando a escolarização da criança anormal?

Essa questão central depende de indagações que a pesquisa também pretende responder:

- 1) Qual o conceito de anormalidade presente na proposta educacional de Norberto de Souza Pinto e em que bases teóricas o referido conceito é pautado?
- 2) Qual a proposta de escolarização para a infância anormal o educador propôs e com que finalidade?

II. Objetivos e hipóteses

Associados às questões propostas, foram formulados os objetivos que se seguem:

- 1) Identificar e discutir os conceitos de normalidade e anormalidade presentes na proposta educacional de Norberto de Souza Pinto;
- 2) Verificar as bases teóricas que subsidiaram a definição de normalidade/anormalidade constante na proposta educacional do educador;
- 3) Examinar a proposta de escolarização de Norberto de Souza Pinto e sua finalidade.

A primeira hipótese desta pesquisa é a de que, na proposta de educação de Norberto de Souza Pinto, a concepção de normalidade e anormalidade foi predominantemente orientada pelos conhecimentos oriundo da medicina e da psicologia vinculada à biologia.

A segunda hipótese é pautada no discurso vigente ao período, pelo qual a adaptação do indivíduo adulto à sociedade conferia-lhe ao mesmo o conceito de normal. Dessa perspectiva, a segunda hipótese é a de que a finalidade da educação para Norberto de Souza Pinto visava a

adaptação dos anormais ao meio social; assim corrigir a anormalidade era incluir a criança anormal como elemento funcional à sociedade.

III. Método

O método utilizado resultou nas seguintes etapas: escolha das fontes primárias e secundárias, especificação das fontes, organização das fontes, elaboração de protocolo de leitura e coleta de dados, apresentação e discussão dos dados.

III. 1. Escolha das fontes primárias e secundárias

Para a escolha das fontes, como orientação, foram seguidos os seguintes critérios: 1) Os artigos escritos pelo autor durante um período que compreende 27 anos de atuação, o que permite considerar a consistência de sua proposta educacional; 2) Os documentos foram de circulação pública e direcionados aos profissionais da educação.

Para o levantamento bibliográfico sobre a obra do autor, duas indicações foram fundamentais para a aquisição de fontes. A primeira indicação possibilitou encontrar 33 artigos, dos quais 27 se converteram em fontes primárias, tal indicação foi fornecida pelo professor Bruno Bontempi que trouxe a meu conhecimento a existência desse conjunto de artigos de Norberto de Souza Pinto, catalogados na dissertação de Paula Perin Vicentini (1998). Foi possível então identificar que tais artigos foram escritos entre 1935 e 1960, para a *Revista do Professor*, publicados pelo Centro do Professorado Paulista, localizados no Instituto Sud Mennucci, em São Paulo. Durante a busca dos artigos nas revistas, foram localizados mais dois textos do educador escritos para a *Revista da Educação*.

As fontes secundárias são o livro de Norberto de Souza Pinto *A infância retardatária*, além de três textos de outros autores sobre Norberto de Souza Pinto, um deles encontrado na própria *Revista do Professor* e dois outros na *Revista de Educação*.

Por meio das indicações feitas por Jannuzzi (2006) e Mazzotta (2005), considerei pertinente procurar pelo livro, porque, mesmo com as fontes primárias em mãos, ele poderia ser um auxílio importante para a compreensão das questões da pesquisa. Consegui encontrar um exemplar da segunda edição do livro, com data de 1954. Das citações de Jannuzzi (2006), que utilizou a primeira edição, pude identificar diferenças quanto à paginação da primeira para a segunda edição. Outra diferença digna de nota é que na edição de 1954 consta uma coletânea de comentários sobre a primeira edição do livro que passou a constar da terceira edição. Apesar de muito rico em informações, a análise do livro e dos artigos se tornaria tarefa muito extensa para o fôlego que uma dissertação permite. Decidi então restringir a análise dos artigos. Assim, o livro se tornou fonte secundária.

III. 2. Especificação das fontes

As fontes são compostas por dois grupos: o primeiro corresponde às fontes primárias, que compreendem os artigos escritos por Norberto de Souza Pinto, e o segundo, às fontes secundárias: o livro *A infância retardatária* e os artigos escritos por outros autores sobre Norberto de Souza Pinto.

O conjunto de documentos é composto pelos seguintes títulos, arrolados em ordem temporal de publicação:

1) PINTO, Norberto de Souza (1933). O ensino dos anormais. *Revista da educação*, São Paulo.

2) _____. (1935). A educação dos anormais e dos débeis mentais. *Revista do professor*, São Paulo, ano II, n. 10, p. 29.

3) _____. (1935). A educação dos anormais escolares: a retardação mental. *Revista do professor*. São Paulo, ano II, n. 11, p. 5-6.

4) _____. (1935). Os anormais escolares. *Revista do professor*, São Paulo, ano II, n. 12, p. 8-9.

- 5) _____. (1936). A escola primária e a integridade nacional. *Revista do professor*, São Paulo, ano III, n. 15, p. 20.
- 6) _____. (1936). O médico escolar. *Revista do professor*, São Paulo, ano II, n. 17, p. 21.
- 7) _____. (1937). O cérebro: a prodigiosa máquina de pensar do homem do futuro. *Revista do professor*, São Paulo, ano IV, n. 18, p. 6-7.
- 8) _____. (1937). Evolução histórica da educação de anormais: resultados obtidos na Alemanha. Ano IV, n. 19, p. 25.
- 9) _____. (1937). Sigmundo Freud. *Revista do professor*, São Paulo, ano XVI, n. 22, p.30.
- 10) _____. (1943). A aprendizagem e as crianças anormais. *Revista do professor*, São Paulo, volume XXX, p. 84.
- 11) _____. (1950). Assistência educacional a crianças anormais. *Revista do professor*, São Paulo, ano VII, n. 5, p. 26.
- 12) _____. (1950). Educação de crianças anormais. *Revista do professor*, São Paulo, Ano VII, n. 5, p. 26, ago;
- 13) _____. (1950). Desajustamento escolar. *Revista do professor*, São Paulo, ano VII, n. 3, p. 5.
- 14) _____. (1952). Orientação e seleção profissional. *Revista do professor*, São Paulo, Ano X, n. 11, p. 10, fev;
- 15) _____. (1952). Pedagogia corretiva. *Revista do professor*, São Paulo, ano X, n. 13, p. 15-16.

- 16) _____. (1952). A psicologia infantil. *Revista do professor*, São Paulo, Ano X, n. 14, p. 25, nov;
- 17) _____. (1954). *A infância retardatária*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Irmãos Di Giorgio & Cia.
- 18) _____. (1954). A infância retardatária escolar. *Revista do professor*, São Paulo, ano XII, n. 20, p. 31.
- 19) _____. (1955). Debilidade mental. *Revista do professor*, São Paulo, ano XIII, n. 23, p. 33.
- 20) _____. (1955). Educação e Evolução. *Revista do professor*, São Paulo, ano XIII, n. 25, p. 11.
- 21) _____. (1956). A lucidez. *Revista do professor*, São Paulo, Ano XIV, n. 29, p. 12, ago;
- 22) _____. (1956). Ortofrenia. *Revista do professor*, São Paulo, ano XIV, n. 27, p. 10.
- 23) _____. (1957). Curso de ortofrenopedia para professor primário. *Revista do professor*, São Paulo, ano XV, n. 32, p. 14.
- 24) _____. (1957). Desajustamento. *Revista do professor*, São Paulo, Ano XV, n. 34, p. 28, set;
- 25) _____. (1959). Histórico do ensino das crianças anormais. *Revista do professor*, São Paulo, ano XVII, n. 47, p. 14.

26)_____.(1959). Ensino de débeis mentais. *Revista do professor*, São Paulo, Ano XVIII, n. 44, p. 18, maio, 1959;

27)_____. (1959). Professores especializados. *Revista do professor*, São Paulo, Ano XVII, n. 48, p. 16, out/nov;

28)_____. (1960). Lar e escola. *Revista do professor*, São Paulo Ano XIII, n. 51, p. 5-6, março.

As fontes secundárias são especificadas a seguir:

CESAR, Osório. (1929). A alfabetização das crianças anormaes. In: *Ecos da Terceira Conferência*, São Paulo, v. IX, n. 3, p. 389-393.

LIMA, Elsa. Resgatando a memória dos patronos. Vida e obra de Norberto de Souza Pinto. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*. São Paulo, ano XXII, n. 4. Disponível em: <http://www.bvs-psi.org.br/A.XXII_n.4_02.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2008

LOPES, Luis Simões. (1962). *O magistério como sacerdócio*. Rio de Janeiro: Livro S/A.

JANNUZI, Gilberta S. de M. (2006). *A educação do deficiente no Brasil*. 2ª Ed. Campinas: Autores Associados.

MENNUCCI, 1960. Sud. Infância retardatária. In: *Revista do Professor*, São Paulo, ano XIII, n. 51, p. 13-15, fev.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. (2005). Educação especial no Brasil. In: *Histórias e Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez

PINTO, Norberto de Souza. (1954). *A infância retardatária*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Irmãos di Giorgio.

III. 3. Coleta e organização dos dados

Por meio de uma triagem por título foi selecionado o primeiro grupo composto por 13 artigos que se relacionavam com educação de crianças anormais. Em uma leitura integral dos artigos foi redimensionado esse grupo para 27; para definir tal grupo foram usados como termo descritores elementos que compunham a proposta de Norberto de Souza Pinto: anormalidade, educação primária e educação de crianças anormais.

A investigação dos textos ocorreu em vários níveis, em um primeiro momento, por meio da leitura, foram selecionados os termos que se relacionavam com os elementos descritores, e a partir de então, foi aplicado à análise do texto propriamente dita.

Para selecionar os diferentes conteúdos veiculados nos artigos foi utilizada a classificação por parágrafos dos artigos ou blocos de parágrafos, por meio do levantamento de unidades de contexto. Essa aplicação possibilitou classificar e organizar os conteúdos por agrupamentos temáticos e, posteriormente, construir as categorias temáticas.

As categorias temáticas encontradas foram: conceituação, caracterização, causas, conseqüências, classificação e avaliação da anormalidade; formação profissional, procedimentos/orientações de atendimento, escola/educação de anormais.

Entre essas temáticas, foram organizados os seguintes eixos: O conceito de anormalidade e a educação dos anormais.

III. 4. Apresentação e discussão dos dados

Para definir o conceito de normalidade/anormalidade, este tópico compreende os seguintes subitens: definições do conceito, terminologias, caracterização das anormalidades, classificação das anormalidades e, por fim, causas da anormalidade. Portanto, neste primeiro tópico busca-se entender as delimitações sobre anormalidade para assim, traçar a definição do conceito de anormalidade disposto na proposta educacional do educador. O segundo tópico tem como foco as teorias a que se relacionaram ao conceito de anormalidade e por consequência à proposta do educador. Assim por intermédio das referências teóricas do educador esse tópico tem por objetivo tecer uma relação entre as referências do educador e as teorias que o influenciaram em sua proposta. O terceiro tópico analisa como o normalidade/anormalidade se relacionou com o processo de escolarização da criança anormal. No quarto e último tópico, é almejado discutir a finalidade da educação na proposta do educador.

Estrutura do trabalho

O capítulo primeiro é dedicado a apresentar o educador, desde suas relações familiares até suas atuações profissionais.

O segundo capítulo expõe os dados coletados durante o levantamento de dados. Esse capítulo é constituído dos seguintes subtítulos: a proposta educacional de Norberto de Souza de Pinto; o conceito de anormalidade; educação, medicina e psicologia.

O terceiro capítulo contempla a análise dos dados sob a luz da teoria crítica da sociedade.

IV. Conceitos básicos

A relação da sociedade capitalista com a normalidade e anormalidade é entendida, nesta pesquisa, como fator decisivo na estruturação do modelo educacional tanto para crianças normais quanto anormais. Como mencionado, o processo de industrialização trouxe consigo uma série de alterações na configuração da sociedade que no período era predominantemente rural. As mudanças ocorridas durante o referido processo modificaram as relações entre o homem e a natureza, além da relação entre os próprios homens. Com base nesta premissa, faz-se necessário tratar o modo de organização da sociedade capitalista burguesa, para melhor compreensão da relação entre normalidade e anormalidade e a sociedade e, em decorrência, a relação da normalidade e anormalidade e educação.

Para orientar a pesquisa, três conceitos foram entendidos como fundamentais quais sejam: racionalidade tecnológica, ciência e tecnologia e educação, tal qual discutido pelos autores da teoria crítica, em especial Adorno, Horkheimer e Marcuse. A opção por estes conceitos foi pautada na necessidade de compreender a relação da normalidade e anormalidade com a educação, que, por sua vez, está condicionada ao modo organizacional social. Do referido condicionamento, a educação é entendida como parte um do aparato tecnológico ao qual estão submetidas às sociedades desde a revolução industrial, do século XVIII, que ocorreu no Brasil quase um século depois a partir da proclamação da República. Assim, a atuação da escola, como difusor educacional, está condicionada ao processo social e funciona como uma das vias de disseminação dos interesses do Estado, e assim se converte em aparelho ideológico do poder estatal.

No modelo de sociedade em constituição no Brasil a partir da proclamação da República, a organização social decorreu dos princípios do sistema capitalista de produção, assim as mercadorias passaram a ser produzidas e orientadas por interesses voltados ao lucro, bem como o conhecimento passou a ser sinônimo de poder. No modelo de sociedade industrial, o aparato³ que compreende a lógica funcional da sociedade se desenvolveu com o objetivo de legitimar e sedimentar as condições de vida existentes.

³ Aparato aqui é entendido tal qual a formulação de Marcuse (1999): designa as instituições, dispositivos e organizações da indústria em sua situação social dominante.

A transformação do aparato em sistema modificou as relações sociais. Tanto os seres humanos, quanto suas vidas foram redimensionados como simples detalhes; nessa circunstância, o indivíduo tornou-se passível de descarte. O modelo de lógica que subsidia esse modo de agir surgiu calcado em um modelo de pensamento que atingiu seu início no período do Renascimento. Os homens foram transformados em peças que poderiam ser substituídas sem danos relevantes para o sistema.

Não apenas são as qualidades dissolvidas no pensamento, mas os homens são forçados à real conformidade. O preço dessa vantagem, que é a indiferença do mercado pela origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias, é pago por elas mesmas ao deixarem que suas possibilidades inatas sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado. (Horkheimer; Adorno, 1985 p. 9)

O conceito de normalidade/anormalidade foi organizado de acordo com o modo pelo qual se estabeleceu a relação do indivíduo com a sociedade. Assim, o caminho percorrido para conceituar o indivíduo na sociedade capitalista, no qual se situa esta pesquisa, incide diretamente no conceito de normalidade/ anormalidade, pois nesta perspectiva, o modo como a sociedade e indivíduo se relacionam estabelece a margem entre normalidade e anormalidade.

Demonstrar a maneira como os conceitos aqui selecionados foram engendrados na conformação da sociedade desde o século XIII, a partir dos ideais iluministas até as transformações oriundas da revolução industrial, busca expressar os elementos que concorreram para a conceituação da anormalidade em nossa sociedade tal qual se sedimentou no período e em determinada medida sobrevive até hoje.

O conceito de anormalidade não ocorre por si só, configurando-se de fato, como um fenômeno social. Nessa medida, faz-se necessário apresentar as características da sociedade na qual se situa tal conceito, posto que, de acordo com os aspectos que definem cada sociedade, ocorre uma variação que inviabiliza entender o conceito de anormalidade como universal.

Para delimitar o espaço pretendido para discussão sobre anormalidade, o primeiro conceito básico aqui tratado é o de racionalidade tecnológica, bem como o desenvolvimento desse conceito na relação do indivíduo com a sociedade.

O segundo conceito básico é o de ciência e tecnologia, que subsidia a permanência e a manutenção da racionalidade tecnológica, busca assinalar a importância destes elementos fundamentais para a perpetuação da sociedade tal como se compõe e que por sua vez perpetua também o conceito de anormalidade.

O terceiro conceito básico é o de educação, que dispõe sobre a configuração do espaço educacional na sociedade capitalista. Busca-se compreender como se constituiu o próprio conceito de educação escolar e que lugar coube à educação nesta sociedade.

Dada a relevância da compreensão do modo de relação entre indivíduo e sociedade mediada pela racionalidade tecnológica, subsidiada pela ciência, na análise do conceito de anormalidade oriundo desse processo, passa-se a um breve relato de como o ideário iluminista incidiu nesta conformação e como o desenvolvimento histórico desembocou na forma de relação que permanece em determinada medida até a atualidade.

Racionalidade Tecnológica

Desde o século XIII, período que marcou o início do Renascimento, as concepções e noções de ciência, arte e filosofia sofreram relevantes transformações, assinalaram historicamente a transição entre a Idade Medieval e Idade Moderna. O Renascimento propôs uma redescoberta da cultura clássica que norteou as mudanças do período na busca de um ideal humanista e naturalista.

A base filosófica do Renascimento foi chamada de Humanismo, que para além de um corpo filosófico se constituiu em um método para leitura do mundo que fez uso da razão e das indicações empíricas para obter resultados, tendo a consulta a textos clássicos originais como parte do método. Neste ponto, diferencia-se drasticamente da escolástica medieval cujo objeto

era apenas a contraposição entre os conhecimentos dos textos clássicos originais e seus comentaristas.

Esse fenômeno proporcionou a composição de um corpo eclético de saberes que possibilitou a adaptação de conceitos preexistentes, como, por exemplo, os de perfeição e progresso de acordo com interesses particulares de um grupo dominante.

A principal consequência da aplicação desse método foi uma compreensão predominantemente antropocêntrica e racionalista do mundo, em que o homem (seu raciocínio lógico e sua ciência) passou a ser árbitro da vida manifesta.

Dois principais pontos predominaram nas discussões ao período: um dizia respeito à condição dos indivíduos, acerca das posições que ocupavam e dentro da nova lógica que posições deveriam vir a ocupar, bem como ao seu potencial de realização diante das possibilidades sociais; o segundo ponto, tão fundamental quanto o primeiro, ocupou-se da reformulação das bases científicas e do modo de operar da ciência.

Em relação ao primeiro ponto, cabe compreender como se estabelece a relação do indivíduo com a sociedade.

Horkheimer (2007, p. 34) ressalta como o indivíduo é considerado pela sociedade desde a Antiguidade. Aristóteles e Platão pensavam uma sociedade em que os indivíduos estivessem totalmente sob controle, adequados e formados conforme as exigências do sistema social. Por outro lado, Sócrates só considerava como indivíduo aquele ser que não se colocava prontamente à disposição da sociedade, mas que, ao invés disso, refletia conscientemente antes de realizar suas escolhas e ações. Horkheimer também menciona que no liberalismo essas discussões filosóficas foram deixadas de lado e a individualidade foi reduzida às condições materiais do sujeito. Porém, cada vez menos existem condições para a maioria dos indivíduos se afirmar por meio das suas condições materiais.

Diante dessas modificações, o indivíduo adquire no modelo de idealização humanista uma dependência da sociedade, na medida em que o primeiro só existe em decorrência do segundo. Desse modo, a sociedade se tornou um agrupamento de indivíduos, convertido por sua vez em um único organismo. Nessa medida, em função da sobrevivência do organismo,

pode-se entender como razoável uma possível perda de células (indivíduos) em função do perfeito funcionamento do todo social.

Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual. [...] A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo. (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 9)

Marcuse (1999), por sua vez, expõe uma mudança, pois destaca que se tentarmos unificar em um conceito principal as várias tendências religiosas, políticas e econômicas que moldaram a idéia de indivíduo nos séculos XIV à XVII, teríamos no conhecimento racional o modo mais adequado na busca do desenvolvimento humano, promovendo o fortalecimento da individualidade e a não contribuição para a aniquilação do indivíduo em favor da sociedade.

O indivíduo como o sujeito de certos padrões e valores fundamentais que nenhuma autoridade externa deveria desrespeitar. Esses padrões e valores diziam respeito às formas da vida, tanto social quanto pessoal que se mostravam mais adequadas ao desenvolvimento total das faculdades e habilidades dos homens. O indivíduo, como ser racional, era considerado capaz de encontrar estas formas através do seu próprio raciocínio e, uma vez que tivesse adquirido a liberdade de pensamento, capaz de efetuar a ação que as transformasse em realidade. O dever da sociedade era conceder ao indivíduo tal liberdade e eliminar todas as restrições à sua linha de ação racional. (Marcuse, 1999, p. 75)

A orientação do indivíduo no período renascentista previu que o homem tinha de superar todo o sistema de idéias e valores que lhe era imposto, para encontrar e apossar-se das idéias e valores que se ajustassem ao seu interesse racional. Àquela época, o indivíduo era obrigado a viver num estado de vigilância constante e rejeitar tudo que não fosse verdadeiro nem justificado pela razão.

Essa maneira de pensar, que, de certo modo, preservava o indivíduo, era produto de um princípio de individualismo condicionado pela afirmação de que o interesse próprio era racional e resultante de um pensamento guiado e controlado pela autonomia. A possibilidade

de realização dessa racionalidade pressupunha um ambiente social e econômico adequado, e a sociedade liberal era considerada adequada a essa racionalidade individualista.

Para realizar esta racionalidade pressupunha-se um ambiente social e econômico adequado, um ambiente que atraísse indivíduos cuja conduta social fosse, pelo menos em grande medida, seu próprio trabalho. A sociedade liberal era considerada o ambiente adequado à racionalidade individualista. Na esfera da livre concorrência, os feitos tangíveis do indivíduo que transformava seus produtos e ações em parte das necessidades da sociedade eram as marcas de sua individualidade. No decorrer do tempo, no entanto, o processo de produção de mercadorias solapou a base econômica sobre a qual a racionalidade individualista se construiu. A mecanização e a racionalização forçavam o competidor mais fraco a submeter-se ao domínio das grandes empresas da indústria mecanizada que, ao estabelecer o domínio da sociedade sobre a natureza, aboliu o sujeito econômico livre. (Marcuse, 1999, p. 76)

É na sociedade liberal, que tem por princípio a compreensão do homem como ser livre e racional, que ocorrem várias mudanças em decorrência da sociedade industrial transformar as relações de um modo que posicionam o indivíduo contra seus interesses, bem como a ciência e a tecnologia contra os interesses da humanidade. Desse modo, as características da individualidade repousaram sobre a transformação dos produtos e ações individuais em necessidades sociais.

Com o advento do processo industrial moderno, o conhecimento científico propiciou a concentração do poder tecnológico em determinados agrupamentos industriais. Esse fato desencadeou um processo de mecanização e racionalização que provocou a submissão dos menos poderosos. A eficiência das grandes indústrias foi justificativa que legitimou a reunião de tal concentração de poder tecnológico e econômico em poucas mãos. Em busca da produtividade calcada na eficiência foi desenvolvida uma ordenação para evitar desperdícios e aumentar os lucros que tinha por princípio erradicar qualquer obstáculo que se opusesse ao perfeito funcionamento do modo industrial. Desse modo, o que não favorecesse o princípio da eficiência competitiva deveria ser eliminado, até mesmo o próprio pensamento, que devia estar moldado para aceitar as condições exigidas por tal aparato.

Sob o impacto desse aparato, a racionalidade individualista se viu transformada em racionalidade tecnológica. De modo algum está confinada aos sujeitos e objetos das empresas de grande porte, mas caracteriza um modo difundido de pensamento e até mesmo as diversas formas de protesto e rebelião. Esta racionalidade tecnológica estabelece padrões de julgamento e fomenta atitudes que predispõem os homens a aceitar e introjetar os ditames do aparato. (Marcuse, 1999, p. 77)

A alteração do padrão mental desencadeado pela racionalidade tecnológica erradica o pensamento autônomo, substituindo-o pelo pensamento padronizado, que prioriza os interesses da indústria sobre os interesses da humanidade. Nessa medida, ainda de acordo com Marcuse:

As distinções individuais de aptidão, percepção e conhecimento, são transformadas em diferentes graus de perícia e treinamento, a serem coordenados a qualquer momento dentro da estrutura comum dos desempenhos padronizados.[...] O indivíduo eficiente é aquele cujo desempenho consiste numa ação somente enquanto seja a reação adequada às demandas objetivas do aparato, e a liberdade do indivíduo está confinada à seleção dos meios mais adequados para alcançar uma meta que ele não determinou. Enquanto o avanço individual independe de reconhecimento e se consuma no próprio trabalho, a eficiência é um desempenho recompensado e consumado apenas pelo valor do aparato. (Marcuse, 1999, p. 78)

Desse modo, a sociedade industrial encerra em si mesma o fator de fomento à continuidade de um padrão de pensamento que sustenta e repõe a ordem social. A disposição do assunto até aqui apresentado indica a importância de compreender o segundo conceito básico desta pesquisa, composto por dois elementos fundamentais para manutenção da racionalidade tecnológica que auxilia a sedimentação ou perpetuação desta racionalidade até os dias de hoje, a saber: a ciência e a tecnologia.

Ciência e Tecnologia

Como anteriormente citado, as preocupações sobre os rumos e os objetivos da ciência eram recorrentes no discurso humanista da época do Renascimento. A ciência e a tecnologia possivelmente sempre tiveram relação, no entanto, a intensificação dessa relação ocorreu em determinado momento histórico e, assim, a ciência passou a se submeter ao modo de operar da tecnologia.

Carone (2003, p. 12) menciona que:

Francis Bacon, no século XVII declarou e anunciou os tempos da servidão da ciência à tecnologia [...] ele foi o primeiro filósofo a propor o método experimental para o estudo da natureza. Mais afinado com os interesses da ciência moderna, propunha a descoberta das leis da natureza por meio de um método experimental e a transformação técnica da natureza por meio da aplicação de suas leis.

Em sua obra a *Instauratio magna* (Grande Instauração), Bacon propõe uma reforma completa do conhecimento. Para ele, saber se relacionou a poder, conforme a interpretação de Horkheimer e Adorno:

Apesar de alheio a matemática, Bacon captou muito bem o espírito da ciência que se seguiu a ele. O casamento feliz entre o entendimento humano e a natureza das coisas que ele tem em mente é patriarcal: o entendimento que vence a superstição deve imperar sobre a natureza desencantada. O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. Do mesmo modo que está a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à disposição dos empresários, não importa sua origem. Os reis não controlam a técnica mais diretamente do que os comerciantes: ela é tão democrática quanto o sistema econômico com o qual se desenvolve. (1985, p. 5)

A sistematização de um modo de operar sobre a natureza possibilita que o acúmulo de conhecimento submeta cada vez mais a natureza ao controle do homem. O ponto central do sistema operacional é a técnica que viabiliza métodos específicos de atual de acordo com o objeto a ser estudado, ou dominado pelo saber. Assim a técnica subordinou a produção da

ciência. Nessa medida, a ciência cumpre a função de aperfeiçoar a técnica que, por sua vez, aumenta seu poder de coerção sobre o indivíduo por meio de sua aplicação.

A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. As múltiplas coisas que, segundo Bacon, ele ainda encerra nada mais são do que instrumentos: o rádio, que é a imprensa sublimada; o avião de caça, que é uma artilharia mais eficaz; o controle remoto, que é uma bússola mais confiável. O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 5)

O que Bacon propôs foi um método que permitisse acumular saber, que por sua vez pudesse ser convertido em prática de poder do homem sobre a natureza.

De acordo com Sass (2008, p. 55), os três pilares que fundamentam a proposta científica de Bacon foram reorganizados pelos enciclopedistas Diderot e D'Alambert:

Desde que René Descartes enunciou o método da dúvida como o único capaz de proporcionar ao homem idéias claras e distintas, Francis Bacon ter apresentado, em um quadro, o seu sistema geral do conhecimento, baseado nas três faculdades do entendimento (Memória, Imaginação e Razão), e, no século XVIII, Diderot e D'Alambert, terem publicado a Enciclopédia ou Dicionário Raciocinado das Ciências, das Artes e dos Ofícios – por uma sociedade de letrados, consolidou-se o caminho para o desencantamento do mundo por meio da ciência. As faculdades do entendimento dispostas, no sistema baconiano, na sequência: Memória – Imaginação – Razão, são reordenadas pela sequência Memória (História) – Razão (Saber) – Imaginação (Poesia), na árvore enciclopédica de Diderot e D'alembert.

A inversão efetivada pelos enciclopedistas legitima a supremacia da razão sobre a imaginação. A razão segue uma lógica de calculabilidade dos objetos a que se propõe analisar, em decorrência da matematização. De acordo com Horkheimer e Adorno (1985), desenvolve-se a lógica formal:

A lógica formal era a grande escola da unificação. Ela oferecia aos esclarecedores o esquema da calculabilidade do mundo. O equacionamento

mitologizante das idéias com os números nos últimos escritos de Platão exprime o anseio de toda desmitologização: o número tomou-se o cânon do esclarecimento. As mesmas equações dominam a justiça burguesa e a troca mercantil. (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 6)

O resultado decorrente da reorganização enciclopedista foi a transformação da técnica e do método em instrumento de legitimação racional científica, conhecida por razão instrumental.

Essa razão amparada pela lógica formal equipara coisas que não possuem pontos em comum. As possibilidades de atribuir significado às coisas são guiadas pela lógica formal em favor da racionalidade tecnológica, que por sua vez imputa aos indivíduos da sociedade a submissão ao sistema, pela força do aparato.

Ocorre então um deslocamento na ordem das relações sociais, que obrigou o indivíduo a se equiparar à máquina, ou melhor, dentro do modo de organização das relações regidas pelo capital o indivíduo passou a ser de certa forma também mercadoria.. Essa lógica propõe uma desumanização dos indivíduos, ou coisificação do ser humano como afirmam Horkheimer e Adorno:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. [...] O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos. (1985, p. 22)

As ciências naturais ou exatas tinham objetos mais facilmente mensuráveis e passíveis de experiências, o que não ocorria com as ciências humanas, posto que seu objeto apresentava características difíceis de mensurar, como até hoje é, por exemplo, mensurar com exatidão os limites e possibilidades da mente humana.

No entanto, os modelos matemáticos utilizados nas ciências naturais foram transferidos para as ciências humanas, pois o que não pudesse ser certificado cientificamente não era legitimado ou dado crédito. Na busca de legitimação científica, as ciências humanas e biológicas lançam mão do sistema matemático na ânsia de padronizar o indivíduo.

A antropometria é uma ciência que se dedica à mensuração de medidas físicas humanas na busca de um padrão que defina com exatidão um indivíduo com proporções consideradas perfeitas e que sirva de modelo para o processo de normatização da população. A utilização do sistema métrico, ou modelo matemático de medição humana, foi absorvida da arte.

Foi provavelmente Albrecht Dürer (1471-1528) que marcou o início da ciência antropometria. Ele tentou categorizar a diversidade de tipos físicos humanos de acordo com uma observação sistemática e medição de um largo número de pessoas. No entanto, neste período renascentista a teoria da estética permanecia a mais importante. O desenho de Leonardo da Vinci (1452-1519) no qual um homem é mostrado inscrito dentro de um quadrado e de um círculo deriva diretamente de Vitruvius, e é uma das imagens mais conhecidas na arte. A ciência antropométrica desenvolveu-se no século XIX e princípio do século XX. Era o tempo onde eram feitas tentativas para subdividir e classificar a raça humana de acordo com as dimensões físicas. (Santos; Fúção, 2003, p. 2)

A possibilidade de mensuração do homem com base em dados matemáticos convergia com a necessidade de imputação da lógica formal que tinha o mesmo princípio científico de racionalizar as coisas. A antropometria serviu de instrumento para fundamentar vários estudos que fortaleceram a teoria de uma raça superior que submeteria a seu domínio as outras raças menos aptas.

A utilização de estatísticas na mensuração dos fenômenos psíquicos foi difundida principalmente a partir da teoria de eugenia de Francis Galton, que aplicou uma sistematização matemática no estudo das raças com base na teoria da evolução. A teoria da eugenia tinha como objetivo, por meio da mensuração física e psicológica, determinar que o branco europeu era a raça mais desenvolvida e forte e que, portanto, como rezava a teoria da evolução das espécies, deveria prevalecer e sobrepujar as demais espécies, qualificadas como fracas.

A teoria eugênica foi largamente aceita, na sociedade, por meio da área médica. A estatística deu suporte para que se pusesse por em prática a medição dos indivíduos e suas respectivas classificações.

Segundo R. J. Herrnstein, a mensuração da inteligência começou com a obra de Francis Galton, primo de Charles Darwin e autor do *Hereditary Genius* (1869). Galton tentou aplicar a teoria de Darwin da evolução biológica à evolução da sociedade humana e à sua estratificação em classes altas e baixas, bem como aquilo que ele considerava serem raças superiores e inferiores. Na qualidade de “social-darwinista” Galton acreditava que as famílias eminentes da Grã-Bretanha tinham sido selecionadas na luta social pela sobrevivência dos mais aptos devido a seus caracteres biológicos superiores. Em consequência desta opinião, Galton tornou-se o fundador da eugenia, a tentativa para melhorar a qualidade da “raça” por métodos biológicos e para impedir as “raças e classes inferiores” de degradarem a qualidade global da raça humana. (Lawler, 1978, p. 62)

Como a lógica formal foi fundamentada pela lógica industrial, os indivíduos que apresentassem peculiaridades caracterizadas como defeito seriam analisados como peça defeituosa de uma máquina que deveria funcionar perfeitamente. Nesta perspectiva, a sociedade se equipara a um organismo saudável que, por sua vez, se equipara à maquinaria em pleno funcionamento, assim como o indivíduo que não funciona ordenadamente é equiparado à peça danificada. Por meio dos testes antropométricos e psicométricos, os médicos, psiquiatras e psicólogos experimentais traçavam o destino dos indivíduos em averiguação de escala classificatória. Nesta escala gradativa, havia uma variação de graus de acordo com raça, classe, medidas (antropométricas e psicométricas) entre outras variáveis que se estendiam até o limite da normalidade, caracterizada pelas possibilidades de submissão ao aparato tecnológico de dominação.

Ultrapassado os limites normais, iniciava-se então a parte da escala que determinava o quão distante o indivíduo estaria da normalidade e que tratamento lhe seria atribuído. Para alocar os indivíduos que se distanciassem consideravelmente, foram construídos locais de exclusão, como cárceres, manicômios, asilos e tantos outros lugares de confinamento dos anormais, ou desajustados sociais.

A sociedade capitalista sustenta e é sustentada por uma forma de pensamento que traz uma série de implicações para a sociedade e os indivíduos. Essas implicações vão da *paralisia da crítica* à *absorção completa* do indivíduo pelo sistema social. Os indivíduos permanecem impossibilitados de reagir ao que está estabelecido, e a ciência e a tecnologia que possuem o potencial de libertá-los são as principais responsáveis por essa total absorção. Assim racionalidade tecnológica não está restrita a uma classe social ou a um determinado setor da sociedade; pelo contrário, estende-se por todas as esferas: do lazer à produção de conhecimento científico. Daí, podemos concluir que a imposição da racionalidade tecnológica indicou que, os jovens não aprendiam modos de fortalecer sua identidade, mas sim como aceitar essa forma de pensar – e em conseqüência, de se comportar – que já lhes era transmitida desde à infância, primeiro pela família, depois na escola.

Para realizar esta racionalidade pressupunha-se um ambiente social e econômico adequado, um ambiente que atraísse indivíduos cuja conduta social fosse, pelo menos em grande medida, seu próprio trabalho. A sociedade liberal era considerada o ambiente adequado á racionalidade individualista. Na esfera da livre concorrência, os feitos tangíveis do indivíduo que transformava seus produtos e ações em parte das necessidades da sociedade eram marcas da sua individualidade. No decorrer do tempo, no entanto, o processo de produção de mercadorias solapou a base econômica sobre a qual a racionalidade individualista se construiu. A mecanização e racionalização forçaram o competidor mais fraco a submeter-se ao domínio das grandes empresas da indústria mecanizada que, ao estabelecer o domínio da sociedade sobre a natureza, aboliu o sujeito econômico livre. (Marcuse, 1999, p. 76)

O processo de dominação foi subsidiado pelo aparato tecnológico imputando uma ordenação social normatizadora, e o indivíduo que não se adaptou as normas foi designado anormal. Nessa medida não importava se os motivos que desqualificavam esses anormais eram provenientes de fatores mentais, orgânicos, sociais, econômicos, ou outra natureza, importante era apenas frisar que os desajustados sociais ameaçavam a ordem social e por isso deveriam ser extirpados, como mal que abate sobre o corpo sadio.

Educação

O conceito de educação é apresentado em Adorno como um caminho para evitar a que as gerações futuras sejam coniventes com a barbárie, como explicita a seguir:

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. (Adorno, 1995, p.117)

A preocupação expressa na citação acima demonstra que a educação não poderia ter como meta apenas preparar o indivíduo para a sociedade ou mercado de trabalho, mas sim ser um recurso de fato para a formação do mesmo, de modo que pudesse possibilitar ao futuro cidadão não apenas identificar os mecanismos de controle aos quais está exposto como também ter força social e política para atuar na modificação de tais mecanismos. Essa incumbência direcionada a educação, não deixa de contemplar o fato de que a educação, não pode eximir-se de preparar para a sociedade capitalista no, entanto, não poderia tornar essa adaptação do indivíduo à sociedade seu único objetivo.

Libertar as futuras gerações da barbárie, seria de acordo com Adorno, a função principal da educação escolar, pois por meio de uma formação crítica que possibilitasse o amadurecimento da consciência no indivíduo, o quadro ocorrido em Auschwitz poderia ser erradicado definitivamente.

Capítulo I

Norberto de Souza Pinto

I.1 – Família e educação

Norberto de Souza Pinto nasceu em Campinas, no Estado de São Paulo, em junho de 1895, filho dos campineiros, Emydio de Souza Pinto e Angélica do Amaral Pinto. De origem humilde, com a perda o pai aos quatro anos sofreu problemas financeiros junto com mãe. Desde então, teve que associar o trabalho ao estudo para ajudar nas despesas de casa, como comenta Frank Mark, em depoimento no livro de Luis Lopes *Magistério como Sacerdócio*, em homenagem a Norberto de Souza Pinto:

A mãe enviudara aos vinte anos. Pobre, buscava o pão de cada dia, para si e ao filho único, na penosa arte de coser. O pequenino Norberto entendeu a situação aflitiva. Aos seis anos, tão já, empregou-se num velho açougue da praça, na missão de entregador. Levantava-se de madrugada: quatro e meia. Saía, ao depois, pelas ruas, sonolentas e escuras, distribuindo carne, aqui e acolá, assobiando sempre prô medo espantar. Salário: três mil réis, por mês. (Lopes, 1962, p. 13)

Durante o período em que não estava trabalhando, dedicava-se aos estudos, conseguindo resultados relevantes:

Corria o dia e ele corria aos livros, numa ânsia precoce de saber. Foi aluno da famosa Castorina Leme Cavalheiro. Três anos de açougue, três anos de primário. Concluiu o curso com distinção. A então Intendência Municipal presenteou o menino com um livro sobre a vida de Carlos Gomes. (Lopes, 1962, p. 14)

Em relação ao livro sobre a vida de Carlos Gomes, é possível inferir que essa leitura teve um impacto significativo na formação do educador. Além de estudar na escola Carlos Gomes,

onde posteriormente graduou-se no magistério, escreve um artigo em 1937 exortando o referido homem, e sob o nome de Instituto Carlos Gomes inaugura, anos depois, a primeira Escola do Estado de São Paulo, na cidade de Campinas para formação especializada de professores primários.

Norberto de Souza Pinto era negro, como, pode-se perceber na foto, a seguir, onde aparece na turma do primário da professora Castorina Leme Cavaleiro. Esse é um fator relevante, pois ao final do século XIX, a teoria da eugenia desenvolvida por Galton propunha no período a inferioridade da raça negra e indígena e a superioridade da raça dos brancos europeus. Neste sentido, quanto mais o indivíduo se afastasse das qualidades físicas dos brancos europeus, mais seu intelecto era tido como inferior em inteligência. Essa foi mais umas das dificuldades enfrentadas por Norberto de Souza Pinto em sua trajetória de vida. Não foi possível identificar conseqüências deste fator, no material aqui selecionado para pesquisa, pois o aspecto racial é apenas mencionado uma única vez no artigo “Movimento negro e educação”, em que os autores mostram a importância da alfabetização no período e como Norberto de Souza Pinto já atuava na luta pela melhoria do sistema educacional do Estado de São Paulo.

Já em 1924, o periódico *Getulino* divulgava longo artigo do estudioso negro, prof. Norberto de Souza Pinto, que discorria sobre “a desanalfabetização”, destacando conveniência de políticas públicas e tentando a convencer seus leitores da importância do domínio das letras. (Getulino, 1924, apud Gonçalves; Silva, 2009, p. 142)



44 — Grupo de alunos, em foto tirada em 1901, da professora Castorina Cavalheiro. Entre eles, na fileira de baixo, sentados, assinalado se acha Norberto de Souza Pinto, que seria eminente educador especializado na educação de deficientes mentais e há pouco falecido.

Ilustração 1

Após sua alfabetização, continua seus estudos e aos quatorze anos de idade começa a trabalhar como guardador de livro:

Meninote de catorze anos, calças curtas, Norberto empregou-se como guarda-livros do Hotel Europa, da propriedade do Sr. Joaquim Villac. Salário: trinta e cinco mil réis. Exatinho o aluguel da casa, onde morava com a mãe. (Lopes, 1962, p. 14)

Com dezesseis anos, determinou como meta cursar a Escola Complementar⁴, com a intenção de ingressar no magistério. No entanto, era necessário frequentar aulas preparatórias pagas para o ingresso no curso, e em virtude de suas dificuldades financeiras não foi possível. Decidiu então, formar um grupo de estudos, o qual orientou até o período dos exames. De acordo Frank Mark, todos tiveram êxito.

⁴ Curso necessário para atuar como professor primário, pois no período ainda não havia curso normalista.

Reuniu oito moças, que a feição dele, também aspiravam ao magistério e começou a prepará-las, em aulas particulares, para os exames de admissão. Mestre e alunas passaram. Hoje o venerado professor leciona para as netas de algumas dessas antigas alunas. (Frank Mark in Lopes, 1962, p. 14)

Após o ingresso no pretendido curso mencionado, só foi possível a conclusão do mesmo com ajuda de dois homens que subsidiaram os custos do curso, como ressalta Lopes (1962, p. 14):

Dom Nery, o caridoso, pagava as taxas semestrais. Tomas Alves, o inesquecível, custeava-lhe os livros. Na formatura não pode receber o diploma. Faltava-lhe níquel para a taxa costumeira da retirada do mesmo. Ainda hoje por costume é claro – dorme nos cansados arquivos do Instituto de Educação.

No ano de 1917, Norberto de Souza Pinto foi designado pelo Estado para ministrar aulas em um bairro de Campinas, chamado Frontão. Assumiu um grupo de alunos na escola masculina e identificou crianças que estavam em uma mesma série durante vários anos, na busca de compreender os fatores que geraram aquelas repetências. Desenvolveu por iniciativa própria uma escola em sua casa, onde ministrava aulas aos alunos com dificuldade de aprendizagem, à noite, nos horários de folga. Essa escola sobrevive até hoje com o nome de Instituto Prof. Norberto de Souza Pinto, em Campinas, e é dirigida pelos familiares do educador, a filha mais velha do educador e uma das netas. A constituição de sua família também se iniciou no ano de 1917, quando se casou e veio a ter seu primeiro filho:

Em 1917, o nosso mestre casava-se. Certa feita seu forte e lindo garoto, de apenas dez meses adoeceu inesperadamente. Infecção intestinal. A febre maldosa cresceu aos altos, trazendo em seu bojo a maldição da meningite. O jovem pai desesperou-se. Previu claramente o futuro triste e sombrio daquela criança. Quedou-se de joelhos e pediu a Deus, que por misericórdia a levasse. Não queria contar entre seus alunos retardados seu próprio filho. E naquela mesma noite, surgiu mais um anjinho no céu. Na terra mais uma lágrima quente e dorida orvalhou a face de um jovem pai.... Prometeu, então, dedicar-se, ao longo de sua vida, à salvação de milhares de outras crianças, que não morreram... (Lopes, 1962, p. 16)

O mesmo se dedicou à educação dos anormais, mas não deixou de admitir o fato de que uma criança apresentar deficiência constituía um martírio para a família e para sociedade.

Lopes descreve o desespero com que Norberto de Souza Pinto pede a morte do filho doente por temor a ter que conviver com uma criança deficiente. Há aí uma contradição presente em vários momentos da produção do educador. Ao mesmo tempo que se dedicou à educação dos anormais, não deixou de admitir o fato de uma criança apresentar deficiência constituir um sofrimento para a família e para a sociedade.

Norberto de Souza Pinto teve ainda quatro filhas que se tornaram professoras e um filho que se veio a ser advogado⁵. O nome da esposa de Norberto de Souza Pinto não consta nos documentos que foi possível encontrar e apontados no desenvolvimento desta pesquisa.

Em 1917, com a abertura da escola para as crianças anormais, em Campinas, outras crianças que não tinham acesso à educação, mas que necessitavam de assistência especial foram encaminhadas ao professor, pois as famílias identificaram nele possibilidades de melhores condições de educação para tais crianças. Embora não haja registro de data, um exemplo disso é o caso de uma família de Zurique que veio ao Brasil para tratar a filha:

Uma jovem de catorze anos, suíça, veio ao Brasil, trazida pelos pais, em busca de recuperação, pois era retardada mental. Tentou as clínicas do Rio e em São Paulo nada conseguindo. Alguém da capital aconselhou e recomendou aos pais que procurassem em Campinas, o professor Norberto de Souza Pinto. Vieram e depois de dois anos, a menina voltava para Zurique, muito bem recuperada. Os pais desejosos de homenagearem o mestre brasileiro, pediram suas obras já publicadas, para serem traduzidas para o francês e o alemão, pelo Bureau Internacional de Educação. (Lopes, 1962, p. 16)

Da prática educacional, dos estudos sobre as crianças anormais e de suas necessidades especiais de educação, Norberto de Souza Pinto, lança, em 1927, o livro *A infância retardatária*, obra responsável pela divulgação de seu trabalho além do território campineiro.

Norberto de Souza Pinto enviou cópias de seu trabalho a homens de destaque na sociedade da época como E. Dadovich, Juliano Moreira, Lourenço Filho, Pacheco e Silva, Sud Mennucci e outras personalidades renomadas do período. Na terceira edição do referido livro, constam cartas com resposta comentando o recebimento do livro e a aprovação da proposta

⁵ Em anexo consta uma carta do educador para seu filho, intitulada a 'Uma carta para meu filho' e que faz parte do livro *Relíquias*, escrito em 1967.

educacional. Sud Mennucci, que esteve à frente do recenseamento escolar em São Paulo, em 1920 e em 1931, e assumiu a Diretoria Geral de Ensino do Estado de São Paulo, assinala que “Norberto de Souza Pinto é talvez o único que escreveu sobre a infância retardatária, como profissional, pois fundou em Campinas, e a mantém a largos anos, uma escola auxiliar para anormais, conseguindo resultados dignos do maior elogio” (1960, p. 14). Por sua vez, Lourenço Filho comenta o livro do seguinte modo.

Li, com o maior prazer e atenção, o seu livro “A infância Retardatária”, fruto não só de seus acurados estudos sobre o assunto, mas um apelo vivo de seu coração em prol das crianças anormais no Brasil. Claro está que o aplaudo com entusiasmo. (Lourenço Filho, apud Pinto, 1954, p. 29)

Na sua obra, o educador apresenta a proposta educacional que defendeu durante sua trajetória como profissional da educação. As prioridades foram mantidas, como pode ser analisado nos artigos que compõem o corpo documental principal de análise, entre 1933 e 1960. Os principais objetivos da proposta do educador serão devidamente analisados em outro momento, pautado em seus escritos e sob a luz do referencial teórico.

Outro aspecto importante na trajetória intelectual de Norberto de Souza Pinto foi sua participação na imprensa como jornalista, atividade que desenvolveu desde o período escolar, apresentando intensa produção.

I.2 – A atuação profissional

Norberto de Souza Pinto dedicou-se à educação de anormais, embora não tenha se limitado ao trabalho em sala de aula junto às crianças. Destacou-se também como jornalista, tendo intensa participação na imprensa, além de exercer a função de psicólogo, ou ortofreniatra no que tange a área de educação. Para melhor situar sua trajetória profissional e intelectual, encontra-se em anexo uma biografia intitulada *Curriculum vitae* publicada pelo próprio educador na terceira edição do livro *A infância retardatária* e que também é apresentada na obra de Lopes (1962), em homenagem ao professor Norberto de Souza Pinto.

Esteve envolvido com as atividades jornalísticas desde a infância, ainda no período escolar enquanto estudante, como descreve Frank Mark em seu depoimento:

Professor Norberto sempre se dedicou a imprensa. Pequenito, ainda, na escola elementar, criou o “Sábina”, escrito a mão. Colaborou, sempre, com os jornais da cidade: “Comercio de Campinas”, “Cidade de Campinas”, “Diário do Povo” e “Correio Popular”. Em 1927 fundou a primeira Associação Campineira de Imprensa, no estado de São Paulo. Foi presidente durante dez anos consecutivos. (Frank Mark, in Lopes, 1962, p. 16)

Além de presidir a Associação Campineira, por dez anos, escreveu para diversos jornais do Estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Sergipe; contribuiu ainda internacionalmente para jornais do Chile, Uruguai e Argentina. Uma explicação mais detalhada dos jornais para os quais escreveu e suas respectivas localizações constam em um anexo que contempla o currículo do educador escrito por ele. (Anexo 1)

Tem colaborado em Revistas de educação e de literatura e em jornais de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Rio grande do Sul e República do Prata sobre assuntos de pedagogia, ortofrenia, psicologia normal e patológica. Redatoriu vários órgãos da imprensa, como “A defesa”, e a revista pedagógica intitulada “Educação e Ensino” de sua fundação e propriedade. (Pinto, 1954, p. 8)

Essa produção justifica o fato de o educador divulgar seus escritos sobre a educação de crianças anormais em veículos de comunicação da época, pois além da familiaridade com a imprensa, desenvolveu relações sociais no meio jornalístico que viabilizou suas publicações. Alguns artigos dentre os escolhidos para essa pesquisa demonstram essa relação entre o educador e também jornalista com outros colegas do meio, como é o caso do texto intitulado ‘Leopoldo Amaral’, publicado na *Revista do Professor* em São Paulo, em 1957, e que retrata sua relação de amizade e sua admiração pelo cronista campineiro.

Além das atividades no jornalismo, com o aprofundamento nos estudos da educação de anormais, atuou como professor de psicologia⁶ e ortofreniatra. Quando de sua atuação na escola Pacheco e Silva em 1929, fora qualificado por Osório Cesar, em um texto escrito pelo psiquiatra a *Revista da Educação*, como, “*professor de pedagogia experimental e de psychologia applicada à educação*” (Cesar, 192, p. 389). De acordo com seu curriculum vitae de 1954, veio a ser reconhecido legalmente como tal, em dezembro de 1929, quando contava com sete meses de atuação como ortofreniatra:

Foi o primeiro professor especializado em ortofrenia nomeado por decreto-lei nº 2393 de 26 de dezembro de 1929 e assinado pelo Presidente do Estado, para a 1ª Classe diferencial para débeis mentais, anexa a inspetoria Médico Escolar, no Largo do Arouche, em 1929, em São Paulo, sob a assistência médica do Dr. Durval Marcondes. (Pinto, 1954, p.6)

Ainda de acordo com o curriculum vitae, desempenhou em outros momentos a função de psicólogo e ortofreniatra, porém, nas descrições seguintes, não constam as datas em que o educador desenvolveu as atividades citadas:

Lente Catedrático de Psicologia Geral e Educacional no Curso Profissional do Instituto de Educação “Carlos Gomes” e Lente de Psicologia de Criança e Psicologia Geral no Curso de especialização Pré-Primário e de Administradores Escolares para professores normalistas do mesmo Instituto. Chefe da primeira secção de Educação e Lente de Psicologia do Instituto de Educação “Carlos Gomes”, de Campinas. (Pinto, 1954, p. 6)

Quanto ao trabalho que desenvolveu em psicologia, recebeu postumamente o título de patrono da cadeira número 29 da Academia Paulista de Psicologia e o reconhecimento de pioneiro da psicologia, também póstumo, enviado à família e publicado no *Correio Popular* de 2 de setembro de 1979, trazendo a seguinte informação:

Fundador da Associação Campineira de Imprensa e do Instituto de Pedagogia terapêutica, precursor do ensino para excepcionais, jornalista escritor, o Prof. Norberto de Souza Pinto, de saudosa memória, foi também

⁶ O termo psicologia é aplicado durante este momento do texto porque o próprio educador utilizou tal termo, no entanto, é importante ressaltar que a profissão de psicólogo, propriamente dita só foi oficializada, por meio da lei nº 4.119, de 27 de Agosto de 1962.

reconhecido como um dos pioneiros da Psicologia pelo Conselho Regional de Psicologia da 6ª região. É seguinte o teor, assinado por Maria Ignez Longhin de Siqueira, conselheira-secretária, participando a família do Prof. Norberto de Souza Pinto esta homenagem póstuma: “O Conselho Regional de Psicologia – 6ª região, dentre as comemorações do I Centenário da Psicologia como Ciência, programou uma homenagem aos Pioneiros da Psicologia, em São Paulo, que foi prestada através a outorga de medalha “Centenário da Psicologia Científica”, instituída para este fim conforme Resolução CRP – 06 nº 006/79, de 21-05-79. É com grande satisfação que comunicamos a Vossas Senhorias, estar o nome de NORBERTO DE SOUZA PINTO, por decisão plenária deste Conselho Regional de Psicologia, incluído no rol dos homenageados. Para tanto, convidamos vossas senhorias a comparecer a cerimônia Comemorativa do Dia Nacional do Psicólogo. (CRP 6ª Região, 1979)

Como mencionado anteriormente, sua primeira iniciativa se configurou na formação de uma escola particular, em 1º de janeiro de 1917. Em 1957, inaugurou o Instituto Carlos Gomes de especialização para professores. Após a inauguração do Instituto, trabalhou ainda por mais dez anos. Completou uma trajetória iniciada em um cômodo de sua residência e chegou à oficialização do ensino para crianças anormais, com a formação de profissionais para atuar junto a essas crianças, no âmbito do ensino privado.

A dedicação do professor Norberto de Souza Pinto, contribuiu para o processo de desenvolvimento da educação especial, em São Paulo, e apesar de sua concordância com as imposições da sociedade industrial capitalista, que deu margem para uma análise crítica de sua atuação, não é possível desconsiderar seu esforço em prol da educação especial.

Capítulo II – A proposta educacional

Norberto de Souza Pinto concentrou seu trabalho na educação dos anormais, e seu referencial teórico se modificou com o passar dos anos, como retratado pelos dados aqui apresentados. Sua busca pela oficialização do ensino de anormais conduziu seus estudos em direção às descobertas da psicologia. Nos primeiros escritos, a presença da medicina era mais evidente, mas, com o aprofundamento nos estudos da psicologia, o autor adquiriu um posicionamento mais crítico. A posição em relação à medicina era de concordância ou de discordância. Em relação à psicologia foi desenvolvendo seu próprio espaço como psicólogo, chegando a atuar como tal.

Sua proposta apresenta uma organização para legitimação da educação especial, que abrangeu desde a educação das crianças anormais, até a educação dos professores para garantir a eficácia do sistema educacional especial ou especializado para crianças anormais.

Em sua proposta educacional Norberto de Souza Pinto apresentou os seguintes temas: 1) a separação da criança anormal das crianças normais, 2) o ensino especializado para criança anormal ministrado por um ortofreniata⁷, 3) institutos ortofrênicos para desenvolver o ensino, 4) cursos de especialização para professores primários.

II.1 – O conceito de anormalidade

O conceito de anormalidade é apresentado pelo educador no primeiro texto que compõe o conjunto dos 27 artigos, intitulado “O ensino de anormais” do ano de 1933.

Qual o conceito do anormal? Adiantamos para a definição explicativa do retardado o seguinte: Todo ser, cuja organização psico-física é completa e quase normal em média comum; cuja vida de relação, base orgânico funcional da vida do espírito, haja iniciado as suas primeiras atividades influenciado pelos estímulos fisiológicos do meio e de recâmbios de energias

⁷ Ortofrenia, segundo a designação do próprio educador, era um ramo da pedagogia científica, dedicada ao ensino de crianças anormais.

e de seu próprio ambiente, o indivíduo que, devido estacionar ou avançar lentamente em seu desenvolvimento, realizando etapas mais numerosas que as comuns, por atonia própria ou à espera de excitantes oportunos e apropriados, quer em qualidade, quer em quantidade; é o apresenta ausência ou interrupção do desenvolvimento normal de suas aptidões psicológicas. É certo que, em regra geral, o termo retardado, ou *arriéré* (do francês) supõe a marcha lenta ou a detenção de propriedades e funções que deviam aparecer e desenvolver-se progressivamente em tempo determinado em relação à idade. (Pinto, 1933, p. 05)

O conceito de anormalidade descrito pelo educador remete à inadequação do indivíduo em relação ao meio, em especial no que tange as reações biológicas do mesmo. A lentidão no desenvolvimento da criança indicava um descompasso acerca dos resultados que se esperava da mesma e, portanto, esse comportamento era considerado anormal. Nesta perspectiva, um dado interessante é que não apenas as crianças lentas são consideradas anormais; os que apresentam desempenho acima da média, apresentando resultados precoces para sua idade, também foram considerados anormais como pode ser observado na citação seguinte:

Pensamos que o conceito da retardação mental, implica em si, a idéia de lentidão, diminuição, paralisação do desenvolvimento e de diferenciação das funções psíquicas compreendendo as perturbações ou insuficiências: observamos, portanto, a falta de paralelismo no desenvolvimento psicofísico que desequilibra o conjunto harmônico da vida psicológica e compromete a adaptação regular do indivíduo ao meio. Consideramos adicionados ao grupo dos retardados também, os “precoces” hiperpsíquicos ou supranormais, porque se uma de suas aptidões aparece excessivamente desenvolvida, como ocorre geralmente aos calculistas, músicos, etc., é sempre a expensas de outras aptidões mais fundamentais. Estas precocidades ou aptidões supranormais dependem de propriedades individuais que somente a hereditariedade poderá nos explicar. Há, todavia, habilidades extraordinárias que se adquirem através de uma longa série de exercícios, mas são em número bastante reduzido e de ordem mecânica e também insignificante as de ordem mental. Contribui para isso, a influência do meio ambiente do indivíduo em proporção direta de sua anormalidade. (Pinto, 1933, p. 5)

É possível identificar que o educador admitia como anormal a criança que apresentava resultados tanto abaixo quanto acima da média. Fica evidenciada, a necessidade de manter o padrão de normalidade, pois qualquer indício de diferenciação previa uma atenção especial, que reclamava mais do que intervenções universais que serviria a todos. Essa classificação demonstra a intenção de anular o individual, no que tange as diferenças que promovem diversidade. É importante assinalar que, apesar da intenção estar presente na citação do educador, essa busca pela normalidade não era exclusiva de Norberto de Souza Pinto,

tampouco o qualificaria simplesmente como um representante dos ideais burgueses. Essa busca pela normatização era vigente na sociedade daquele período, posto que esta foi uma das condições para que o país alcançasse status de civilizado. Em decorrência disso, na proposta de Norberto de Souza Pinto, o conceito anormalidade também apresenta uma relação com a função social do indivíduo. Isso pode ser evidenciado quando afirma: “Crianças anormais é o termo que se costuma dar a todas aquelas que se encontram inadaptáveis ao meio social para qual devem viver” (in Pinto, 1935, p.8-9). Para Norberto de Souza Pinto, a anormalidade foi caracterizada pela dificuldade ou insuficiência do indivíduo em responder às exigências que a sociedade lhe apresentava. A tendência à padronização da sociedade dentro de uma faixa de normalidade, o que por sua vez, facilita o controle do Estado sobre o indivíduo, foi apontada por Adorno e Horkheimer do seguinte modo:

A partir do momento em que as mercadorias, com o fim do livre intercâmbio, perderam todas suas qualidades econômicas salvo seu caráter de fetiche, este se espalhou como uma paralisia sobre a vida da sociedade em todos os seus aspectos. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criadas servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais. De agora em diante, ele só se determina como coisa, como elemento estatístico, como *success or failure*. (1985, p. 16)

A necessidade de adequação dos indivíduos às exigências sociais tinha por caracterização a adaptação ao meio industrial e por consequência direta o ajuste ao mercado capitalista em constituição. Nessa medida, a educação escolar é um dos meios de agência de produção em massa, pois a partir do movimento republicano no Brasil, a educação escolar tornou-se uma das vias de normatização social. Por meio da educação escolar seria possível preparar as crianças para atuarem de maneira útil na sociedade, ou seja, por intermédio da força de produção que seriam capazes de gerar tornariam o país cada vez mais estruturado. Assim, as crianças normais seriam educadas em escolas comuns. Para Souza Pinto, porém, quanto às crianças anormais, tal ensino deveria ser ministrado em separado das crianças consideradas normais.

O educador propunha tratamento educacional especializado a todos os considerados anormais. No entanto, distinguiu os cegos e surdos-mudos, dos mentalmente prejudicados; assim, sua preocupação recaiu especialmente nos anormais mentais. Em sua proposta educacional adotou a classificação de Decroly, para deficientes visuais e auditivos,

considerando-os anormais sensoriais. A seguir, um excerto que evidencia tanto a distinção entre anormalidades quanto a definição que adotou para classificar os cegos e surdos-mudos.

Crianças anormais é o termo que se costuma dar a todas aquelas que se encontram inadaptáveis ao meio social para qual devem viver. Esta inadaptação acha-se ligada a várias causas. De um lado, pode apontar a existência de uma incapacidade de adaptação, motivada por enfermidade física. Lesões orgânicas ou enfermidades de qualquer natureza, que impedem a criança de viver em harmonia com o meio. Assim acontece com os cegos, os surdos-mudos, os quais Decroly classifica de anormais sensoriais. (Pinto, 1935, p.08-09)

Sobre a deficiência mental, citou o conceito de retardação mental, em “Educação dos anormais escolares: A retardação mental”, de maio de 1935. Nesse texto, preocupou-se em apresentar, com base em sua experiência profissional, que a criança deficiente mental poderia ser educada e assim recuperada para convívio em sociedade. A seguir, a descrição feita pelo educador do que considera ser a retardação mental:

A retardação mental é a parada ou a falta de diferenciação da função psíquica; é uma forma insuficiente da vida de relação superior, suscetível, em muitos casos, de ser melhorada pela educação especializada. E assim é que já temos arquivados inúmeros trabalhos que atestam precisamente a alfabetização de dezenas de crianças anormais, que foram confiadas a um ensino exclusivamente técnico, e que vimos guardando durante nossa atividade profissional iniciada pela fundação, por nós, em Campinas, da primeira escola para a infância retardatária escolar, em 1917. A pedagogia especializada, ou seja, a Ortofrenia, entrou em ação, pela primeira vez no Estado de São Paulo, graças a iniciativa particular. (Pinto, 1935, p. 5-6)

O educador aponta nesta citação a possibilidade educacional da criança anormal designada de retardada mental, essa anormalidade é apresentada como reparável por meio do ensino especializado. No entanto, para que fosse possível tal intervenção pedagógica, o ensino deveria ser ministrado em local específico para esse fim, reservado para o ensino da criança anormal, longe das crianças normais. A exclusão tanto da criança como do adulto tido como anormal é um traço que ainda pode ser notado nas relações sociais da atualidade, pois apesar das várias iniciativas de inclusão das pessoas com deficiência esse traço histórico é significativo, e pode ter tido origem ao período.

De acordo com a tendência de segregação das crianças anormais, no texto “O médico escolar” de novembro de 1936, ressalta a importância da separação das crianças anormais, considerando-a o ponto inicial da educação dos anormais:

Os constantes progressos que notamos na ciência da educação nos convencem de que as crianças débeis de inteligência ou anormais devem ser separadas da escola comum, já porque elas prejudicam o progressos dos outros alunos de mesma classe ou porque nada poderão aproveitar do plano de estudo, que não se acha a altura de suas faculdades. (Pinto, 1936, p. 21)

A educação ministrada em escolas especializadas em ensino do anormal tinha por objetivo isolar os problemas que a anormalidade em contato com a normalidade poderia vir a causar, com essa providência, o educador evitaria desde o aluno permanecer como peso morto em sala de aula comum até vir a incitar nas crianças normais a terem os comportamentos considerados inadequados às condutas esperadas de tais crianças. Nessa perspectiva, a criança com anormalidade mental era mais preocupante do que os anormais que não apresentassem prejuízo mental. Para Norberto de Souza Pinto a anormalidade mental era mais preocupante, pois assinalava que a doença mental poderia variar tanto para melhor com a atuação educacional, ou para pior pelo processo de degeneração tal qual propunha a teoria de Morel⁸. Esse discurso afirmava que os indivíduos poderiam degenerar moralmente sua conduta e tornarem-se criminosos. Essa concepção era um consenso de época difundido pelo movimento higienista, conhecido como Liga de Higiene Mental e fundada por Riedel em 1923. Sobre a concepção da Liga a respeito da degeneração, trata o excerto a seguir:

A Liga entendia que a higiene mental era imprescindível para a integridade e prosperidade da nação. Mas não existia um consenso no seio da associação em torno das medidas de higiene mental então utilizadas. O fator hereditário se transformou quase em um paradigma na organização, e o aperfeiçoamento da nação passaria pelo aperfeiçoamento racial. A degeneração da raça passa a ser um dos principais – senão o principal – objetos de preocupação de um setor de eugenistas que faziam parte da Liga, tendo proposto a esterilização como forma de evitar a proliferação dos hereditariamente degenerados. (Junior e Boarini, 2010, p. 6)

⁸ A idéia de **degeneração** exerceu uma grande influência na ciência, arte e política, dos anos 1850 aos anos 1950. A teoria social desenvolveu-se em consequência à Teoria da Evolução de Charles Darwin. A evolução significava que o desenvolvimento da humanidade não era mais algo fixo e certo, mas podia mudar e evoluir ou degenerar num futuro incerto, possivelmente um futuro sombrio que se chocaria com a analogia entre evolução e civilização como uma direção progressiva positiva.

Com a proposta de segregação das crianças, dois objetivos vitais eram atingidos: primeiro, as crianças anormais não contaminariam as normais, e segundo, as crianças anormais poderiam ser educadas por especialistas que buscariam reduzir os danos que a criança poderia causar a si e à sociedade. Quando estivessem em condições de convívio social, poderiam retornar às escolas comuns, para na fase adulta ter alguma utilidade, ou pelo menos não trazer demasiado transtorno, a seus familiares, nem à sociedade. A seguir o modo pelo qual Norberto de Souza Pinto pautou sua classificação segundo o nível mental:

Separadas as crianças anormais, falta classificá-las segundo seu nível mental. Há para isto, diferentes escalas. Existe, porém, uma classificação muito cômoda ao alcance de todos: 1º) Educáveis, 2º) Semi-educáveis, 3º) Ineducáveis.[...] Os deficientes educáveis, são os retardados pedagógicos sem atraso mental: os apáticos inteligentes ou de nível mental médio (que precisam de uma reeducação de vontade); os apáticos inferiores sob o nível médio (2 a 3 anos de atraso) sem perversão; os débeis mentais com deficiências sensoriais leves (vista defeituosa, ouvido insuficiente, etc.); os instáveis de nível médio ou ligeiramente inferior, com ou sem deficiência sensoriais; os que sofrem de perturbações mentais leves, com ou sem debilidade mental (histeria, perversão de caracteres, etc.); os perversos (extremamente pervertidos) que são enviados às escolas correccionais ou reformatórios e que, na realidade deviam se submeter a um tratamento médico-pedagógico; os anormais motores inteligentes (cegos, surdos-mudos), para os quais existem escolas especiais. [...] Os semi-educáveis compreendem: os apáticos débeis mentais, como deficiências sensoriais graves (cegos, surdo-mudos, etc.); os apáticos débeis mentais, com deficiências motoras graves; os imbecis leves; os epiléticos sem transtornos mentais notáveis e os perversos. [...] Os ineducáveis, compreendem os epiléticos graves, os alienados, os idiotas, os imbecis e outros anormais de mesma ordem. O doutor Raul Boncour nos assegura que sempre se lhes pode ensinar alguma coisa. Para esses há asilos especiais. (Pinto, 1943, p. 84)

De acordo com a caracterização da anormalidade apresentada por Norberto de Souza Pinto, há uma quantidade relevante de sintomas que poderiam diagnosticar a criança como anormal. No entanto, em todos os casos mesmo os ineducáveis para convívio social poderiam aprender alguma coisa. É possível verificar, por meio dessa citação que o modo como as crianças são classificadas, mesmo que fosse para a intervenção educacional, pressupunha uma quantificação das crianças que repõe à análise de Horkheimer e Adorno (1985, p16) a respeito de o indivíduo ser visto como coisa, como elemento estatístico, como já apontado anteriormente. Em relação às características identificáveis para diagnóstico dos anormais, no

texto “Desajustamento escolar, de fevereiro de 1950, a normalidade mental é descrita do seguinte modo:

Não é novidade para ninguém que nas escolas do Estado, quer urbanas quer rurais, concorre um bom número de crianças que não progredem na aprendizagem, que não podem tirar proveito do ensino comum em virtude de uma deficiência mental. Costumam ser elas, portadoras de uma herança patológica ou então, de alterações cerebrais permanentes, de certa importância, senão disposições a doenças nervosas, relativamente leves – em uma palavra – crianças anormais, cujas manifestações de debilidade mental ou de instabilidade de caráter, necessitam ser reconduzidas para uma classe de ensino emendativo ou diferencial, onde se processe uma educação especializada sob as normas da ortofrenia moderna. (Pinto, 1950, p. 28)

Como o educador assinalou várias vezes, o atraso na aprendizagem é o principal motivo para a separação das crianças, e por sua vez a justificativa para o atraso, como pode ser observado nesta citação, esteve pautada nas causas biológicas e genéticas que permearam o conhecimento médico. Essa caracterização do ensino especializado confirma a hipótese primeira desta pesquisa, pois a apropriação dos avanços na área do conhecimento médico, por parte da educação especializada, pode ser verificada em outros momentos, além desse.

Em virtude da atenção especial que as crianças anormais exigiam e também em decorrência do incômodo que causavam nas salas de aulas comuns, o educador entendeu que as normais eram prejudicadas pelas anormais, e que apenas a separação das mesmas poderia oferecer condições reais de aprendizagem para ambos os grupos.

No texto intitulado “A infância retardatária escolar”, reafirmou as necessidades de educar a infância anormal na busca de ajustá-las à sociedade. Quando tratou da situação dos anormais em idade escolar, fez referências à caracterização da situação que dispôs como recorrente na educação primária:

Mas a verdade insofismável, e a vemos praticamente, é que a escola primária comum recebe todas as crianças que alcançaram a idade escolar, excetuando aquelas que se acham afetadas de anormalidades psico-físicas. E quando isso não acontece em algumas escolas primárias que temos visitado, observamos que nelas reina em uma mesma classe, infelizmente, uma confusão lamentável, assistindo aulas, alunos diferentes pelos traços de sua personalidade, por condições de resistência à fadiga física e intelectual e pelo grau de desenvolvimento mental. [...] Em uma sala de aula de um curso primário, observam-se, em geral, criaturas que conservam na expressão, nos movimentos, em toda sua pessoa as características da primeira infância não superada; apresentam as conseqüências da miséria orgânica ou da doença de

que são vítimas; revelam aos olhos do observador mais ingênuo as anomalias da inteligência, do caráter, dos sentidos e da linguagem, que sofrem. [...] É enorme o número de alunos dependentes que gravitam como um peso morto no funcionamento das classes comuns. [...] E qual a sorte que podem ter os alunos desta índole, que freqüentam a escola primária? A professora que está no dever de ensinar a todos não pode ocupar-se deles, de um modo especial, como imperiosamente exigem suas condições particulares. [...] Daí a sua permanência, dois, três e até quatro anos em uma mesma classe, notando-se que não houve, em tais tempos, alteração alguma, digna de nota, em seu patrimônio intelectual. E isto tudo dá motivos a repreensões continuadas, a castigos e mortificações para estas infelizes criaturas. (Pinto, 1954, p. 31)

A preocupação com a separação das crianças em grupos de normais e anormais que se observa nesta citação transita entre os cuidados especiais que tais crianças precisavam até a busca de extinção dos castigos que as mesmas recebiam por não progredirem como esperado. No entanto, a questão que transpassa essa discussão é o fato de as crianças anormais de uma forma ou de outra não se adequarem às necessidades que a sociedade lhes exigiu, e além do que ainda poderiam atrapalhar a transmissão da educação pretendida às crianças normais.

As conseqüências de manter as crianças normais e anormais juntas recebem um agravante, no texto “Pedagogia corretiva”, de 1952. Nesse artigo, o educador discute as providências que a sociedade deveria tomar no trato com a delinqüência infanto-juvenil. Discorre sobre o tema declarando que, quando caracterizado o crime, o adolescente não deveria ser preso, mas sim entregue aos cuidados da pedagogia corretiva, emendativa ou correcional, que se propõe, como o nome já diz, corrigir, neste caso as personalidades desviadas. A seguir uma citação do referido texto:

Os ingleses e norte-americanos têm posto em evidência a complexidade dos fatores etiológicos da delinqüência juvenil: taras hereditárias, influência do meio social e familiar, conflitos mentais, particularidade de caráter, etc. [...] a reação social contra os delinqüentes é, na opinião do grande e inolvidável professor, Francisco Giner de Los Rios, um capítulo da pedagogia corretiva, através do método de educação adequado. Colocado neste ponto de vista, o delito será considerado uma anomalia moral e os criminosos serão curados pelos mesmos processos empregados hoje para o anormal. [...] por que a base de métodos educativos e de reforma se propõe à emenda e a regeneração de uma personalidade anormal. Essa anormalidade é necessariamente biopsíquica, que não nos é possível destruir, muito menos desarticular. [...] A função que desempenha, curando uma individualidade doentia, pela aplicação de métodos diagnósticos e de processos reeducativos, é também função de profilaxia de imoralidades futuras ao refazer a personalidade anormal. (Pinto, 1952, p. 15)

A função de profilaxia que Norberto de Souza Pinto atribuiu à pedagogia corretiva, no que tange a delinquência, é recorrente em sua proposta educacional. Apesar de o educador lutar pela educação especializada para a anormalidade, deixa claro em vários momentos que a educação das crianças anormais separadas das outras tinha dupla significação: beneficiar os anormais com ensino específico e proteger da degeneração as crianças normais. Essa atitude foi articulada ao pensamento da época, pois os anormais mentais representavam uma ameaça à saúde do organismo social, o que indica mais uma vez a aceitação da teoria da degeneração.

Tanto a busca da separação dos anormais, fossem eles adultos ou crianças, quanto a vigilância sobre os indivíduos reforçam a intenção de afastar do meio social qualquer pessoa que pudesse de algum modo ameaçar a estabilidade dita normal da sociedade, pois essa aparente normalidade pressupunha segurança e equilíbrio social, eliminando a diversidade e promovendo ações para a coletividade que funcionariam igualmente para todos. No entanto, o próprio modo pelo qual foi organizada a sociedade capitalista, na qual uma pequena minoria é rica e a grande maioria da população é pobre, já pressupõe desigualdade, o que inviabiliza ações únicas para todos.

A teoria da degeneração de origem médica foi uma entre tantas outras teorias que serviram de suporte para a segregação das pessoas ditas anormais. Legitimou ações que pudessem indicar os indivíduos úteis para o trabalho e os que não, selecionando e quantificando os indivíduos como se faziam nas linhas de produção da indústria em relação a mercadorias úteis ao consumo e as que apresentavam algum defeito.

Desse modo o conceito de anormalidade foi relacionado principalmente a problemas biológicos, hereditários e de naturezas diversas, como aponta o educador em vários momentos. De modo geral, essas causas da anormalidade remetiam ao indivíduo como deficiência a responsabilidade por tais problemas. Tal indivíduo se tornava problema da sociedade, em decorrência de ser deficiente e depender da ajuda dos outros. Em alguns momentos, o educador o chamou de ‘peso morto’. É possível então compreender que as formulações do educador sobre o tema não se relacionavam apenas às suas próprias iniciativas, mas ele concordava com a idéia que prevalecia no período.

Ainda em relação ao conceito de anormalidade no texto “Debilidade mental” de fevereiro de 1955, o educador cita uma definição da debilidade mental que se aproxima da definição de retardação mental mencionada anteriormente no texto de 1935:

A noção de debilidade, propriamente dita, significando um atraso ou uma parada das funções mentais, colocando o indivíduo entre a imbecilidade e o estado normal é considerada, presentemente, mais recente do que se acredita. Ela não vai além dos dez últimos anos do século XIX e procede diretamente dos esforços realizados para se adaptar os novos métodos de ensino às crianças que não podiam ser beneficiadas pelos processos usados habitualmente nas escolas. (Pinto, 1955, p. 33)

O atraso ou parada das funções mentais como ressalta Norberto de Souza Pinto caracteriza o débil mental entre a imbecilidade e a normalidade. Por meio da educação emendativa, correcional ou corretiva, a criança anormal teria uma melhoria que a capacitaria a conviver em sociedade, evitando que, quando adulta, essa criança se tornasse um problema para o Estado. Os retardados graves, considerados na categoria de loucos, eram colocados em asilos para onde eram levadas as pessoas que pudessem oferecer perigo à sociedade, como “os vagabundos e os delinquentes, com a única função de segregá-los do meio social” (Bueno, 2004, p. 96). Essa afirmação de Bueno confirma a busca pela segregação dos indivíduos que não se adaptassem às exigências sociais. Em concordância com essa tendência a preocupação com os problemas que os ditos anormais poderiam causar aos cofres públicos do Estado foi marcadamente registrada por Sud Mennucci (1960), no texto “Infância retardatária”, no qual tratou de elogiar a iniciativa de Norberto de Souza Pinto em relação a sua disposição de lidar com a infância anormal.

O que os outros, entretanto, os anômalos de todas as categorias, uma vez adultos, crescidos à lei da natureza, sem os corretivos da atual sabedoria humana, vem a custar um erário público, avaliado através das estatísticas dos hospitais, hospícios, casa de saúde, asilos, recolhimentos, prisões, reformatórios, institutos correcionais, é um desperdício de tal ordem para a vitalidade nacional que custa a crer não hajam ainda os nossos grandes homens, sentido e percebido que é por aí que se esvai e diminui uma grande parte da capacidade ascensional da humanidade e da força espacionista da espécie. (Mennucci, 1960, p. 13)

Era corrente a idéia de que os anormais, fossem eles adultos ou crianças, eram pesos para as famílias e para a sociedade. Para Norberto de Souza Pinto, a educação era capaz de melhorar

a inteligência das crianças anormais e, por meio da adaptação, torná-las úteis à sociedade ou, pelo menos, fazer com que saíssem da condição de peso morto, como se refere às crianças que repetiam sucessivamente nas escolas primárias do período.

No texto “Educação e evolução” de 1955, em relação à questão da adaptação, o educador apresentou uma reflexão sobre a adaptação do homem ao meio, lembrando que nesse caso o meio é a sociedade industrial, propondo que a adaptação é um processo inerente ao homem, mas que a readaptação de acordo com as exigências que o meio lhe impôs é propiciada pela inteligência. Quanto mais se aperfeiçoar a inteligência, mais capaz de se readaptar estaria esse homem. Desse modo, a inteligência é fator primordial no aperfeiçoamento da capacidade adaptativa.

Adaptar-se ao meio, é obra do hábito inconsciente; readaptar-se é próprio da inteligência e da vontade, cujo eficiente desenvolvimento constitui obra da educação. A consciência não é um simples ato reflexo sem relação com o meio. A dupla evolução do mundo e do homem impõe uma readaptação contínua, por um sentimento de previsão consciente, evitando os choques dolorosos ou surpresas, aumentando o poder da inteligência, pois é esta e não o automatismo que nos prepara para o futuro, adaptando-nos a possíveis câmbios no espaço e no tempo. (Pinto, 1955, p. 11)

Com o grau de importância atribuída à inteligência, em virtude de seus possíveis resultados, as crianças anormais, diagnosticadas como anormais mentais, não apenas, apresentavam dificuldades de adaptação como incapacidade de compensar suas deficiências, pois o fator determinante de mudança, a inteligência, era deficitário e, portanto, desprovido de condições tanto de adaptação quanto de readaptação. A educação buscava por meio dos métodos especializados de ensino tornar possível, mesmo que forçadamente, a adaptação, para que as crianças anormais pudessem ao menos ser consideradas parte da sociedade.

O ramo educacional responsável pela correção das crianças anormais foi discutido em um texto escrito em 1956, intitulado “Ortofrenia”, no qual dispunha sobre a temática do aperfeiçoamento da inteligência e citava Pearson para justificar sua argumentação:

Faz parte da observação comum, encontrarmos no ambiente escolar, em uma sala de aula, crianças retardadas ao lado de crianças normais. Grande número

delas, embora apresentem atraso profundo de inteligência, ou cujos pais não podem dirigir sua educação, se acomoda dificilmente ao regime das escolas comuns. É evidentemente certo que a inteligência, como razoavelmente observa Pearson, não é um sinônimo de aprender; mas essa rapidez constitui um dos atributos que, ordinariamente, distinguem os intelectuais superiores. (Pinto, 1956, p. 10)

Um aspecto importante que essa citação nos aponta se relaciona com o atraso de inteligência a que o educador se referiu, pois neste caso cita Pearson para afirmar que, apesar de a inteligência não ser sinônimo de aprendizagem, a velocidade no aprendizado está ligada ao grau de inteligência, pois quanto mais inteligente mais superior intelectualmente o indivíduo poderia ser considerado. Nesta perspectiva, é importante salientar que quando o educador apresentou no texto de 1933 a definição de anormal enquadrando como tal os supranormais, ou seja, crianças que apresentavam resultados precoces na aprendizagem. Dessa forma se a inteligência não estava relacionada com o aprender, o aprender estava relacionado com a faixa etária, caso contrário, a criança supranormal não seria um problema.

Em relação aos diferentes níveis de inteligência, neste texto demonstra, a seu modo, como seria importante desenvolver escolas que separassem as crianças por nível de inteligência, variando entre superiores, médias e inferiores, e descreve como reconhecia o retardado escolar:

O retardado escolar, é fácil reconhecê-lo na escola comum, através de quatro causas principais: 1) Uma inteligência insuficiente para o nível dos estudos empreendidos. 2) Um mal estado de saúde, que motiva a irregularidade em assistir às aulas ou que causa um estado habitual de fadigabilidade, perturbações da memória e da atenção, contribuindo para descer o rendimento escolar abaixo do médio. 3) Perturbações do caráter afetivo, afastando a criança de suas tarefas escolares. 4) Finalmente, uma má adaptação ao meio, cuja causa mais freqüente é a mudança continuada de escolas. (Pinto, 1956, p. 10)

Os dados que o educador forneceu sobre o conceito de anormalidade possibilitaram compreender que a anormalidade, e em especial a mental, constituía uma deficiência psíquica, que prejudicava a inteligência, e impedia o dito anormal de adaptar-se ao meio; e impossibilitava seu constante processo de readaptação, posto que tanto o homem como o próprio mundo estavam em constante mudança. Nesta perspectiva, a anormalidade se configurava no desequilíbrio da constante normalidade que era medida pela qualidade da

função que o indivíduo desempenhava na sociedade e pela capacidade de servir cada vez mais e melhor.

II.2 – Educação, medicina e psicologia

A primeira atuação de Norberto de Souza Pinto fora de Campinas foi na escola Antonio Carlos Pacheco e Silva, em um local conhecido por Juqueri, hoje Franco da Rocha, em homenagem ao fundador do hospital psiquiátrico. Ali foi instalada a escola onde o educador passou a trabalhar com as crianças internadas no pavilhão infantil daquele hospital. O convite para desempenhar a função de pedagogo técnico no ensino de crianças anormais surgiu em 1929, no ano em que foi inaugurada a escola. Em um texto publicado em 1929, na *Revista de Educação* de São Paulo, Osório Cesar, psiquiatra do Hospital do Juqueri, informa:

Em São Paulo, no Hospital do Juquery, desde maio do corrente anno que funciona a “Escola Pacheco e Silva”, sob direção do pediatra dr. Vicente Baptista, espírito culto e investigador, auxiliado pelo Sr. Norberto de Souza Pinto, professor de pedagogia experimental e de psychologia applicada à educação. [...] A inauguração official da escola foi em 29 de maio do anno corrente e o início das aulas em 6 de julho, com a matrícula de 12 alumnos. Actualmente a matrícula subiu a 32 alumnos. [...] A escola possui um pequeno Laboratório de psychologia experimental e de anthropologia pedagógica, aparelhado para a verificação dos exames mais importantes de psychologia pathologica. (Cesar, 1929, p. 389)



Ilustração 2 - Imagem frontal de uma das alas do Hospital do Juqueri (Osório Cesar, 1929, p. 389)

Essa atuação na escola Pacheco e Silva anuncia um fato que Jannuzzi (2006) confirma em seus estudos: a preocupação com a educação das crianças anormais veio primeiramente dos profissionais de medicina.

O despertar dos médicos nesse campo educacional pode ser interpretado como procura de respostas ao desafio apresentado pelos casos mais graves, resistentes ao tratamento exclusivamente terapêutico, quer no atendimento clínico particular, quer no, muitas vezes, encontro doloroso de crianças misturadas às diversas anomalias nos locais que abrigavam todo tipo de doença, inclusive os loucos. (Jannuzzi, 2006)

A escola Pacheco e Silva partiu da iniciativa do psiquiatra e diretor do hospício, o que confirma a busca de alternativas diferentes, no tratamento às crianças internadas. Essa iniciativa possui em sua configuração a segregação das crianças anormais, aspecto que foi mantido por Norberto de Souza Pinto durante toda sua atuação. Com esse posicionamento segregacionista, é reforçada uma tendência que se reflete até hoje em relação à exclusão e inclusão das crianças anormais, que teve início ainda nos séculos XVI e XVII. De acordo com Bueno (2004, p. 80), representou “o início do movimento contraditório de participação-exclusão que caracteriza todo o desenvolvimento da sociedade capitalista, que se baseia na homogeneização para a produtividade e que perpassará toda a história da educação especial”

Essa escola se destinava a educar as crianças anormais, a princípio alfabetizando-as, muitas vezes em 80 aulas (Cesar, 1929, p. 389) e ensinando-lhes alguma atividade manual, visto que a sociedade as considerava sem utilidade, relegando-as ao hospital psiquiátrico.

A figura a seguir traz desenhos realizados por crianças durante as aulas ministradas pelo professor Norberto de Souza Pinto na escola Pacheco e Silva. Tal documento foi divulgado por Osório Cesar em seu texto sobre a escola.

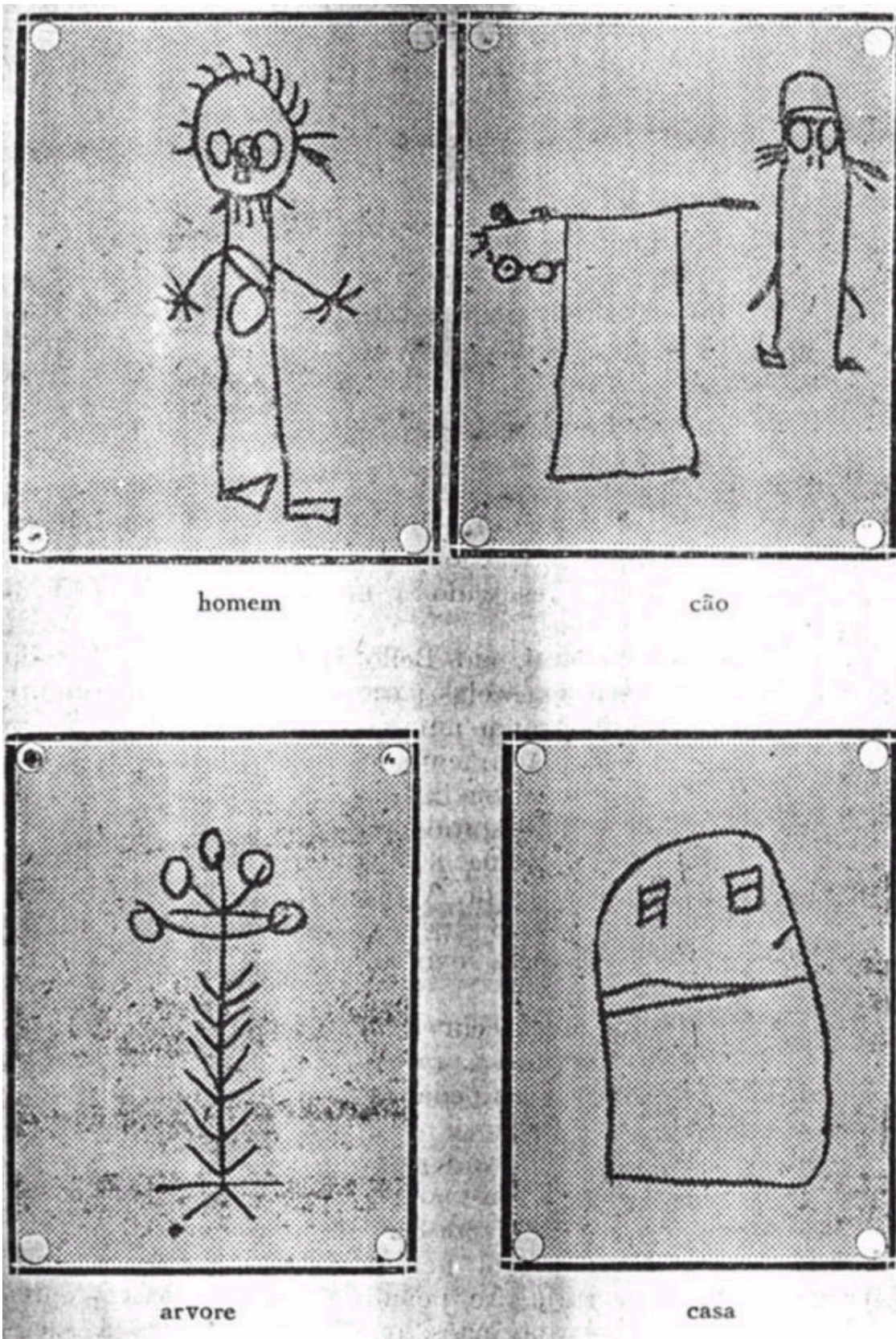


Ilustração 3 - Desenhos apresentados por Osório Cesar como material produzido na escola de crianças anormais, do Hospital do Juqueri (Cesar, 1929, p. 388)

Apesar da persistência na situação da exclusão dos anormais do meio social, posto que o problema que ainda sobrevive, no tange a educação especial, um fator importante para o desenvolvimento da educação especial foi demonstrada com essa iniciativa, pois foi caracterizada a importância atribuída pelos médicos à pedagogia, essa relação entre medicina e pedagogia também se estende até hoje mesmo que as proporções de influência tenham sido consideravelmente modificadas.

A seguir se destaca o conteúdo programático aplicado pelo educador Norberto de Souza Pinto, na escola Pacheco e Silva:

a) Educação dos sentidos. Sentido estereognóstico. A sensibilidade tátil como fator da atenção voluntária e observação psicológica. Emprego de teste; b) Educação das atenções, particularmente da atenção visual. Emprego do teste de Flournoy; c) Educação da memória. Poder mnemônico dos tipos principais segundo Pizoli. Emprego de teste; d) Exercício de linguagem escrita. Linguagem oral através do seu duplo valor didático: como meio de intuição e de excitação sensorial; e) Trabalhos manuais – (Dobraduras e artefatos ou ornamentos de papel. Cartonagem com papelão usado e suas diferentes aplicações). Modelagem, jardinagem, etc; f) Lições de coisas. (Em classe observando a lei do método natural e em excursões escolares estimulando no aluno os hábitos de observação acurada); g) Exercício de desenho (a lápis preto e de cor). Desenhos de imaginação. Cópia de modelos e de objetos usuais expostos aos alunos na sala de aula, a fim de educando apreciar com a vista, as dimensões e as proporções do objeto para logo representá-lo com a mais possível exatidão; h) Canto (Hinos patrióticos) a fim de gravar na memória dos alunos os acontecimentos recordados pelas festas nacionais; i) Ginástica (respiratória) a fim de exercitar diretamente a atividade intelectual e moral; j) Exercício de cálculo instrutivo. Uso de material técnico para esse fim didático. (Cesar, 1929, p. 391-392)

Outro fator determinante para desenvolvimento do campo educacional especial foi a psicologia. Norberto de Souza Pinto fez referências constantes tanto à medicina quanto à psicologia. O que evidencia sua forte ligação com esses dois ramos é a ligação que desenvolveu com Pacheco e Silva, considerado o continuador do ideário psiquiátrico de Franco da Rocha, e com Durval Marcondes também discípulo de Franco da Rocha, mas que teve grande destaque no fortalecimento da psicologia no Brasil, em especial na divulgação da obra de Freud. No entanto o fato de enfatizar a psicologia não significa necessariamente que o educador tenha se desvinculado da biologia que fundamentou tanto a medicina quanto a psicologia experimental.

Em “O ensino dos anormais” de 1933, Norberto de Souza Pinto inicia o texto com o seguinte parágrafo:

As nossas escolas primárias possuem atualmente, dous e meio por cento de alunos que a inspeção médico escolar, classifica de anormais, quer sob o ponto de vista médico, quer sob o ponto de vista pedagógico propriamente dito. Tivemos ocasião de verificar essa verdade, quando fomos distinguido com o convite a nós pelo feito pelo dr. Amadeu Mendes, ex-diretor do Ensino para fazer o exame técnico-pedagógico dos escolares nas classes de primeiro ano, dos grupos escolares da Capital. (Pinto, 1933, p. 3)

A citação acima confirma a presença da inspeção médica que, no período, era parte constituinte do processo educacional dos deficientes mentais. Apresenta ainda o educador a importância que a psicologia desempenha na educação quando conclui o mesmo texto da seguinte maneira:

Em suma: a pedagogia científica pode exigir hoje da psicologia, indicações diagnósticas a fim de assinalar os tipos mentais inferiores e que resumimos nas seguintes conclusões: 1º) Uma classificação psico-pedagógica para ser útil deve tomar por base as causas que concorreram para determinar a irregularidade ou o retardamento da criança; 2º) Estas causas são múltiplas e dependem do indivíduo, do meio e até mesmo, não raras vezes, de ambos; 3º) É excepcional o encontrar-se formas puras em que a irregularidade dependa de uma única causa, excluindo-se outras; todavia, não se deve afirmar que ela não existe e que não seja a mais importante; 4º) Não representa um processo seguro o de se contentar com as simples etiquetas de: preguiçosos, desatentos, mentirosos, instáveis, etc., que muitas e repetidas vezes não traduzem mais que um sintoma secundário, embora assaz aparente; 5º) Para as necessidades administrativas se pode adoptar as classificações de eliminação, mas torna-se mister considerá-las como sendo muito relativas, cujo valor e oportunidade é apenas material. (Pinto, 1933, p. 3)

O conhecimento científico e as técnicas utilizadas na educação de anormais fizeram com que a pedagogia, para ser considerada científica, dependa de recursos desenvolvidos em outras áreas. O próprio conceito de anormalidade pelo qual a educação se pautou foi trazido dos preceitos sociais, e em relação à ciência, a educação só se faria científica por meio da apropriação de conhecimentos desenvolvidos em outras áreas. Na proposta educacional de Norberto de Souza Pinto, fica evidenciada a predominância de verdades científicas das áreas de medicina e psicologia como determinantes do desenvolvimento educacional, em especial no que tange a educação de crianças anormais. Essa imbricação das ciências na legitimação

do que Norberto de Souza Pinto intitulou de ciência da educação, ou pedagogia científica, ou ortofrenia, dificultou a autonomia da educação em relação a estas outras áreas e até hoje essa realidade se estende à responsabilidade de educar a infância anormal. Nesta perspectiva, confirma-se a primeira hipótese desta pesquisa sobre a dependência da educação em relação aos conhecimentos oriundos de outras áreas do saber, neste caso em especial, da medicina e da psicologia.

Para determinar o diagnóstico educacional das crianças anormais, Norberto de Souza Pinto discorre sobre o tipo de problema que pode ser diagnosticado nas escolas:

A evolução na sua marcha lenta de desdobramento criou e vai criando diferenciação em tudo. Tudo classificamos e, em o fazendo no mundo escolar, não nos limitamos a um trabalho simplista de separar o que é idêntico. Existe na vida escolar, a necessidade classificadora da intelectualidade dos educandos, e a neologia, que constitui o departamento da psicologia concreta, classifica e mesmo explica os principais grupos de mentalidade. Este já não é o problema à parte, na vida contemporânea do magistério. A educação moderna exige que trabalhem para a formação do tipo humano e normal. Existe uma categoria de criança que, por diversas causas, não podem frequentar estabelecimentos ordinários de educação, porque neles há um grande inconveniente de ordem moral que merece ser sanado: o efeito pernicioso da promiscuidade. Com anormalidades que tão facilmente não se corrigem, e males que a ciência só evita após demorado trabalho e farta atenção, esses menores se transformam, ao mesmo tempo, em mártires de um regime não adequado ao tratamento que merecem. Em tais estabelecimentos, jamais se encontraria alguém, solução satisfatória a sua aprendizagem. (Pinto, 1935, p. 29)

Essa citação traduz claramente a preocupação do educador com a normatização da sociedade, em especial da infância por meio da educação escolar. A busca pelo que Norberto de Souza Pinto chamou de ‘formação do tipo humano normal’ reflete as considerações de Horkheimer e Adorno (1985), no sentido de que a normalidade na sociedade capitalista era forjada em favor dos interesses da sociedade capitalista. A escola foi uma das vias de forja dessa normalização.

Em relação ao diagnóstico, é importante frisar que constituía em grande preocupação do educador a busca pelo diagnóstico mais exato ou que pudesse pontuar as limitações dos anormais mentais. No texto intitulado “os anormais escolares” de 1935, trouxe considerações de Decroly, quanto à classificação de cegos e surdos-mudos em anormais sensoriais, e de Binet no que tange a classificação dos anormais, não apenas os sensoriais. Destaca também a

importância do ortofreniata, termo utilizado para designar o educador especializado no ensino emendativo, e da escola como fator principal na educação do anormal como descrito a seguir:

Aceitando-se as lições de Binet, teremos: anormais físicos, anormais sensoriais e anormais psíquicos. Nos anormais psíquicos há duas classes, “os anormais de hospício e os anormais de escola”. [...] Importa-nos a mais, como ortofreniata, conhecer a espécie de anomalia, porque passa, geralmente, inadvertida para a família da criança, que, futuramente, só se convencerá de tal, depois de tê-la ingressado em uma escola comum, reclamando então, para seu aproveitamento escolar, métodos especiais de ensino e uma nova adaptação, segundo os defeitos mentais com que se apresenta. [...] A escola é, e continuará a ser ainda, como bem disseram Phellipe e Boncour, o único reativo seguro que descobre a anomalia mental. Essa primazia pertence, por todos os motivos, aos que, abraçados a carreira do magistério, se subentendem ser portadores de uma sólida preparação científica, justificada por muitos anos dedicados à cultura pedagógica especializada. [...] A tarefa educativa é espinhosíssima, e só um otimismo emprestará a resignação e a paciência suficientes para vencer todas as dificuldades em tal ensino. A anormalidade da criança pode progredir, tanto na esfera intelectual como na esfera moral. (Pinto, 1935, p. 8-9)

A responsabilidade da escola estava para além da simples educação para a vida industrial, estava intrínseca à idéia de vigilância às famílias. Como o educador aponta, geralmente as anormalidades da criança só seriam verificadas após o ingresso escolar, e tal tarefa adquiria maior complexidade, pois, segundo o autor, a anormalidade da criança poderia progredir; portanto, seria imprescindível cortar o mal pela raiz, ou pelo menos extraí-lo do meio, para evitar danos à sociedade. Essa busca pela normatização da sociedade e adaptação da criança à conduta esperada pelo cidadão de tal sociedade confirma a segunda hipótese desta pesquisa no sentido de que a educação escolar serviu aos interesses do Estado, no que tange a formação do indivíduo para a normalidade, que se resumiria à utilidade do indivíduo em sociedade. Em relação a isso, Horkheimer e Adorno assinalam:

O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo vê-se completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza a um nível jamais imaginado. Desaparecendo diante do aparelho a que serve, o indivíduo vê-se, ao mesmo tempo, melhor do que nunca provido por ele. Numa situação injusta, a impotência e a dirigibilidade da massa aumentam com a quantidade de bens a ela destinados. (1985, p. 3)

Das citações de Norberto de Souza Pinto, é possível registrar o desempenho em legitimar a escola e a educação como os responsáveis pela educação dos anormais escolares, ou deficientes mentais leves, ou educáveis e semi-educáveis. Para o educador, os ineducáveis, de acordo com uma classificação apresentada anteriormente, estariam aos cuidados médicos; embora pudessem aprender algo, já não estariam sob a responsabilidade da educação. Para o educador, a escola não era apenas mais uma instituição social. Sua função incidia no fortalecimento do organismo social como afirma no texto “A escola primária e a integridade nacional”, de 1936.

Outro fator interessante presente nesse texto é a preocupação com a internacionalização que, de acordo com o educador, deveria ser evitada para constituir o Brasil, por mérito de suas próprias características nacionais como registrado na seguinte citação:

A educação do homem não consiste tão somente em ensiná-lo a ler, escrever e contar com relativa facilidade. A escola para o bem sua missão deve, antes de tudo, alimentar o organismo nacional, proporcionando-lhe a força e coesão: porque, é preciso não esquecer o que nos foi dito por um historiador da atualidade: “Duas correntes disputam nos dias que correm o predomínio do mundo: a nacional e a internacional”. “Esta é uma das razões para se considerar a escola como sendo uma instituição nacional, não obstante a universalidade de sua missão. Porque se é evidente que os diversos componentes da vida dos povos civilizados: comércio, indústria e costumes sociais e políticos, artes e ciência que ela divulga sem cessar, tendem dia a dia a se aproximar da internacionalização; [...] Hoje mais do que nunca, o Brasil deve ser governado pelo Brasil, excluindo em boa hora o regionalismo como fator preponderante da desagregação nacional. Devemos, pois, volver os nossos olhares com benévola simpatia, principalmente para os partidos que sejam a manifestação real da vontade brasileira ou então que representem a consubstanciação dos ideais nacionalistas. (Pinto, 1936, p. 20)

Um dado que soa desproporcional à questão do nacionalismo é o fato de que a própria cultura que se pretendia difundir no período na verdade não constituir apenas uma tendência em desenvolvimento. Toda essa cultura era produto de uma internacionalização, e caso fosse atingido o objetivo nacionalista citado pelo educador, o que viria a ocorrer seria apenas conversão do internacional como nacional, mas não poderia dada sua procedência ser considerada produto nacional.

Tanto as teorias como as caracterizações da sociedade capitalistas nacionais foram frutos da importação de modelos internacionais, aplicados à realidade brasileira. Em relação à educação

especial, o trajeto percorrido na Europa foi transferido para o Brasil. O que se aplicou como base científica para o ensino de anormais e mesmo dos normais prejudicou, ou mesmo impossibilitou, o desenvolvimento do espírito nacionalista, que na verdade se constituiu de elementos alheios a seu território e cultura. Nessa medida, a busca pelo nacionalismo e a anulação de regionalismos, como apontou o educador, ao invés de evitar a internacionalização promoveu a adaptação da sociedade brasileira aos moldes da sociedade capitalista que sabidamente tem origem internacional.

Retornando à questão da relação entre educação, medicina e psicologia no texto “O médico escolar” de 1936, Norberto de Souza Pinto ressalta a atuação médica na educação e atesta a importância para o período da participação dos médicos no processo educacional das crianças anormais. Admitiu, porém, que mesmo sendo complementares as funções do médico e do educador não se confundem:

O médico escolar é um elemento que não se pode prescindir, em nossos dias, se quiser emprestar ao ensino atual uma orientação racional em plena harmonia com as ciências culturais e a pedagogia moderna. Encarregado da saúde dos escolares ele ditará as medidas convincentes para salvaguardar sua salubridade, ilustrará a autoridade escolar sobre medidas profiláticas que tendem a evitar a difusão das moléstias contagiosas; afastará temporariamente da escola os professores e membros enfermos, que constituiriam um perigo para os demais; visitará a escola regularmente, inspecionando as condições higiênicas em que se acham as classes, fiscalizando o material de ensino, as condições de luz, ventilação, etc. [...] Ele está encarregado de um papel muito importante que é o da observação psicológica da criança, para, de comum acordo com o professor, indicar o rumo que deverá seguir o educando. [...] A atividade do médico escolar, é, pois, muito variada, assas importante, e requer sobretudo uma preparação prévia para bom desempenho de sua missão. [...] Entre as ciências auxiliares da pedagogia moderna, ocupam lugar de destaque a psicologia e a psicologia experimental. O médico escolar, com os seus conhecimentos técnicos de anatomia, histologia e fisiologia está colocado em condições privilegiadas para o estudo da psicologia geral infantil e solucionará por certo as dificuldades que não estiverem ao alcance do pedagogo. [...] Atribui-se também ao médico escolar, e mui acertadamente, uma outra tarefa mais superior, isto é, de não ser tão somente o guardião da saúde, senão a de sentinela avançada afim de espreitar as potências intelectuais do educando. (Pinto, 1936, p. 21)

É possível observar, pela argumentação do educador, a relevância que a psicologia experimental tinha para o desenvolvimento da educação especial no período. Quanto à atuação médica, era bem quista de acordo com as afirmações do educador.

Pelo poder que foi atribuído ao médico na decisão da ida escolar das crianças, normais ou anormais, é possível mensurar a função do médico convertida em fiscal da saúde mental. Era, portanto, detentor da responsabilidade de vigiar e encaminhar as observações mais detalhadas para o profissional que considerasse digno da referida investigação. Essa manifestação de controle era realizada em semelhantes proporções na sociedade, aplicada aos adultos que de algum modo fugissem aos padrões de higiene preestabelecidos, configurando assim uma transferência para os espaços escolares das medidas aplicadas aos adultos. E a idéia de separação fomentada pelos médicos e mantida por Norberto de Souza Pinto e tantos outros no período era tida como predominante:

Os constantes progressos que notamos na ciência da educação nos convencem de que as crianças débeis de inteligência ou anormais devem ser separadas da escola comum, já porque elas prejudicam o progresso dos outros alunos de mesma classe ou porque nada poderão aproveitar do plano de estudo, que não se acha a altura de suas faculdades. É tarefa médica reconhecer tais crianças, estudando a causa do seu atraso, para aconselhar um regime mais conveniente. Daí a importância do seu papel, na seleção dos alunos, normais e anormais, para que estes recebam prontamente os reclamados auxílios em escolas especiais, classes diferenciais ou institutos ortofrênicos. [...] Todos pedagogos e higienistas estão de pleno acordo em não se descuidar do físico da criança por meio da prática constante da ginástica pedagógica, jogos ao ar livre, esportes, etc. (Pinto, 1936, p. 21)

Esse posicionamento, onde o médico é o responsável por diagnosticar e indicar o melhor modo de tratamento, selecionando alunos tanto normais quanto anormais, deflagra a plena aceitação da aplicação dos testes psicológicos, que veio a se constituir em principal instrumento de aferição da inteligência. A escala que permitiu essa mensuração foi desenvolvida pelo médico Binet, em conjunto com Simon, em 1905. A escala métrica Binet-Simon possibilitou a mensuração das crianças em idade escolar, e, por meio do resultado obtido, a criança estaria classificada, *grosso modo*, como superior, mediana ou inferior, em relação à inteligência. De acordo com a classificação, seria ministrada uma educação adequada ao seu nível intelectual; inteligência se convertia em intelectualidade.

É interessante que, no ano posterior, em 1937, o educador escreve um texto sobre Freud em que demonstra seu desapontamento com o método experimental meramente técnico, e aponta ainda a teoria de Freud como um possível caminho a se trilhar em busca de respostas sobre a mente.

No texto “Segismundo Freud”, de 1937, escrito em virtude do falecimento de Freud, Norberto de Souza Pinto discorre sobre a importância das descobertas de Freud e de como seu trabalho contribuiu para o entendimento da mente. Descreve que muitos cientistas da época afirmavam que Freud fez pelo estudo da mente o mesmo que Darwin havia feito pela Biologia. Por isso, os termos correntes relativos aos cientistas, freudiano e darwiniano. Norberto de Souza Pinto fez neste texto uma afirmação relevante da psicologia experimental que relata do seguinte modo:

O século XX tem sido rico de progressos e descobrimentos científicos, mas em nenhum dos trabalhos publicados a revolução de idéias tem sido tão completa como na psicologia. No princípio do século, observou-se uma grande expansão, que se denomina comumente – “psicologia experimental” – e muitas esperanças surgiram do novo método, o qual consistia na aplicação dos métodos de laboratório ao estudo da mente. Mas, não foi além das simples esperanças; jamais, foram constatadas ou aprovadas. A matéria de que trata a “psicologia experimental”, compreendida no significado atual da palavra, é tão somente o fato ou fenômeno de consciência e contrariamente ao que acontece com a “psicologia racional ou filosófica”, hoje adaptada por inúmeros filósofos, chegando mesmo, alguns autores contemporâneos, a defini-la como sendo também uma “psicologia sem alma”. É que a ciência se desenvolveu por vias puramente técnicas, foi um trabalho penoso e complexo, não se conseguindo esclarecer quase nada acerca dos grandes problemas da vida e da consciência humana. (Pinto, 1937, p. 30)

Por meio da citação anterior é possível verificar o desapontamento do educador com a psicologia experimental e sua aplicação técnica, que não se constituíram em instrumentos capazes de esclarecer a contento os questionamentos sobre a mente que assim permaneciam sem explicação científica, e que a psicanálise de Freud em muito poderia contribuir no preenchimento dessa lacuna. Além disso, para defender que a teoria de Freud passou a ter tal significação quando os métodos que se contrapunham à teoria de Freud se mostraram insuficientes para descrever a psicanálise e sua importância, usa a seguinte argumentação:

Inúmeras e as mais variadas foram as causas que a originaram. Em primeiro lugar, encontra-se a “psicologia experimental” considerada como uma derivada de fisiologia, cujo progresso tem sido consideravelmente restringido por essa. Em segundo lugar, observa-se que este estudo da mente, ainda não chegou a um perfeito e comum acordo a respeito da significação exata dos termos “mente” e “fato de consciência”, persistindo muitas dúvidas e pontos de vista antagônicos. Enquanto a nova ciência progredia lentamente, a psicologia foi, por assim dizer, desviada para outro caminho, completamente distinto. É que Freud, então suscitou uma revolução nos domínios da ciência, chegando a tornar sua nova idéia o centro do conflito. [...] De um lado o sábio vienense era tido como um grande cientista, enquanto que de outro era considerado um mero charlatão. [...] Tal conflito durou vários anos e os postos mais extravagantes da nova teoria foram energicamente combatidos; contudo, muitos de seus princípios essenciais foram aceitos por unanimidade. Hoje muitos são partidários da teoria freudiana e com surpresa, observa-se que grande parte daqueles que ainda a repudiavam já foram afetados por ela. [...] A psico-análise ou como se chama também a “nova psicologia” é, sem dúvida nenhuma, exclusivamente vital; poderá conter erros, mas, suas verdades são de alto interesse e importância. (Pinto, 1937, p. 30)

Quando admitiu a importância da teoria de Freud, evidenciou também uma mudança no modo com o qual se relacionou até aquele momento com educação, pois considera ainda os recursos técnicos da psicologia experimental. No entanto, não os entende como suficientes para diagnosticar com exatidão as deficiências as quais tinha por objetivo diagnosticar. Era preciso, portanto, que os instrumentos dedicados ao diagnóstico fossem mesclados para garantir uma maior precisão no resultado.

Entre esses instrumentos, estava uma escala utilizada para aferição da inteligência, adotada pelo educador. Norberto de Souza Pinto apresentou a escala de classificação que utilizou na educação das crianças anormais. Nesta escala, considerou a idade cronológica e a de inteligência; de acordo com a relação entre essas duas variáveis, obtinha-se por meio de testes psicológicos a classificação das crianças. Na ilustração a seguir, pode-se observar como dispôs a escala que adotou para aplicação em sua atuação:

ESCOLA PRIMARIA DE ADAPTAÇÃO

DIREÇÃO TÉCNICA - PEDAGÓGICA: *Prof. Norberto Souza Pinto*

IDADE CRONOLÓGICA: 10 ANOS

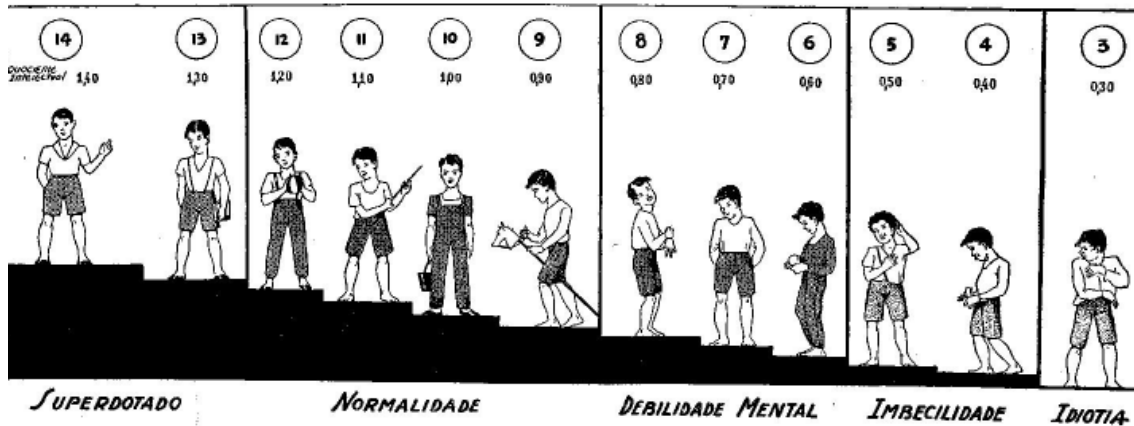


FIG. 6
Todas estas crianças têm a mesma idade cronológica de 10 anos mas, as idades mentais sensivelmente diferentes.

Ilustração 4 – Escala de inteligência utilizada por Norberto de Souza Pinto

Além da escala que compunha o conjunto instrumental de diagnóstico, no texto a “A aprendizagem e as crianças anormais” de 1943, fez uma descrição de como deveria ser composta a escola para crianças anormais, desde o espaço físico até a formação dos profissionais para ministrar tal atividade e a disposição da escola:

Podemos admitir duas classes de instituições para o ensino especializado à infância retardatária escolar: 1º) As classes diferenciais, anexas às Escolas Públicas; 2º) Os Institutos Autônomos sob o regime de semi-internato ou internato. [...] Acreditamos que o prestígio das classes anexas, reside sobretudo no fator econômico, pois, como profissionais que somos, desde 1917, verificamos com conhecimento de causa que seus defeitos são notórios. Embora admitamos que uma classe diferencial instalada anexa a um Grupo Escolar, aproveitará as instalações e grande parte do seu material já existente, assim como as demais salas existentes no edifício, etc., diminuindo despesas, também, é verdade que não constitui um quadro edificante, para o regime escolar, observando-se (muito embora acidental), ao mesmo lado dos meninos de inteligência normal, infelizes crianças aos quais a natureza negara o precioso dom de um intelecto vigoroso. [...] O recreio comum, o horário comum, torna-se impossível, privando-os de um ambiente proporcional às suas falhas educacionais. Todavia, é viável um horário completamente autônomo, isto é, vigorando no período da manhã. [...] O internato é o ideal no tratamento desta natureza, isola a criança do ambiente, mais ou menos desfavorável do lar, para educá-la na mais ampla e proveitosa disciplina, recebendo ensinamentos a todo o momento. Mas o regime de internato não aconselhável a todos os graus de anomalias mentais. Os casos de simples retardação que não afastam muito do tipo normal,

aqueles em que o meio familiar torna acessível, propício para o seu aperfeiçoamento, assim como todos os demais casos de anormalidades educáveis por causas orgânicas, etc., estes podem muito bem passar sem internato. Ficam bem nos internatos os anormais profundos e nos semi-internatos ou escolas autônomas, ou classes diferenciais ou retardatários escolares. Para a aprendizagem de ofícios, optamos para os institutos autônomos sob o regime de internato e semi-internato, funcionando em dois períodos: um pela manhã e outro à tarde. Nas classes diferenciais o anormal se inclinará mais facilmente aos hábitos de trabalho e disciplina indispensáveis. O externato é menos oneroso para o Estado. Em todo sistema educativo para anormais deve haver separação de estabelecimentos para meninos e meninas. A coeducação dos sexos é condenável. (Pinto, 1943, p. 84)

Nesta citação, a preocupação do educador se refere às justificativas que confirmam a importância da separação das crianças e as possíveis conseqüências do não atendimento à segregação. Delimita também os casos passíveis de educação em salas diferenciais anexas e os casos que só poderiam apresentar progresso em lugar afastado em regime de internato. É importante frisar que as finalidades da educação de anormais para o educador conduziam à adaptação do anormal a ponto de ser capaz de desenvolver alguma atividade relacionada com o trabalho como apontado nessa mesma citação. Além de defender a educação especializada em classe diferenciais e institutos ortofrênicos em regime de internato ou semi-internato, Norberto de Souza Pinto reconhecia também a necessidade de profissionais especializados para desempenhar a função de educar adequadamente a infância retardatária, como costumava designar.

É um erro acreditarmos que, para se consagrar de maneira útil e eficaz a educação de crianças anormais, basta tão somente, ser dotado de uma paciência ilimitada. Torna-se indispensável que os professores se tenham dedicado por longos anos a essa natureza de ensino, depois de concluída a carreira do magistério. O nosso ensino cognominado de técnico, por falta de ambiente escolar próprio, está muito longe de conseguir a eficiência que se espera. E dentro da multiplicidade de reformas porque tem passado o aparelho escolar de nosso Estado, essa deficiência continua muito rudimentar, faltando aos futuros mestres, aulas para o preparo do professor ortofreniata para as escolas de anormais ou para as classes diferenciais. A presença do técnico pedagógico constitui o fulcro dessa instrução. Assim, pois, cumpre salientar que no campo educativo, ressalta naturalmente uma grande diferença entre o homem de ciência e o homem técnico. Existe, de fato, uma ciência de educação, mas ao lado desta é forçoso destacar antes de mais nada, uma técnica de educação. Portanto, o professor que não for, ao mesmo tempo, técnico e pedagogo não poderá jamais dirigir com eficiência o ensino dos menores anormais quer de escolas, quer de hospícios. Em conclusão, já dissemos muitas vezes e aqui ousamos ainda repetir que o problema da educação dos menores anormais não se resolve com a

adaptação de pessoas para cargos técnicos, mas sim de técnicos para cargos. (Pinto, 1943, p. 84-87)

Sua preocupação com a formação apropriada para os profissionais que optassem em dedicar-se ao ensino de crianças anormais constitui um dos aspectos principais de sua proposta. Considerava que, para educadores especializados, a educação não poderia atribuir a seus domínios a responsabilidade deste tipo de educação. Quanto mais especializado fosse o educador, mais sólida seria sua atuação, o que por sua vez contribuiria com o fortalecimento da educação como campo científico. A dedicação do educador com a formação dos professores é confirmada neste mesmo texto quando apresenta as áreas que o educador especializado deveria dominar para consagrar sua atuação na educação de crianças anormais:

Para os cursos teórico-práticos aos professores normalistas que desejam obter o certificado de habilitação para ensinar nos institutos ortofrênicos ou em classes diferenciais para débeis mentais, elaboramos um programa de ortofrenia e que pode constar do seguinte: **1) Definição do anormal.** – verdadeiros e falsos anormais. Papel das taras hereditárias. Antecedentes mórbidos do retardado. Influência do meio familiar e escolar anteriores. Plano geral de estudo do retardamento intelectual. **2) Educação dos anormais.** – Exame médico – pedagógico e psicólogo. Organização da ficha individual. Classificação dos princípios gerais do método. Ensino coletivo, semi-individual e individual. Emprego do tempo. Programas. Tipos escolares. **3) Educação física.** – educação dos sentidos, dos movimentos. Ginástica ritmada ao som da música. Jogos e recreios. Excursão. Hidroterapia. Natação. Regimes. Adestramento e adaptação à vida prática. **4) Educação intelectual e moral.** – cultura do sentimento, do julgamento e da vontade. Processo capaz de fixar a atenção dos instáveis. Ginástica de palavra. Lições de coisas. Passeios educativos. Centro de interesse. Cinema educativo. Exposição de objetos. Trabalhos manuais, modelagens e desenho. **5) Organização interna das escolas.** – material escolar. Horário. Merenda ou refeição. Recreio. Números de alunos em cada classe. Recrutamento do pessoal para ensino especializado. Casualidades de um bom técnico pedagógico ou ortofreniata. **6) Aproveitamento dos anormais.** – relatório sobre os resultados obtidos. Discussão de diferentes modos de utilização dos trabalhos dos anormais. Patronatos e sua comissão. Conclusão. (Pinto, 1943, p. 84-87).

Neste conteúdo programático fica explicitada a dependência da educação dos anormais em relação aos recursos da medicina e da psicologia. Alguns conhecimentos como os pertinentes à aprendizagem e aplicação de testes de inteligência podem perfeitamente ser ministrados pelo ortofreniatra. No entanto, alguns conhecimentos se restringem ao profissional da

medicina e da psicologia, o que configura uma dependência presente até hoje, em especial em relação à psicologia.

No texto, “Educação de crianças anormais”, de 1950, ele discorre sobre a importância da escola especializada, da atuação do ortofreniatra e do auxílio que pode oferecer o médico, mas não deixa de ressaltar os limites da atuação médica, que não chegou a mencionar no texto “O médico escolar”, de 1936.

É possível identificar assim a redução da euforia em relação à presença médica, bem como a delimitação de sua atuação, o que indica uma forma diferente de entender a presença médica, demarcando o território de atuação na educação, o que difere consideravelmente da concordância que apresentou no texto de 1936.

Há em todas as escolas especializadas para o ensino e educação de crianças anormais, a colaboração indispensável ao ortofreniatra, de um médico, de preferência conhecedor de neuro-psiquiatria infantil. O papel de tão relevante figura do saber humano, apesar de importante deve no, entanto, ser limitado, isto é, não ultrapassar o que diz respeito à sua alçada profissional. Esclarecendo melhor o nosso conceito sobre o assunto, citaremos aqui a opinião insuspeita do dr. Emile Planchard, ilustrado médico, cultor de ciências pedagógicas nas quais se doutorou. E, assim nos diz ele: “O médico não deve emitir opiniões que se considerem superiores às que pode dar qualquer pessoa de bom senso. O papel do médico no tratamento dos anormais será o de melhorar, sendo possível, o estado somático e nervoso. O exame psíquico pedagógico deve ser feito pelo educador, competindo ao médico juntar, com freqüência, essa função às suas atribuições clínicas. E, assim o exame médico dos retardados e débeis mentais incide sobre a hereditariedade da criança, sobre as doenças eventuais de primeira infância, sobre sua evolução e sobre seu estado físico e fisiológico”. [...] Não há quem ignore que a técnica não consiste tão somente em criar ou descobrir formas; ela desempenha, como é evidente, um papel relevante na concepção de liberdade. (Pinto, 1950, p. 20)

No modo como argumenta, transparece sua necessidade de impor limites à atuação médica, não negando sua importância, mas detalhando suas funções de modo a não se confundirem com a do educador. Norberto de Souza Pinto reconhece a importância da técnica, mas ressalta que a natureza dessa tecnologia não se confunde e para tal pontua a diferença entre o médico e o educador:

Aproveitamos, portanto este ensejo, para diferenciarmos, os rumos seguidos pela psicologia educacional, face de simples orientação ou conhecimento da psicologia geral. De modo que o conhecimento, da psicologia infantil ou psicologia experimental da criança (cadeira esta que não existe nas faculdades de Medicina em nosso país) difere bastante da psicologia educacional, ou melhor, da Ortofrenia, que é um ramo da pedagogia científica que trata da educação de crianças anormais. E assim, no primeiro caso, a criança, como cliente é tratada em consultório médico, abstraindo-se dos fatores escolares. O examinado em tais casos é considerado como criança não sendo computada a eficiência ou deficiência de sua escolaridade. Já no segundo caso, ela é considerada para o educador como um escolar, para todos os efeitos, sendo nesta ocasião reclamada a psicologia educacional ou psicopedagogia, conhecimento este que deve possuir o professor. Todavia a psicologia infantil pode interessar a qualquer pessoa, mesmo porque a ciência não é monopólio de ninguém, é sobretudo universal, mas, a significação que esta representa, em tratando-se de crianças anormais e de sua estrutura escolar, nos mostra que a tarefa do educador deve se sobrepôr a do médico; aquele ensina e educa, este cura. São, portanto, em se tratando de educação de crianças anormais, tarefas ou responsabilidades tão distintas quão fundamentalmente diferentes. (Pinto, 1950, p. 20)

Norberto de Souza Pinto, neste trecho do texto, se dedicou a especificar as diferenças entre as finalidades médicas e educativas, quando expõe que a escola entende a criança anormal, enquanto o médico a entende como cliente. Pretendeu separar as atuações de maneira significativa, apontando a diversidade presente nos respectivos modos de tratar a criança anormal. Outro fator importante repousa no fato de haver uma distinção entre educação e cura, feita pelo educador, que denota relevante significado, pois é indicada, neste momento, uma negação da deficiência reduzida à doença, idéia que predominou no período, oriunda das teorias médicas. No texto de 1950, Norberto de Souza Pinto distinguiu primeiro os tipos de técnica, depois as finalidades das duas profissões, bem como os caminhos percorridos pela psicologia em cada área. O educador fez esse trajeto argumentativo para trazer para a educação a responsabilidade de educar a criança anormal, e afirma que o fez para evitar que ocorressem possíveis confusões, ou mesmo a invasão do campo educacional por profissionais de outra área, neste caso específico se os médicos:

Sendo tudo isto facilmente compreensível, concluímos que, a diversidade técnica das profissões, movimenta evidentemente uma diversidade pedagógica, pois é demasiadamente sabido que, cada profissão possui um meio *sui generis* que sob o aspecto subjetivo exige aptidões particulares definidas e, sob o aspecto objetivo, requer conhecimento especializado. Compete pois, ao educador, a direção e ensino de educandário para crianças anormais, mesmo por que tal ensino emendativo deve ser feito em torno da intenção de aprender do aluno e não da intenção de ensinar do professor, o que acontece, quando ele não é um técnico ou então um especializado. [...]

Um educandário para crianças anormais, digno deste nome, deve ter por centro a criança e não os interesses mercenários dos adultos. Sem isto, só poderemos observar a falta de pessoal capacitado mental e moralmente para as respectivas funções. Lutar contra esses males, combatê-los abertamente é realizar uma obra de sadias projeções, é evitar para mais tarde não ter que corrigir, é atacar em seus princípios a causa, para lograr um futuro melhor. [...] Chegamos então, de que o médico e o professor especializado em psicopedagogia de crianças anormais, não devem ser substituídos, mas sim complementarem-se. As escolas especiais para educação de crianças anormais, ou seja, os Institutos Ortofrênicos, devem funcionar sob a direção de um médico para o “tratamento físico” e de educadores especializados ou ortofreniatras, para o tratamento pedagógico. (Pinto, 1950, p.21)

Os esclarecimentos dados pelo educador no texto referido evidenciam a disputa entre os profissionais de educação e da área médica pela responsabilidade de educar as crianças anormais. Assim, o que já era visível na argumentação do educador passou a ser mais nítido, pois ocorre um deslocamento da prioridade em relação à educação dos anormais, apesar de manter as idéias principais como separação das crianças, a importância da educação especializada para tais crianças. Seu foco passa a ser o desenvolvimento dos centros de formação para professores especializados, o que indica uma busca do fortalecimento da pedagogia científica em detrimento do poder atribuído ao médico, posicionando esse profissional como complementar na educação e não responsável por ela. Nos textos que seguem a esse período, essa temática relativa à formação do ortofreniatra ficou cada vez mais evidente. No texto “Desajustamento escolar”, escrito ainda no ano de 1950, ele se dedica a descrever a Escola Sanatório Campinas, fundada em 1943 naquele município. Descreve primeiramente sua estrutura e suas finalidades educativas:

É um internato montado com todos os requisitos pedagógicos, constituindo o reativo ideal para a revelação de anomalias psicológicas. [...]. A escola não é simples hospital de meninos anormais; sua função é muito mais ampla do que o tratamento neurológico ou psiquiátrico dos seus educandos. Ela visa, sobretudo, educar, corrigir, ajustar, os impulsos dissociantes, adaptando-os à vida familiar e à anormalidade psíquica, tornando-os aptos, portanto, ao estudo e à aquisição de conhecimentos para a orientação de uma profissão. E assim, visa a à orientação psicopedagógica: 1) Subministrar as crianças e jovens, que lhe são confiados, uma educação individualizada, por meio de métodos especiais, num ambiente de liberdade e carinho; 2) Cultivar e enobrecer os sentimentos dos educandos enfermos, brindando-os com diversões apropriadas; 3) Propiciar aos discípulos maior bem-estar escolar possível para que, eliminando-lhes da consciência o complexo de inferioridade, possam sentir e amar a vida. 4) Orientar a um ofício que se harmonize com suas aptidões, a fim de que ocupe na sociedade, se possível, um lugar humilde, mas digno e independente. (Pinto, 1950, p. 5)

Em um segundo momento, expõe o método de ensino adotado pela escola, como meio de atingir as mencionadas finalidades, reforçando o caráter emendativo da ortofrenia. Não deixa, portanto, de novamente ressaltar as diferenças entre o hospital e a escola, pois de acordo com o educador a função da escola é muito mais ampla do que a função dos hospitais, pois tem como objetivo educar para a adaptação social, e não apenas medicá-la. Desse modo, procura mostrar como a educação foi ministrada na escola sanatório discorrendo sobre o método de ensino:

O ensino dispensado aos alunos da Escola Sanatório, todo objetivo e por meio de certos centros de interesse, constitui um *meio* jamais um *fim*. E por isso, não se trabalha na sala com material didático prefixado ou copiando figurinos importados do estrangeiro em assuntos de testes; respeitamos os estímulos típicos para cada espécie de atividades. Do exposto, conclui-se que as matérias a serem ensinadas aos anormais nunca constituíram fins e sim meios, atendendo antes de tudo, a personalidade do educando. Em resumo: procuramos na parte instrutiva a individualização e na educativa a socialização. Cada aluno recebe, pela dose metria pedagógica, conhecimentos de acordo com sua capacidade mental e o poder de receptividade. Os alunos são submetidos à educação racional e sistemática das funções sensoriais e das faculdades mentais, sendo empregadas para este fim a ginástica pedagógica, a educação dos sentidos pelas lições de observações. Mensalmente são enviados às famílias boletins de sanidade e trimestralmente, de aproveitamento escolar. (Pinto, 1950, p. 5-6)

Norberto de Souza Pinto retoma a questão da anormalidade em 1955, no texto intitulado “Debilidade mental” no que tange a definição do conceito e do diagnóstico. Neste texto se dedica a discorrer sobre o método de classificação da debilidade:

Admitindo a evolução das idéias sobre esse assunto, podemos constatar três modos de se definir e classificar a debilidade mental; 1º) O ponto de vista descritivo, o qual se baseia principalmente na sintomatologia, e se possível for, na patogenia; 2º) O ponto de vista social e pedagógico que tende a definir a classificar os deficientes mentais segundo o seu grau de adaptação ao meio social, ou melhor, especialmente escolar; 3º) O ponto de vista experimental, que é o mais recente porque considera a inteligência em seus aspectos gerais ou semelhantes, servindo-se de processos genuinamente experimentais. Não seria demais advertir que, em um exame bem feito, nenhum dos modos acima citados poderia reivindicar sua exclusividade, uma vez que o diagnóstico final deve estar baseado no emprego dos três métodos reunidos. (Pinto, 1955, p. 23)

Como admite que o modo descritivo é o mais antigo, explica tal modo de análise da seguinte forma:

O modo descritivo é o mais antigo, predominando nele as classificações sintomáticas e anátomo-patológica. Assim é que poderemos recordar aqui o seguinte fato: o notável psiquiatra Pinel não distinguia o idiotismo da demência, enquanto que Esquirol com seu famoso “Tratado de doenças mentais” nos apresenta uma curiosa diferenciação que se tornou muito citada e, conseqüentemente, popular. Ei-la “O homem demente se acha privado dos bens que possuía; foi rico e se tornou pobre; o mesmo, não aconteceu ao idiota que, tendo nascido pobre, continuou no infortúnio e na miséria. “Essa distinção da idiotia como estado patológico autônomo, delimitou por muito tempo o progresso deste estado. (Pinto, 1955, p. 23)

A citação de Norberto de Souza Pinto demarca que as definições dos médicos Pinel e Esquirol conduziram a uma estagnação no tratamento do idiota, posto que, ao ser caracterizado como patológico autônomo, retirava desse tipo de diagnóstico a possibilidade de alteração do quadro. Ressalta ainda nesse texto os avanços em relação a esse diagnóstico, a partir de 1843:

Já em 1843, o notável psicólogo francês Voisin, em seu célebre livro intitulado “Tratado teórico e prático de doenças mentais”, considerava o débil mental em grau superior aos idiotas e aos imbecis e ainda mais, portadores de faculdades intelectuais aproveitáveis embora desprovidas de senso necessário para dirigir sua vida. Foi a partir desse momento e sob qualquer sinônimo que se deseje designar a debilidade mental, que esta anormalidade, uma vez considerada como forma intelectual deficitária, ficou então situada entre a imbecilidade e o estado normal. Colaboram nesta classificação grande número de autores, tais como: Narce em 1862; Luys em 1881; Voisin em 1893, Bounerville em 1897, Kole em 1901, e finalmente Weygant em 1905. (Pinto, 1955, p. 23)

A argumentação desse texto indica que o educador, apesar de estar a par das discussões, sugere a imprecisão sobre o assunto, no que tange ao diagnóstico. Norberto de Souza Pinto conclui esse texto de 1955 reforçando a idéia de imprecisão que pairou sobre as teorias da época:

Cumpre observarmos que as classificações baseadas unicamente na etiologia na anatomia patológica não poderão prestar grandes serviços. Da mesma forma, as classificações tendo por base a sintomatologia carecem de amplitude e até mesmo de precisão. No entanto, muitos cientistas como, por

exemplo, Esquirol tentaram classificar os deficientes mentais, baseando-se unicamente no estado e desenvolvimento de sua linguagem; outros, como Seguin, já consideram a vontade como ponto básico de tais estados; ainda outros, como Sollier, acreditam que a debilidade ou nulidade de atenção é o que faz distinguir o idiota do imbecil. [...] Qualquer que seja a função estudada, a distinção estabelecida entre os diversos níveis mentais nos autores acima citados, parece nos apresentar um caráter meramente subjetivo, apoiando-se eles muitas vezes em termos imprecisos pouco propícios a facilitar o exame do indivíduo. Nota-se, portanto, um paliativo de palavras, as quais nem sempre dissimulam a pobreza ou insuficiência das noções que encobrem. (Pinto, 1955, p. 23)

Essa imprecisão no diagnóstico e as discordâncias entre as teorias que impediam uma maior exatidão não eram problema apenas para Norberto de Souza. Essa questão era dividida pelas áreas que se dedicavam aos estudos da criança anormal. Jannuzzi (2006, p. 56) assinala que não havia uma explicação clara sobre o que seria a inteligência:

Não se explicava o que seria *inteligência*, principal parâmetro para a classificação das crianças em supernormal ou precoce, subnormal ou tardio e normal. Porém, pode-se supor que estivesse relacionado com o rendimento escolar do aluno, avaliado nas notas de classe.

Em relação à inteligência, essa associação está implícita na argumentação que Norberto de Souza Pinto faz no texto “Educação e evolução” de 1955. Nesse texto, descreve a inteligência como um fator passível de alteração, por meio do processo educacional, o que pode ser considerado como relação entre inteligência e desempenho educacional. Apesar de não se referir estritamente às crianças anormais, destaca que a inteligência é o condicionante que permite a evolução humana por intermédio da educação. “Toda adaptação da inteligência ao conhecido provoca uma readaptação necessária a outro conhecimento mais amplo. Saber é, em síntese, aprender mais e poder mais” (Pinto, 1955, p. 11).

As formulações do educador conduzem à relação entre saber e poder, considerando a mente humana tão passível de evolução quanto a sociedade em expansão. Por meio de suas afirmações, delineou uma capacidade ilimitada do poder de aprendizagem a qualquer indivíduo que quisesse aperfeiçoar sua inteligência por meio da aprendizagem. Assim, quanto mais aprendesse, mais poderia usar seus conhecimentos como recurso. Tal estratégia disposta desse modo permite inferir que o aperfeiçoamento da inteligência, por meio do acúmulo de

conhecimento, seria capaz de superar as dificuldades impostas por outras características do indivíduo, como ter nascido pobre e ser mulato (é bom lembrar que o educador compartilhou dessas duas características). Além disso, essa idéia de evolução por meio da inteligência doutrinada, de readaptações de acordo com as exigências sociais, foi fixamente difundida em seus escritos, e pode ser observada em outros momentos de sua obra. Conclui o referido texto reforçando a idéia de que o poder de aperfeiçoamento da inteligência viria a garantir a constante evolução da mente humana e por conseqüência da própria espécie:

A ciência tende servir-se cada vez mais do hábito e, em conseqüência, fortifica e amplia as bases do inconsciente à maneira do construtor que dá estabilidade ao edifício servindo-se da solidez do cimento; mas, sempre será a consciência, cada vez mais luminosa do homem e seu poder teórico e prático, sua potência de reflexão interior, o grande sinal de sua superioridade. Um dos traços que caracterizam o homem em confronto com o animal e o civilizado comparando-o com o selvagem é que sua inteligência tem um poder maior de persistência e de capacidade para novas aquisições; não se contenta, pois, somente, com o poder adquirido. A fecundidade intelectual do gênio não se suspende: prolonga-se até a tumba. A cultura do gênio está ligada a vida, constituindo, por isso mesmo, uma expressão da própria vida. [...] A evolução da consciência nos tipos superiores da humanidade tende a crescer, absorvendo por completo sua existência. A própria natureza tende a suprimir estes dois extremos que são: a larga inconsciência infantil e a velhice imbecilizada, tão comum nos graus inferiores das raças. Assim, os limites fecundidade intelectual e da educação continuam a adquirir uma extensão que pressupõe que o cérebro humano será, para o futuro, mais ativo que o resto do nosso organismo; também, pelo predomínio das idéias mais universais e impessoais, pela curva de sua evolução, pelo grau de fecundidade, de duração e de potência, a consciência humana propenderá para um conteúdo de maior durabilidade. (Pinto, 1955, p. 12)

Ainda no que tange a relação da inteligência com o nível de desempenho escolar, no texto de 1956, intitulado “Ortofrenia”, quando o educador se refere ao modo de identificação das crianças anormais nas escolas, menciona tal relação como se pode observar a seguir:

O retardado escolar é fácil reconhecê-lo na escola comum, atares de causas principais: 1) Uma inteligência insuficiente para o nível dos estudos empreendidos. 2) Um mal estado de saúde, que motiva a irregularidade em assistir as aulas ou que causa um estado habitual de fadigabilidade, perturbações da memória e da atenção, contribuindo para descer o rendimento escolar abaixo do médio. 3) Perturbações do caráter afetivo, afastando a criança de suas tarefas escolares. 4) Finalmente, uma má adaptação ao meio, cuja causa mais freqüente é a mudança continuada de escolas. [...] Mas se a causa do retardamento escolar for a deficiência mental,

o remédio se encontra nas classes especializadas, que tanto reclamarmos, enquanto profissionais que somos no ensino emendativo, forma instituídas algumas, somente na capital do Estado. (Pinto, 1956, p. 10)

No entanto, como é possível identificar, relaciona a inteligência ao atraso escolar, e indica a deficiência mental como passível de tratamento apenas em total isolamento do indivíduo do meio social, contraditoriamente, à relação que propôs entre inteligência e desempenho escolar. Cita Pearson, para justificar que a inteligência não pode ser considerada sinônimo de aprendizagem: “é evidentemente certo que a inteligência como razoavelmente observa Pearson, não é um sinônimo de aprender; mas essa rapidez constitui um dos atributos que, ordinariamente, distinguem os intelectuais superiores” (Pinto, 1956, p. 10). Desse modo não assume que a inteligência é o fator principal para determinar a anormalidade mental, admite-a como um dos principais fatores. A distância entre teoria e prática promove determinadas reorganizações que possibilitam que alguns condicionantes previstos na teoria sejam desconsiderados na prática, dada a dinâmica da prática. Um exemplo dessa reorganização são as condições que Binet recomendou quanto à aplicação da escala métrica de inteligência, que na prática foram desconsideradas. A não aplicação de tais condições na prática foi excluída até da teoria. Assim, de acordo com Gould, Binet preocupou-se com o uso indevido da escala e postulou três condições principais para o seu uso, quais sejam:

1. As marcas obtidas constituem um recurso prático; não são o arcabouço de uma teoria do intelecto; não definem nada de inato ou permanente. Não podemos dizer que medem a “inteligência” ou qualquer outra entidade reificada.
2. A escala é um guia aproximativo e empírico para a identificação de crianças ligeiramente retardadas e com problemas de aprendizagem, que necessitam de uma assistência especial. Não é um recurso para o estabelecimento de qualquer hierarquia entre as crianças normais.
3. Qualquer que seja a causa das dificuldades de que padecem as crianças, a ênfase deve recair na possibilidade de aprimoramento da sua capacidade através de uma educação especial. Os baixos resultados não devem ser usados para se atribuir às crianças o rótulo de incapacidade inata. (Gould, , apud Vilela, 2006, p. 29)

Ainda de acordo com Vilela (2006, p. 29), o que se viu após a morte de Binet, em 1911, foi o *esquecimento* de seus princípios e a utilização de seu legado para atender teorias preconceituosas.

É importante ressaltar que a reorganização de descobertas com determinado fim, para que se ajuste a outros objetivos ou mesmo a perversão de idéias originais que resultam em seu contrário são características constantemente presentes na dinâmica capitalista burguesa, que em um momento seguinte será mais aprofundada nesta pesquisa.

Um ponto importante a ser destacado no texto de 1957, ano de inauguração do Instituto Carlos Gomes, dedicado à especialização de professores do ensino primário para atuar na educação de anormais, é a apresentação das disciplinas que Norberto de Souza Pinto ministrou no referido curso. O conteúdo programático indica as prioridades do educador em relação à formação dos professores primários:

Rejubilamos pela alvissareira notícia publicada na primeira página do “Diário Oficial” no qual o Sr. Jânio Quadros, Governador do Estado, ordena a instalação do Curso em apreço, ao mesmo tempo que designa um profissional para dirigi-lo e orientá-lo tecnicamente. O novo curso que funcionará no período da manhã, das 8 às 12 horas terá o seu currículo assim distribuído em 9 cadeiras, sendo elas as seguintes: 1) Psicologia da infância deficitária; 2) Ortofrenopedia e Didática especializada; 3) Biotipologia e Higiene Mental do escolar; 4) Biologia: Endocrinologia e noções gerais de anatomia e fisiologia do sistema nervoso; 5) Antropometria pedagógica e medidas educacionais; 6) Trabalhos manuais (Laborterapia); 7) Ginástica rítmica; 8) Desenho; 9) Música (Meloterapia). (Pinto, 1957, p. 14)

As disciplinas descritas como cadeiras pelo educador expuseram suas prioridades em relação aos aspectos da formação dos professores primários, para garantir que o direito sobre o ensino de crianças anormais estivesse em poder dos educadores e não nas mãos de profissionais de outras áreas. Os saberes que considerou essenciais na formação do ortofreniatra evidenciam a busca da legitimação técnica e por consequência científica dos educadores em relação qualquer outra área técnica.

No texto “Ensino para débeis mentais” de 1959, mantém sua argumentação direcionada para a questão do saber técnico do educador, reforçando a idéia de oficializar o ensino especializado para educadores primários. Apresenta ainda as dificuldades que enfrentou e também da atuação abusiva de outras áreas de atuação na educação, o que confirma as angústias que há muito já especificava em seus escritos:

E foi com esta espécie de paciência que esperamos decorrer QUARENTA ANOS, para que o nosso sonho se tornasse realidade, isto é, se instalasse um Curso de especialização para as professoras primárias que desejassem educar crianças portadoras de deficiências mentais, curso este já previsto por decreto de lei, existente no artigo 644 das Consolidações das Leis de Ensino do Estado de S. Paulo. [...] Não seria demais ser lembrado aqui, que as Consolidações das Leis de Ensino, constituem um código, que fora aprovado pela Assembléia Constituinte do Estado e continua em pleno vigor. Mas, o que causa surpresa e estupefação, é o de se insistir em desviar a orientação e direção do ensino especializado de débeis mentais que compete ao Diretor do Departamento de Educação, sediando a recuperação dos deficientes em Institutos de Educação como ordena a lei acima citada, para o Serviço de Higiene Mental através de orientação autônoma e incondicional. [...] É justamente isto que vem acontecendo, no decorrer de muitos anos, sob as vistas complacentes do Departamento de Educação. [...] Confiamos, porém, que não demorará o momento em que a Diretoria desse Departamento fará cessar essa iniquidade, superintendendo, como lhe compete e dentro de suas atribuições, todas as instalações de classes diferenciais e as devidas nomeações de professores para as referidas classes, isto é, de diplomados pelo Curso de Especialização para o ensino de débeis mentais, curso esse genuinamente educacional, contando um eficiente corpo docente e sendo por ele ministrado diariamente aulas de doze disciplinas de que consta o currículo. O curso em apreço, além de ter a direção técnico-pedagógica de um profissional, foi instalado oficialmente pelo então governador do Estado. [...] O magistério é uma carreira para professores e estes foram feitos para ensinar e educar. Todo problema surgido no Magistério tem que ser solucionado pelo próprio professor, mormente na educação de crianças anormais. (Pinto, 1959, p. 48)

Nesse texto, fica evidente a questão das desavenças dos profissionais da educação e da área médica, ou como Jannuzzi (2006) nomeou, vertente psicopedagógica e vertente médico-pedagógica respectivamente. Como destacado em vários outros textos, a busca pela independência da influência médica, ou pelo menos a divisão e aceitação das tarefas pertinentes a cada área, foi um dos temas que persistiram, nas argumentações de Norberto de Souza Pinto. No entanto, o fato de se afastar dos recursos médicos, e se aproximar dos recursos psicológicos não altera a situação da educação, proporcionando-lhe autonomia. Apesar de aparentemente incorporar os conhecimentos da psicologia à educação, continuou dependente de outra ciência, que por mais que pudesse fornecer conhecimento e recursos aplicáveis na educação não deixava de ser outra ciência.

Capítulo III – A anormalidade a e educação

Neste capítulo, busca-se analisar o conceito de normalidade e anormalidade na educação, tal qual se evidenciou na proposta educacional de Norberto de Souza Pinto. A escola é uma das instituições da sociedade, ou do aparato tecnológico, como ressalta Marcuse. Assim, tal instituição não age de modo autônomo, mas a seu modo atende as exigências da sociedade em conformação. Portanto, é necessária uma análise de como foi constituída na sociedade capitalista burguesa a relação com a diferença, ou com a anormalidade.

Desse modo a análise segue em primeira instância relacionando o conceito de normalidade/anormalidade com a sociedade, em seguida com a ciência e tecnologia e por fim com a educação.

III.1 Normalidade e anormalidade na sociedade

Para compreender em que base se fundamenta a constituição do significado atribuído aos conceitos de normalidade e anormalidade na sociedade brasileira a partir da proclamação da República, é preciso que se entendam as principais mudanças ocorridas no país e que finalidades as mesmas buscaram atingir. Tais mudanças ocorreram por conta da inspiração em modelos de nações européias e da nação norte-americana. A frase ostentada na bandeira nacional brasileira e as teorias científicas que contribuíram para normatizar a população em favor do funcionamento da sociedade industrial foram trazidas dos modelos de nação internacionais. Em tais modelos de sociedade, a prioridade é o fortalecimento do Estado, que Norberto de Souza Pinto chamou em alguns momentos de organismo nacional. Assim, o indivíduo na sociedade tem como principal função contribuir por meio de seu trabalho e conduta para o fortalecimento do país. Essa idéia de nacionalismo é evidenciada nos escritos de Norberto de Souza Pinto como é possível observar na citação abaixo:

A educação do homem não consiste tão somente em ensiná-lo a ler, escrever e contar com relativa facilidade. A escola para o bem sua missão deve, antes

de tudo, alimentar o organismo nacional, proporcionando-lhe a força e coesão [...]. (Pinto, 1946, p. 20)

Dada a importância do fortalecimento da nação como um dos princípios necessários aos novos cidadãos, a escola tornou-se responsável por transmitir aos futuros cidadãos as condutas que fariam as gerações futuras estarem em harmonia com a sociedade que teriam como legado. Como essa busca pela transformação do Brasil em nação, por meio da imitação dos modelos capitalistas em vigor na Europa e Estados Unidos, foi transferida para modificar a cultura vigente no país, tanto as aspirações ao progresso quanto os elementos de controle, coerção e dominação que constituíam tal modelo. Ao mesmo tempo em que trazia ares de evolução para o país, trazia consigo também as imposições de dominação.

Com o organismo nacional como fator de prioridade para o indivíduo, cada elemento deveria então desempenhar sua função para que tal objetivo fosse atingido. O indivíduo que não atingisse tal meta seria considerado inútil, ou inadaptável socialmente. Essa relação pode ser identificada nos escritos de Norberto de Souza Pinto quando define a anormalidade infantil:

Crianças anormais é o termo que se costuma dar a todas aquelas que se encontram inadaptáveis ao meio social para qual devem viver. Esta inadaptação acha-se ligada a várias causas. De um lado, pode apontar a existência de uma incapacidade de adaptação, motivada por enfermidade física. Lesões orgânicas ou enfermidades de qualquer natureza, que impedem a criança de viver em harmonia com o meio. (Pinto, 1935, p. 8)

Apesar de na citação o educador se referir à criança, pode-se entender que essa definição de anormalidade não era originária do âmbito educacional, posto que a escola era parte do aparato tecnológico que sustentou a ideologia da classe dominante e, portanto, além de concordar com a ideologia vigente, a reproduziu. Após a inutilidade social ser associada à anormalidade, o indivíduo que não se adaptou converteu-se em problema. Se não contribuía para o fortalecimento do organismo nacional, contribuiria então para sua degradação, tornando-se assim uma doença para o organismo social, ou sociedade. Desse modo, a anormalidade foi relacionada à doença, e como tal deveria ser extirpada do organismo nacional para torná-lo saudável. Adorno (1951) faz a seguinte reflexão:

A proliferação do sadio é enquanto tal, já sempre e ao mesmo tempo, a proliferação da enfermidade. O seu antídoto é a enfermidade enquanto de si consciente, a restrição da própria vida. Semelhante enfermidade curativa é o belo. Este põe freio à vida e, deste modo, ao seu colapso. (Adorno, 1951, p. 70)

Na citação de Adorno, o sadio se equipara à enfermidade, pois o indivíduo era considerado normal ou sadio quando servia às exigências sociais. Assim, a escravidão do homem ao sistema se caracterizou como sadia, e o que se entendeu por sadio na verdade se constituiu em enfermo, pois o objetivo de alcançar a felicidade para o homem havia sido substituído pelo objetivo de servir ao sistema, e qualquer indivíduo que não fosse capaz de cumprir tal meta veio a ser taxado de anormal.

Como Norberto de Souza Pinto mencionou ao definir a criança anormal, as causas da anormalidade podem ser de naturezas diversas, desde “lesões orgânicas ou enfermidades de qualquer natureza, que impedem a criança de viver em harmonia com o meio” (Pinto, 1935, p. 8). Quando o educador se referiu a enfermidades de qualquer natureza, expressou as muitas possibilidades que poderiam designar um indivíduo como anormal. Fica então caracterizada a coerção social sobre o indivíduo, pois o título de anormal, quando atribuído ao indivíduo, fazia com que o mesmo perdesse o direito de conviver em sociedade, ou se pudesse permanecer, estaria mesmo assim determinado a ser tratado como anormal, inútil, doente. Para fugir de tal destino, os indivíduos se submetiam a condição de escravos do sistema capitalista industrial. O que restou então para a população foi à submissão ao sistema ou exclusão da sociedade.

A violência baseada na civilização significa a perseguição de todos por todos, e quem sofre de delírio de perseguição fica em desvantagem, ao atribuir ao próximo algo disposto pela totalidade, na desesperada tentativa de tornar comensurável a incomensurabilidade. Consume-se porque quer aprisionar de forma imediata, com as suas próprias mãos, o delírio objetivo, a que se assemelha, quando o absurdo reside justamente na pura mediação. Ele é a vítima escolhida para a perpetuação da ofuscação feita ao sistema. Ainda a pior e a mais absurda imaginação de acontecimentos, a mais selvagem projeção encerra o esforço inconsciente da consciência por conhecer a mortal lei em virtude da qual a sociedade perpetua a sua vida. A aberração é, em rigor, apenas o curto-circuito da adaptação: a loucura patente de um chama erroneamente no outro, pelo seu nome verdadeiro, a loucura da totalidade, e o paranóico é a imagem irrisória da vida justa, ao tentar por sua própria iniciativa identificá-la com a vida falsa. (Adorno, 1951, p. 155)

Novamente Adorno reforça a idéia de que a proposição social de que o indivíduo devia se submeter ao controle do Estado, enquanto organismo nacional, que por sua vez exigia a escravidão do indivíduo à indústria, mantinha direção contrária à natureza humana e, portanto, por si só caracterizou a patologia social, impondo ao indivíduo uma verdade falsa. Pois, quanto mais o indivíduo viesse a se dedicar às exigências da maquinaria industrial, mais deixaria de ser humano tornando-se apenas mais uma peça descartável entre as tantas engrenagens que constituíam a máquina. Nesta perspectiva, a enfermidade se caracteriza pela aceitação de uma verdade baseada em uma falsa naturalidade, pois se tornar escravo do trabalho, não é natural, mas, pela coerção do Estado sobre o indivíduo, tornou-se verdade. Então o indivíduo que não se adaptou e foi considerado anormal representou por meio de sua anormalidade a anormalidade que a própria sociedade impunha ao indivíduo.

O reino da coisificação e da normalização expande-se assim até a sua extrema contradição: o supostamente anormal e caótico. O incomensurável torna-se como tal comensurável, e o indivíduo dificilmente é já capaz de impulso algum que não possa mencionar-se como exemplo desta ou daquela constelação publicamente reconhecida. Esta identificação exteriormente aceita e, por assim dizer, levada a cabo para além da dinâmica própria acaba por eliminar, juntamente com a genuína consciência que dele se tem, o impulso em si. Este torna-se um reflexo provocável e revogável de átomos estereotipados a estímulos estereotipados. (Adorno, 1951, p. 57)

Para que o processo de normatização ocorresse e garantisse a normalidade das coisas e dos indivíduos, ocorreu o que Adorno assinala: o incomensurável tornou-se comensurável. Com isto, o autor evidencia um dos meios de legitimação dos interesses da classe dominante sobre a população, qual seja a ciência positivista⁹, pois a mesma esteve a serviço da coerção social sobre o indivíduo na busca da legitimação dos interesses da classe dominante. É importante ressaltar que a ciência é um meio pelo qual a humanidade pode obter conhecimento de sua origem, de sua história e de várias outras questões importantes para o desenvolvimento humano. Porém, o modo como a ciência a favor do Estado foi articulada fez com que o conhecimento se tornasse instrumento de dominação, assim confirmando a equiparação de conhecimento a poder, neste caso, o poder que o Estado buscou exercer por meio dos recursos

⁹ Ciência positivista tinha como base o uso dos conhecimentos científicos como meio de fortalecimento de Estado. O positivismo é uma filosofia decorrente da obra de Augusto Comte. O objetivo principal de tal filosofia era tornar o Estado mais poderoso, obtendo o progresso por meio da imposição da ordem. Uma evidência dessa filosofia no Brasil está impressa no lema da bandeira nacional, pois ordem e progresso eram os principais lemas da filosofia positivista.

que o conhecimento científico pode fornecer tornando-se técnica de dominação ou tecnologia a serviço da dominação.

O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama “verdade”, mas a “*operation*”, o procedimento eficaz. Pois não é nos “discursos plausíveis, capazes de proporcionar deleite, de inspirar respeito ou de impressionar de uma maneira qualquer, nem em quaisquer argumentos verossímeis, mas em obrar e trabalhar e na descoberta de particularidades antes desconhecidas, para melhor prover e auxiliar a vida”, que reside “o verdadeiro objetivo e função da ciência”. Não deve haver nenhum mistério, mas tampouco o desejo de sua revelação. (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 5)

A ciência na sociedade capitalista burguesa industrial é entendida como o meio de explicação do mundo e das relações humanas, e como tal se converteu em instrumento de legitimação racional. O método de análise é baseado no cálculo. Para que pudesse haver a verificação científica de determinado objeto, o mesmo deveria ser quantificado, para então ser analisado. Tal premissa funcionou bem nas ciências exatas, e passou a ser um fator decisivo na justificativa racional de fenômenos. No entanto, nem todos os objetos de estudo se faziam mensuráveis, como no caso da normalidade/anormalidade. Como afirmar com exatidão as causas e possíveis tratamentos à anormalidade, se tais causas dependiam de variáveis processadas pelo cérebro humano, e se o conhecimento sobre o cérebro ainda era tão escasso? Esse problema se estende até a atualidade, pois apesar dos avanços da ciência, a mente humana ainda não foi decifrada por completo. Assim se mais de um século depois ainda restam dúvidas sobre a mente humana, é possível presumir a quantidade de equívocos que foram cometidos em nome da ciência no período.

De fato, o que não pudesse ser comprovado cientificamente não podia ser legitimado, além do que recaía sobre as ciências humanas a associação com a subjetividade que por sua natureza se contrapunha a razão. Assim, as ciências exatas eram em regra mais científica que as ciências humanas dadas as dificuldades de quantificação de tais objetos. Como o modo operacional da sociedade se baseou na objetividade da razão, o único modo de legitimação da ciência como tal era pela utilização do método quantitativo de verificação, foi transferida para a ciência humana a mensuração que, por sua vez, possibilitou a calculabilidade dos fenômenos subjetivos, tal como a anormalidade.

A sociedade burguesa está dominada pelo equivalente. Ela torna o heterogêneo comparável, reduzindo-o a grandezas abstratas. Para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão: o positivismo moderno remete-o para a literatura. (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 7)

Por meio da citação acima, é possível verificar a afirmação a respeito da conversação de objetos em números, pois, como afirmam os autores, o que não fosse passível de constatação pelo método do cálculo seria remetido à literatura, perderia assim seu caráter científico. Diante dessa imposição, as ciências humanas adotaram o método quantitativo tendo início assim a mensuração dos corpos.

A mensuração do corpo humano ocorreu por meio da antropometria, tal ciência tinha por objetivo a mensuração do corpo humano, já mencionada tempos antes por Vitruvius e retratada por Leonardo da Vinci em sua obra *O Homem Vitruviano*. Da mensuração do corpo, passou-se à mensuração psicológica, nos estudos de Galton¹⁰ sobre a hereditariedade das características psicológicas. Fica evidenciada a quantificação de objetos de estudo subjetivos convertidos em quantitativos, pois Galton fez uso do método estatístico nos estudos de caracterização psicológica. A própria teoria de Galton, a eugenia, demonstra como a ciência pode ser articulada para que resulte em algo que não necessariamente é verdade, mas de acordo com o modo como a investigação científica é conduzida uma falsa verdade pode ser legitimada. A teoria eugênica foi dedicada ao reconhecimento do homem branco europeu como tipo humano superior. Desse modo os negros, índios, ou qualquer outro povo estariam em condição inferior. Essa teoria teve grande impacto no Brasil sendo absorvida como verdade. Norberto de Souza Pinto quando se dispõe a falar sobre a infância demonstra enfaticamente a aceitação da existência de raças superiores e inferiores:

As raças inferiores são também mais precoces. Na idade em que um índio dos nossos bosques, ou um preto do centro da África, é um chefe de família, com todas as responsabilidades e apto, conseqüentemente, a prover o necessário para a manutenção da família; nessa mesma idade um jovem de nossa sociedade está ainda na escola e não é capaz de sustentar-se a si mesmo, reclamando a ajuda dos pais e dos parentes. [...] Como podemos observar, portanto, em todos os seres vivos sucede o mesmo: a medida que a vida mental se torna mais complexa, pois nem outra cousa significa ocupar

¹⁰ Francis Galton foi criador da ideologia eugênica quem cunhou o termo, publicado em seu livro intitulado *Inquires into human faculty*, 1883. Na sua Teoria da Eugenia sobre o aperfeiçoamento da espécie humana, segundo ele, seria através de cruzamento geneticamente forçado. No seu livro *Hereditary genius*, ele explica que a capacidade humana decorria da hereditariedade ao invés da formação por meio educacional.

um lugar de superior na escala biológica), sua infância se prolonga. (Pinto 1954, p. 41-42)

A aceitação das descobertas científicas que em pouco tempo eram estendidas à outras áreas da sociedade sem ser consideradas as características de cada área é recorrente na sociedade capitalista. É importante lembrar que a mensuração humana tem como ponto de partida a arte e como tal sua relação com o belo não pode ser negligenciada. A mensuração humana tinha como elemento norteador a beleza, a perfeição. O que fosse considerado inferior ou anormal se relacionava com feio, com imperfeição. Sobre a relação da arte com o belo, Norberto de Souza Pinto relaciona a música à beleza, citando os benefícios que a arte e sua beleza poderiam trazer para a alma infantil.

A estética, isto é, a ciência do belo, conta como seu melhor cultor a criança e isto porque ela ama as cousas belas, não por um interesse racional ou discursivo, senão por pura intuição emocional, que é a característica da alma infantil. Beleza, Amor e Criação formam para ela um só predicado, porque tem um sentimento de grandiosidade, de algo luminoso e bom, de uma harmonia que quer encerrar em si mesmo, como se pretendesse tomar suas próprias mãos um raio de sol. O amor ao que é belo, dirigido em forma adequada, pode desempenhar um papel importantíssimo na educação da infância e contribuir para a sua felicidade. (Pinto, 1955, p. 26)

A relação entre arte e beleza e a perfeição sugere que o que for considerado fora do padrão normal aproxima o anormal do que é feio. Em decorrência dessa equivalência, os anormais principalmente os que apresentassem deformidades físicas eram associados a monstros, caracterização que predominantemente vinha acompanhada de maldade. —Essa relação foi marcante no período medieval, mas ainda podem-se observar resquícios desta mentalidade em alguns estudos sobre anormalidade (Romualdo e Neves, 2009; Diwan, 2007).

Tanto a classificação racial quanto a associação da beleza à bondade e perfeição puderam se fazer lógicas pela forma como foi utilizado o conhecimento científico. Essas falsas verdades elaboradas por meio dos recursos científicos foram apenas duas entre tantas outras que contribuíram para a dominação do homem e da natureza por alguns homens que constituíam a classe dominante. Horkheimer e Adorno (1985) ressaltam que a busca pela identificação do indivíduo com a submissão ao sistema industrial ocasionou o desenvolvimento do que se caracterizou como anormal na sociedade capitalista.

Só a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior se torna para a primeira o modelo ao qual o interior se ajusta, o estranho tornando-se o familiar, a segunda transpõe o interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil. Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial. Para o paranóico usual, sua escolha não é livre, mas obedece às leis de sua doença. (p. 88)

O ambiente industrial, em substituição ao meio ambiente e por meio da identificação, fez com que o artificial fosse reconhecido como natural. O meio exterior viria a modelar o interior. O que antes era familiar passou então a ser hostil. Desse modo, os indivíduos que se adaptaram ao modo industrial de vida passaram a se diferenciar dos que não sofreram o mesmo processo, e, por não se reconhecerem com iguais, tenderam a excluir o que consideraram diferente, qualificando por anormal.

Nesta questão, a ciência foi fator de fortalecimento da exclusão dos designados anormais, pois é recorrente nos estudos sobre anormalidade o isolamento dos anormais em locais de confinamento, como prisões, asilos, hospitais, entre outras instituições de reclusão.

A psicologia é uma ciência que serviu de caminho tanto para o desenvolvimento de técnicas de controle como de técnicas de análise que possibilitaram evidenciar o uso indevido das ciências. Quanto ao uso da psicologia como instrumento de controle Sass (2001) apresenta em um ensaio, uma análise do uso que Oliveira Vianna fez da psicologia social na política e do uso que Lourenço Filho fez da psicologia social com instrumento de controle na educação:

Neste ensaio explora-se dois modos com que a psicologia social é inserida nas ciências sociais e na educação brasileira; em particular, pretende-se evidenciar como a Psicologia é introduzida, no Brasil, como tecnologia, isto é, como componente relevante para o exercício do controle social sobre o indivíduo. O primeiro modo trata da conversão da psicologia social em psicologia política tal como se depreende dos escritos de José Francisco de Oliveira Vianna [1883—1951] [...]O segundo modo é exemplificado pelo conhecido estudo da Escola Nova levado a cabo por Manuel Bergström Lourenço Filho [1897—1970], publicado em 1930, no qual o autor adere a psicologia funcional ou da inteligência e fundamenta as bases para o

desenvolvimento da psicométrica e da mensuração pedagógica, no Brasil.
(Sass, 2001, p. 2)

A psicologia funcional ou da inteligência incidu diretamente no modo como a educação veio a se relacionar com a anormalidade, validando a questão da função do indivíduo na sociedade. Ainda em relação ao uso da psicologia como instrumento de controle social, Norberto de Souza Pinto ressalta a psicologia industrial de Munsterberg, que ficou conhecida como psicotécnica aplicada ainda hoje.

A psicotécnica constitui hoje uma ciência que se desenvolve graças ao auxílio da Psicologia, Pedagogia, Medicina, Economia e Sociologia. Começou com Munsterberg, diretor do Laboratório de psicologia da Universidade de Harvard que em 1911, iniciou o exame científico das aptidões para as profissões, como consequência dos numerosos acidentes que provocavam os bondes elétricos, causando grandes prejuízos financeiros às companhias. Tais exames chegaram a demonstrar que os acidentes eram originados pela falta de aptidão dos condutores. O mal fora logo remediado, graças a inúmeras experiências feitas por notáveis psicólogos. A Psicotécnica recebeu um grande impulso durante a Grande Guerra, pois vários países, compreendendo a importância da utilização científica das aptidões dos homens e vendo-se obrigados a agir com rapidez e eficiência, incorporaram a seleção profissional aos serviços do exército. Esta ciência hoje, conhecida e generalizada em todo o mundo, conta com centenas de laboratórios instalados em quase todas as nações civilizadas. E assim é que possuem instituições desta índole: Estados Unidos, Brasil, Alemanha, Espanha, Bélgica, França Dinamarca, Suécia Holanda, Japão, Itália, Rússia, Inglaterra, China, etc. Em quase todos os países existe legislação a respeito. (Pinto, 1952, p. 10)

Com a imposição do trabalho industrial, surgiu a exigência para que o indivíduo se adaptasse à função de alimentar o organismo nacional por meio da especialização técnica. Para atuar na indústria o mesmo deveria saber como operar as máquinas e daí a importância da técnica, para a qual a ciência contribuiu intimamente para seu desenvolvimento. Da submissão ao aparato tecnológico ocorre uma alteração no padrão mental do homem, que desenvolve uma dependência dos recursos que a tecnologia passou a oferecer. Tal mentalidade foi chamada por Marcuse de racionalidade tecnológica, posto que o indivíduo aderiu de tal forma ao modelo econômico industrial, bem como à estratificação social. A obtenção de benefícios decorrentes da tecnologia passou a ser a finalidade do indivíduo, abandonando o objetivo de busca da perfeição humana por meio do conhecimento em algum lugar remoto da história.

Questionamentos referentes às relações humanas passaram a ser mediados pela tecnologia como fonte de trabalho, substituindo aos poucos todos os espaços humanos de convivência, não se limitando mais ao trabalho, ocupando os momentos de lazer e de descanso, promovendo assim uma paralisia das funções mentais no que se refere ao desenvolvimento crítico da consciência humana em relação a si mesmo e ao mundo. A aceitação da racionalidade tecnológica perverteu a tendência da natureza humana e causou uma série de conseqüências psicológicas aos indivíduos. Adorno afirma que nos sãos pode ser identificada a verdadeira doença. O que aparentemente se apresenta como saudável esconde na verdade a patologia que a sociedade carrega em seu seio travestida em ordem e progresso:

A doença dos sãos só se pode diagnosticar objetivamente na desproporção entre o seu modo de vida racionalizado e a possível determinação racional da sua vida. Mas o vestígio da enfermidade atraiçoa-se a si mesmo: na aparência, é como se a sua pele estivesse estampada com uma marca regularmente modelada, como se neles houvesse um mimetismo com o inorgânico. Pouco falta para se poder considerar os que se consomem na demonstração da sua ágil vitalidade e pujante força como cadáveres preparados, aos quais se ocultou a notícia do seu não de todo conseguido falecimento, por considerações de política demográfica. No fundo da saúde imperante acha-se a morte. Todo o seu movimento se assemelha aos movimentos reflexos de seres a que se imobilizou o coração. Dificilmente as desfavoráveis rugas da fronte, testemunho do esforço tremendo e há muito esquecido, dificilmente um momento de pática tolice no meio da lógica fixa ou um gesto desesperado conservam alguma vez, e de forma perturbadora, o vestígio da vida desvanecida. Pois o sacrifício que a sociedade exige é tão universal que, de fato, só se manifesta na sociedade como um todo, e não no indivíduo. De certo modo, esta assumiu a enfermidade de todos os indivíduos, e nela, na demência congestionada das ações fascistas e dos seus inumeráveis modelos e mediações, a infelicidade subjetiva enterrada no indivíduo integra-se na calamidade objetiva visível. Desconsolador é, porém, pensar que à doença do normal não se contrapõe sem mais a saúde do enfermo, mas esta, na maioria das vezes, representa apenas sob outra forma o esquema do mesmo infortúnio. (Adorno, 1951, p. 50)

Adorno demonstra de forma contundente como a doença é transformada em saúde, e seu contrário é só mais um complemento de tal infortúnio.

III.2 – Normalidade e anormalidade e a educação

A discussão sobre normalidade/anormalidade na educação está articulada ao modo como a sociedade tratou a questão. A educação era tida como instituição responsável pela educação das crianças no sentido de prepará-las para a atuação na sociedade como indivíduos produtivos e úteis para desenvolvimento da nação. Em relação anormalidade/anormalidade na educação, Norberto de Souza Pinto faz a seguinte afirmação:

Pertence à pedagogia científica a primeira classificação que se faz dos educandos e que é a seguinte normais e anormais; e isto torna-se evidente porque: educar uma criança normal é acompanhar a natureza e ao contrário, educar um anormal é substituir-se a natureza que apresenta, satisfazendo metodicamente as necessidades que essa substituição exige. [...] nos dias de hoje que correm o problema da infância anormal alcançou grande extensão e deve por isso preocupar o médico e o pedagogo; os anormais são curáveis ou pelo menos capazes de melhorar consideravelmente. [...] Dar, portanto, a nossos deficientes o ensino necessário para a vida, encaminhando este magno problema pedagógico social, é um dever do Estado; esta opinião entrou completamente em todos os países, justificando assim a criação de Institutos Ortofrênicos, onde se transformam e se melhoram os alunos que na escola ordinária se afastariam cada vez mais do caminho do direito, prejudicando assim a sociedade, a ordem e o progresso. (Pinto, 1954, p. 68-69)

Na citação de Norberto de Souza Pinto ficaram evidenciados alguns temas discutidos no tópico anterior, quais sejam, a ciência como modo de legitimação do assunto tratado; a anormalidade como natureza a ser corrigida, de modo a garantir a normalidade social; e a necessidade de o Estado subsidiar a normatização das crianças, a fim de garantir a ordem e o progresso da nação. Essa citação confirma a função da escola como instituição responsável pela normatização da infância, pois de acordo com o educador as crianças normais passíveis de adaptação seguiriam a natureza e nas crianças anormais se corrigiria a natureza para tornar possível sua adaptação social.

Em relação à adaptação da criança anormal o educador faz a seguinte afirmação:

Alfabetizar os deficientes, para que eles possam amanhã ocupar o seu posto convívio social, é para nós educadores, a mais grandiosa obra de filantropia que praticaremos no mundo escola! [...] Assim procedendo, muito teremos trabalhado em prol da valorização do nosso elemento humano, na luta pelo aproveitamento de todos os entes capazes de produzir. (Pinto, 1954, 71)

O educador entendeu a educação como meio de preparação para o trabalho e, quanto aos anormais, que se pudesse pela educação fazer com que tais crianças pudessem produzir, contribuindo mesmo de forma simples para o desenvolvimento da nação.

Para que educação pudesse modificar as crianças anormais era necessário segundo a concepção educacional de Norberto de Souza Pinto que a educação dada a essas crianças fosse especializada. Com o devido subsídio da ciência e dos recursos dela derivados, as crianças anormais poderiam quando adultas se integrar à sociedade enquanto força de trabalho.

Na educação as ciências que mais se fizeram presentes foram a medicina e a psicologia, em especial a psicologia funcional ou da inteligência. Quanto à mensuração da inteligência e classificação das crianças de acordo com o desempenho escolar, pode-se verificar que a inteligência foi associada ao desempenho escolar. As crianças que ficavam retidas vários anos na mesma série eram consideradas anormais escolares, as quais Norberto de Souza Pinto entendia como passíveis de correção ou adaptação. As técnicas compreendidas na busca para a correção da criança eram, de acordo com o autor, uma junção de métodos para assim obter um diagnóstico com maior precisão quanto possível como apresentado abaixo:

Admitindo a evolução das idéias sobre esse assunto, podemos constatar três modos de se definir e classificar a debilidade mental; 1º) O ponto de vista descritivo, o qual se baseia principalmente na sintomatologia, e se possível for, na patogenia; 2º) O ponto de vista social e pedagógico que tende a definir e classificar os deficientes mentais segundo o seu grau de adaptação ao meio social, ou melhor, especialmente escolar; 3º) O ponto de vista experimental, que é o mais recente porque considera a inteligência em seus aspectos gerais ou semelhantes, servindo-se de processos genuinamente experimentais. Não seria demais advertir que, em um exame bem feito, nenhum dos modos acima citados poderia reivindicar sua exclusividade, uma vez que o diagnóstico final deve estar baseado no emprego dos três métodos reunidos. (Pinto, 1955, p. 84)

As técnicas de diagnóstico da anormalidade remetem à comensuração do incomensurável, pois a criança de acordo com a citação poderia ser classificada como anormal de acordo com a adaptação à escola, reduzindo ao desempenho escolar toda a capacidade da criança. Apresenta-se neste ponto a caracterização do indivíduo pelo desempenho em um espaço dos

tantos que poderia frequentar na sociedade. A criança seria designada como anormal, apenas por uma das atividades de que participou, a escolar.

A educação se configura então como fonte de aprendizado na qual a criança poderia desenvolver seu potencial. No entanto, o resultado que se espera da educação em relação ao ensino primário é adaptação ao meio escolar e futuramente ao meio social, o que confere à educação uma função que se esgotou na reprodução das necessidades da sociedade e no papel que se esperou que a criança viesse a desempenhar. Para Adorno a função da escola deveria primar pela emancipação do indivíduo, oferecendo um ensino substancial e que promovesse a transformação pelo movimento dialético, que só pode ocorrer por meio da reflexão:

Contudo, o que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrado no complexo pedagógico, e que mesmo na literatura pedagógica não se encontre esta tomada de posição decisiva pela educação para a emancipação, como seria de se pressupor – o que constitui algo verdadeiramente assustador e muito nítido. (Adorno, 2000, p. 171)

Adorno entende emancipação como a superação da necessidade de se adaptar às exigências sociais cedendo naturalmente à dominação imposta pelo aparato. Para Norberto de Souza Pinto, a missão da educação tem por finalidade a adaptação ou a submissão ao sistema. Nesta medida, a educação se apresentou aquém de suas reais possibilidades. Na medida em que apenas reproduz a educação que a classe dominante quer que seja difundida, converte-se em um obstáculo à emancipação do indivíduo, reduzindo-o a uma função. Dessa redução, obtém-se uma educação compartimentada, parcial e direcionada de acordo com o ensino desejado pela classe dominante. A educação não deixa de educar, mas segundo essa perspectiva a formação se constituiu na verdade em semiformação: ao invés de formar, deforma.

Nesta perspectiva, a educação contribuiu com a dominação do indivíduo, determinando para a educação a função reguladora que perverteu as condições de emancipação em busca pela adaptação. Quando se trata de emancipação pela educação, Adorno faz as seguintes considerações:

Em primeiro lugar, a própria organização do mundo em que vivemos e a ideologia dominante – hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria –, ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação. Seria efetivamente

idealista no sentido ideológico se quiséssemos combater o conceito de emancipação sem levar em conta o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente. No referente ao segundo problema, deverá haver entre nós diferenças muito sutis em relação ao problema da adaptação. De um certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade. Mas a realidade sempre é simultaneamente uma comprovação da realidade, e esta envolve continuamente um movimento de adaptação. [...] A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (Adorno, 1995, p. 143)

A educação foi fortemente marcada no período pela presença da medicina e psicologia, tais ciências cederam à educação instrumentos técnicos para a realização do objetivo educacional, com a apropriação feita de elementos externos para a sua atuação, descaracterizou seu campo de formação profissional.

As disputas que Norberto de Souza Pinto expressou em vários momentos são indicativas dos rumos que a educação adquiriu. Se profissionais de outras áreas pretendiam fazer da educação espaço de trabalho, o que viria a caracterizar a educação como profissão que qualquer um poderia executar? Claro que se o indivíduo se propõe a ser educador e se qualifica para isso, pode atuar, mas a questão neste caso se refere aos profissionais de outras áreas que buscavam atuar na educação sem qualquer qualificação específica. Esse movimento de invasão da área educacional foi feito nesse período principalmente pelos médicos, mas apenas em decorrência da forte presença da medicina na sociedade de modo geral.

No entanto, em outros momentos na história da educação, profissionais de outras áreas, como psicólogos, advogados e tantos outros profissionais se aventuraram a educar. Esse fenômeno indica por sua vez uma falta de credibilidade no trabalho da educação, caracterizando a instituição educacional como campo de reprodução cultural. E para reproduzir, qualquer profissional poderia, portanto não precisaria que a educação fosse exclusividade dos educadores. O fato de a educação ter suas técnicas e métodos baseados em outras áreas do saber torna a educação apenas meio de controle social e para isso não haveria necessariamente a obrigatoriedade de especialização. Se muitas técnicas educacionais são decorrentes dos

estudos da psicologia, então os psicólogos poderiam substituir os educadores. O que pode ser identificado então é que o educador é desqualificado em suas atribuições, tornando a profissão de educar algo que qualquer profissional poderia executar.

Como apontou Adorno, a educação tem o poder de conduzir o indivíduo a constituir uma consciência crítica de si e daquilo que o condiciona. No entanto, o saber deve estar nas mãos de poucos, para garantir que a educação não fosse capaz de cumprir seu papel. A aparente liberdade democrática se manifesta nas possibilidades de escolher métodos e técnicas de como ensinar, mas não do que ensinar. Um controle muito mais intenso do que os observáveis em outras áreas ocorre na educação que fica à mercê das imposições políticas do Estado, em especial a educação primária.

Uma das queixas feitas pelo educador e reafirmada em vários momentos é o fator do não atendimento às necessidades da educação em relação à educação especial. O fator econômico foi uma dos principais impeditivos da realização da proposta de educar as crianças anormais em centros ortofrênicos. A falta de recursos financeiros para atender as necessidades educacionais é fator predominante nas argumentações sobre educação.

Com essa perspectiva a educação dos anormais foi reclamada em vários momentos pela medicina, como descreveu Norberto de Souza Pinto, possivelmente pela idéia de que a pedagogia, por necessitar de conhecimentos oriundos de outras áreas, não conseguiu legitimar a sua própria atuação e assim possibilitou a qualquer profissional se aventurar no ensino.

A educação modelar que se propõe a normatizar as crianças passa a ser o significado no qual se esgota o termo educação. Adorno por sua vez anuncia sua concepção de educação:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque nós temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas o produto de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, numa exigência política. Isto é uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só

pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado.
(Adorno, 1995, p. 141)

A perspectiva de educação emancipadora assinalada por Adorno, em contrapartida ao modo como a educação foi organizada em nossa sociedade, evidencia o quão distante a educação pública está de uma educação que promove a formação do indivíduo respeitando sua individuação. No entanto, mesmo assim é fato que um projeto educacional foi constituído em nosso país no período de atuação de Norberto de Souza Pinto. Sua atuação foi uma iniciativa relevante para a conformação do campo educacional especializado, pois apresentou no seu tempo uma proposta de educação sistematizada, que, apesar de estar pautada em teorias internacionais, se dedicou a tratar da questão da anormalidade, pois apesar das reformas instrucionais terem ocorrido em vários estados no período, esse assunto não chegou a ser contemplado de modo substancial. Portanto, o trabalho do educador tornou-se relevante na história da educação especializada de São Paulo, e em certa medida do Brasil.

Em relação à proposta de educação emancipadora, nem mesmo na educação atribuída às crianças ditas normais pode-se identificar esse tipo de tentativa, nem atualmente. Hoje a educação se reduz ao cumprimento de normas cada vez mais burocráticas, enquanto na educação especial luta-se ainda pela inclusão na medida em que essa tentativa não resulte em uma exclusão ainda maior. Portanto, para que se possa alterar as propostas educacionais e de tantas outras áreas da sociedade, para que sejamos capazes de nos emancipar, é necessário que possamos reconstruir o indivíduo que foi diluído na coletividade que, por sua vez, só se legitima pelo capital. Assim apesar de a educação ter a possibilidade de libertar o indivíduo da racionalidade tecnológica que o consome a cada dia, é preciso mensurar que poder essa educação tem hoje e para onde ela é capaz de conduzir, se é que da forma como é administrada ainda pode conduzir a algum lugar que produza emancipação.

Considerações finais

O estudo apresentado tem como principal objetivo analisar a proposta educacional de Norberto de Souza Pinto. O que pode ser verificado é que a educação, desde a fundação de suas raízes na sociedade capitalista, adquiriu um papel que pela própria constituição do campo educacional, mantendo a anulação emancipadora que a educação deveria promover. A organização da sociedade estratificada por meio da educação de modelagem buscou perpetuar a reprodução dos interesses das classes dominantes desenvolvendo uma mentalidade que pudesse manter a sociedade estratificada como modelo de referência para o futuro assim, o que hoje se constitui em passado, confirma que a educação nunca chegou a ter uma significativa autonomia. A análise crítica pode denunciar a forma arbitrária de constituição das verdades difundidas em nossa sociedade, tanto em relação à educação, quanto a anormalidade. O modo como se organizou a sociedade capitalista redimensionou tanto o que hoje conhecemos como educação quanto impactou a conformação do conceito de anormalidade que, como foi possível verificar, esteve mais relacionada com a função do indivíduo na sociedade, do que com o tratamento das dificuldades apresentadas pelos ditos anormais. Quando tal proposta foi projetada tinha por objetivo sanar um problema que a sociedade enfrentava em relação aos gastos que tais pessoas causavam ao Estado como apontou Sud Mennucci e tantos outros ao período.

Apesar da forma de organização da educação em nossa sociedade, a atuação de Norberto de Souza Pinto foi um exemplo de como um educador poderia contribuir de forma construtiva para o processo de institucionalização da educação que ocorreu durante o século XX. Por meio de sua experiência e do conhecimento que dispunha engendrou sua proposta de educação especializada, que partiu de um profissional que atuou diretamente com o ensino, ou seja, da prática educacional.

As ações do educador, no que tange a educação especializada, mesmo que procedentes de uma atitude individual, atingiram uma repercussão relevante, pois, como ele mesmo indicou foi o primeiro a fundar uma escola especializada, em Campinas, ainda nas primeiras décadas do século XX. Depois de insistir 40 anos na questão da necessidade da formação do professor para atuar na educação especializada conseguiu fundar oficialmente o Instituto Carlos Gomes, também em Campinas, onde atuou na formação de várias turmas de profissionais. Essa busca

de Norberto de Souza Pinto pela institucionalização do campo da educação especial o conduziu aos estudos em psicologia aplicados à educação e tal atuação como psicólogo educacional foi reconhecida inclusive pela Academia de Psicologia de São Paulo que como homenagem póstuma declarou o educador um dos patronos, dedicando ao mesmo à cadeira de número 28.

A proposta do referido educador contou com uma sistematização complexa do ensino especializado, que ao período teve um impacto significativo, dadas as conquistas por ele obtidas. Suas prioridades em relação ao ensino especializado destacaram condições primordiais para a constituição de tal campo educacional, pois sua iniciativa caracterizou uma atitude pioneira. Além do que, os recursos que dispunha ao período eram sabidamente precários e mesmo assim enfrentou a questão e obteve resultados históricos por meio de sua atuação.

O fato de o educador ter defendido a normatização dos ditos anormais não oblitera a importância de sua busca pedagógica, pois como expressão de seu tempo, Norberto de Souza Pinto inspirou-se nas teorias científicas vigentes a época, para subsidiar sua proposta. Mesmo que tenha aderido às tendências predominantes que primava pela normatização da sociedade ele demonstrou uma atitude de total dedicação profissional na busca da oficialização do ensino especializado que não se limitou apenas normatização, mas sim, nas melhores condições de socialização das crianças anormais.

Para o educador a adaptação era o meio pelo qual a criança poderia ser socializada e em contrapartida a sociedade teria problemas a menos para lidar. Essa dicotomia contempla uma série de questionamentos que poderiam tanto considerar a iniciativa desse educador como promotora da normatização, em favor dos interesses da classe dominante, ou mesmo sobre as condições em que crianças eram lançadas após receberem o diagnóstico de anormais, no entanto, é prudente considerar que a busca de normatização social era uma tendência do período e o modo de tratar a anormalidade em nossa sociedade não foi elaborada pela educação escolar, apenas refletida como as exigências padronizadas da sociedade. Assim o educador utilizou os recursos que tinha, enquanto expressão de sua situação histórica, conseguindo como profissional educacional unir sua experiência e seus estudos sobre anormalidade e propor um sistema de ensino que veio do conhecimento empírico e que conseguiu mostrar-se eficiente, posto que chegou a atender mais de 2.000 crianças em sua

escola particular, além de formar muitos profissionais especializados pautado em seu próprio programa pedagógico. É importante ressaltar que a escola mantida pelo educador era particular, no entanto, possuía uma porcentagem das vagas reservadas ao atendimento gratuito. Hoje, em decorrência de sua iniciativa funciona o Instituto Professor Norberto de Souza Pinto, em Campinas, sob a direção da família do educador.

A atuação do educador tinha como objetivo que o Estado assumisse a responsabilidade sobre a educação das crianças anormais, assim como oferecia ensino público às crianças consideradas normais. Durante sua trajetória profissional defendeu de modo contundente a oficialização do ensino especializado na rede pública de ensino. O fato dessa questão não estar totalmente resolvida até a atualidade simboliza a relevância das questões a que o educador se dispôs a enfrentar naquele período, além das dificuldades que encontrou em um momento em que as atenções se voltavam para a conformação da educação das crianças ditas normais e ainda não havia uma preocupação realmente significativa em relação à educação especializada.

De modo geral, esta pesquisa foi norteadada pelo cumprimento dos objetivos previamente apresentados, e, em relação aos mesmos, pôde ser verificado que o conceito de anormalidade tem relação direta com o modo de organização das sociedades capitalistas; que os conhecimentos científicos da área médica e psicológica subsidiaram o desenvolvimento da proposta educacional especializada que por sua vez causou disputa entre médicos e educadores em relação à responsabilidade de ministrar a educação às crianças com deficiência. E por fim quais os principais aspectos que caracterizaram a proposta de Norberto de Souza Pinto.

As hipóteses foram confirmadas como evidenciado durante o desenvolvimento da pesquisa, tanto no que se refere à primeira, pois foi constatada que a proposta de educação do referido educador foi orientada predominantemente pelos conhecimentos da medicina e da psicologia, em especial a vinculada à biologia; quanto em relação à segunda hipótese, quando foi possível verificar que a proposta de educação para crianças anormais tinha como objetivo a adaptação da criança ao meio, na busca de corrigir a anormalidade por intermédio da educação.

Referências bibliográficas

ADORNO, T.W. (1951). *Mínima Moralía*. Lisboa: Edições 70.

_____. (1995). *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra.

BARDIN, Laurence (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Franco da Rocha. Disponível em: <<http://www.francodarocha.sp.gov.br>>. Acesso em: 19 de março 2009.

BUENO, José Geraldo Silveira (2004). *Educação especial brasileira: Integração / segregação do aluno diferente*. 2 ed. rev. São Paulo: Educ.

CARONE, Iray (2003). Saber é poder. *Revista de psicologia política*. Belo Horizonte, v.12, p. 11-29.

CESAR, Osorio (1929). A alfabetização das crianças anormaes. *Educação*. Vol. IX, n. 3, p. 389-393.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (1986). *O espelho do mundo – Juquery a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FANTINATTI, J. M. *Personagem: Norberto de Souza Pinto*. Disponível em: <<http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2008/12/personagem-norberto-de-souza-pinto.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2009.

GONÇALVES, L. A. O., SILVA, P. B. G. (2000) *Movimento negro e educação*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, número 015, 2000. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/275/27501509.pdf>>. Acesso em: 13 de junho de 2009.

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T.W. 1985. “O conceito de esclarecimento”. In: *Dialética do esclarecimento*. Tradutor: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.

(1973). *Temas básicos da sociologia*. Tradução: Alvero Cabral. São Paulo: Editora Cultrix.

JANUZZI, Gilberta de Martino (2006). *A educação do deficiente no Brasil – dos primórdios ao início do século XXI*. 2ª ed. São Paulo: Autores Associados.

JUNIOR, D. W., BOARINI, M. L. 2010. *Educação higienista, contenção social: a estratégia da liga brasileira de higiene mental na criação de uma educação sob medida*. Disponível em: < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2010.

LANCMAN, Selma (1995). *Loucura e espaço urbano: um estudo sobre as relações Franco da Rocha – Juqueri*. Tese (Doutorado em Psicologia e Psiquiatria Médica) – Faculdade de Ciências Médicas. Unicamp. Campinas.

LEITE, D.M. (1986). *Psicologia diferencial*. São Paulo: Ática.

LOPES, Luiz Simões (1962). *O magistério como sacerdócio*. Rio de Janeiro: Livro S/A.

LOWLER, James M. (1981). *Inteligência, hereditariedade e racismo*. Lisboa: Editorial Caminho.

MARCUSE, H. (1999). *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna*. Tradutor: Maria Cristina Vidal Borba. São Paulo: Unesp.

MAZZOTTA, M.J.S. (2005). *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas*. São Paulo: Cortez.

MENNUCCI, S. Infância retardatária (1960). *Revista do professor*, São Paulo, ano XIII, n. 51, 13-15.

NEVES, A. C. (2008). *O emergir do corpo neurológico no corpo paulista: neurologia psiquiatria e psicologia em São Paulo a partir dos periódicos médicos paulistas*. Tese

(Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.USP. São Paulo.

PESSOTTI, Isaías (1984). *Deficiência Mental: da superstição à ciência*. São Paulo: Edusp.

PIZZOLATO, P. P. Bertuzzi. (2010). *O Juquery: sua implantação, projeto arquitetônico e diretrizes para uma nova intervenção*. Dissertação (Mestrado em Projeto Arquitetônico) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. USP. São Paulo.

ROMUALDO, A., NEVES, S. S. de M. (2009). Do mito da monstruosidade ao olhar para a diversidade: *A infância da criança com deficiência em contexto*. Revista de Estudo e Pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v.11, n.2, jul/dez de 2009. Disponível em: <
<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/revistainstrumento/article>> acesso em: 05 de fevereiro de 2009

SANTOS, Leandro Fernando Sampaio. (2008). *Da patologização do crime à racialização da anormalidade: Psiquiatria, Eugenia e Antropologia Criminal na Sociedade de Normalização (São Paulo 1920-1935)*. Faculdade de Guarulhos.Guarulhos.

SANTOS, Raquel e FUJÃO, Carlos. (2003). *Antropometria*. Évora: Universidade de Évora.

SASS, Odair. (2008). *Relações entre psicologia e estatística na constituição do campo educacional*. São Paulo.

_____. *Psicologia, tecnologia e educação em Oliveira Vianna e Lourenço Filho*. Revista psicologia política / Sociedade Brasileira de Psicologia Política – vol.5, nº10 - (Jul./Dez. 2005). – São Paulo: SBPP.

VILELA, Maria Aparecida Augusto Satto. (2006). *A disseminação da deficiência mental no campo da educação: A revista da educação*.Dissertação (Mestrado em Educação) – Educação: História, Política, Sociedade, PUC-SP.

Anexo 1

Curriculum Vitae de Norberto de Souza Pinto (Lopes, 1962)

Na obra de Norberto de Souza Pinto a predominância da questão da educação de crianças anormais é contundente e é neste campo de atuação que se concentra as investigações e análises da pesquisa. Lopes (1962) no livro ‘O magistério como sacerdócio’ organizou uma relação por área de atuação com o intuito de detalhar a vida e atuação do educador, e é aqui apresentada. As datas não constam em todas as atividades, mas, está de acordo com o documento de onde tais informações foram extraídas.

Atividades exercidas em estabelecimentos de ensinos particulares de ensino

- 1- Fez parte do corpo docente da escola do Comércio “Bento Quirino”, onde ocupou a cadeira de Francês, tendo exercido também, na referida escola, o cargo de secretário;
- 2- Ocupou a cadeira de Matemática no Liceu Nossa Senhora Auxiliadora e de Francês e Português na escola Agrícola Campineira, anexa ao Liceu.
- 3- Foi professor dos cursos primários e ginásial do Colégio “Ateneu Paulista”, tendo nele ingressado por ocasião de sua fundação.
- 4- No Instituto “Sud Mennucci” para crianças anormais em São Paulo foi diretor e professor;
- 5- Orientador técnico-pedagógico do Instituto Médico-Pedagógico da Vila Clementino em São Paulo;
- 6- Diretor técnico e professor especializado em ensino de anormais na Escola Sanatório de Campinas;
- 7- Professor de desenho da escola da Sociedade Amiga dos Pobres.

Cargos públicos

- 1- A convite do diretor do Hospital <<Franco da Rocha>> em Juqueri, instalou, dirigiu e lecionou às crianças anormais internadas na Escola de Anormais << Pacheco e Silva>> anexa a àquele nosocômio;
- 2- Diretor técnico e professor das Classes Diferenciais anexa à Inspetoria Médico-Escolar situada no Largo do Arouche;
- 3- Fundador e diretor de Classes Diferenciais do Grupo Escola do Belenzinho, na Capital;
- 4- Professor de Psicologia e Pedagogia Geral e Educacional, Filosofia e História da Educação; Metodologia e Prática do Ensino Primário do curso normal do Instituto de Educação <<Carlos Gomes>>;
- 5- Professor de Psicologia dos cursos post-graduados: pré-primário, aperfeiçoamento e administradores escolares;
- 6- Fundador e diretor-técnico do Curso de Especialização de Professores para o Ensino dos Deficientes Mentais e das Classes Diferenciais anexas ao referido Curso, no Instituto de Educação <<Carlos Gomes>>.

Participação em Congressos

Foi convidado para tomar parte em congressos de assuntos educacionais, apresentando teses as quais mereceram justa aprovação.

Foram estes os congressos que contaram com sua participação, em torno da matéria de sua especialidade:

- 1- Congresso Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia e Criminologia, realizado na Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1938. Tese:<< As crianças anormais através da Psicopedagogia>>.
- 2- V Congresso Pan-americano de Crianças, realizado em Cuba (Havana). Tese:<<A infância retardatária escolar>>.
- 3- Congresso Latino-Americano de Psicologia realizado na Universidade de Curitiba (Estado do Paraná). Tese: <<A educação das crianças anormais como problema essencialmente científico e genuinamente pedagógico>>.

- 4- Congresso de Psicologia e Psiquiatria Infantil, realizado no Canadá. Tese: <<As perturbações da linguagem nas crianças anormais>>.

Atividades no Jornalismo

Fundou e redatoriou o primeiro jornal escolar manuscrito publicado em Campinas, no dia 1º de janeiro de 1900, denominado <<O Sabiá>> evidenciando assim, desde a mais tenra idade, sua propensão para a vida de jornalista. Outros jornais escolares circularam sob sua orientação, tais como: <<O Estímulo>>, <<O Discípulo>>, <<O Ateneu>>, <<A Gazetilha>>, <<A Tribuna>>, <<A Defesa>>, além de uma revista pedagógica intitulada <<Educação e Ensino>>. Colaborou na imprensa de Campinas, através dos seguintes jornais: <<Correio de Campinas>>, <<Cidade de Campinas>>, <<Comércio de Campinas>>, <<A Gazeta de Campinas>>, <<Diário do Povo>>, <<Correio Popular>> e <<Jornal de Campinas>>.

Também exerceu atividades colaborando na imprensa do interior, nas cidades de: Ribeirão Preto, através do <<Correio da Tarde>>, <<Diário de Notícias>> e <<Diário da Manhã>>; Amparo, no jornal <<O Comércio>>; Itapira, pela <<Cidade de Itapira>>; Limeira, em <<A Gazeta de Limeira>> e <<Letras da Província>>; Mogi Mirim, em <<A Comarca>> e <<O Rouxinol>>; Serra Negra, em <<O Serrano>>; Itatiba em <<O Progresso>>; Jundiaí, em <<O Jundiaense>> e <<A Folha>>; Jaú em <<O Comércio>>; Bragança Paulista, em <<Cidade de Bragança>>; Franco da Rocha, em <<Higiene Mental>>; Araras, pelo <<Jornal de Araras>>; Piracaia em <<O Piracaiense>> e em Botucatu, através do jornal <<A Folha>>.

Na imprensa paulistana, colaborou no <<Jornal de Notícias>>, em <<A Gazeta>>, <<O Estado de São Paulo>>, <<Diário da Noite>>, <<A Platéia>>, <<Folha da Noite>>, <<Última Hora>>, etc...

Jornais cariocas receberam igualmente sua colaboração, ou sejam <<A Pátria>>, <<Diário Carioca>>, <<Correio da Manhã>>, <<O Radical>>, <<A Noite>>, <<Gazeta de Notícias>> e outros.

Dentre os demais estados da nação, destacam-se o Rio Grande do Sul e Sergipe, em cujos jornais também colaborou. Na imprensa sul-riograndense, escreveu em <<O <Libertador>> de Pelotas e na sergipana, no <<Sergipe-Jornal>> de Aracaju.

Inúmeras revistas tem agasalhado colaborações e entrevistas, destacando-se <<Roteiro>>, <<Revista do Centro de Ciências>>, de Campinas; <<Nação Brasileira>>, do Rio de Janeiro; <<La Nación>> e <<La Prensa>> de Buenos Aires (Argentina); <<Vida e Saúde>> de Santo André e revistas educacionais do Chile e do Uruguai.

Foi fundador da primeira entidade da classe jornalística do Estado de São Paulo, denominada Associação Campineira de Imprensa, em 10 de maio de 1927, exercendo sua presidência, por eleição, durante 10 anos consecutivos. Essa entidade foi a primeira a adotar a eleição pelo sistema de voto secreto para escolha de seus diretores, em maio de 1928.

Fundou ainda, o jornal <<A Defesa>> de Campinas, tendo sido seu redator chefe.

Recenseamento de Campinas

Por designação do governo federal, foi nomeado Delegado Seccional em Campinas do Recenseamento Geral do Brasil realizado em 1940. Sua indicação para esse elevado cargo fora feito pelo Sr.Prof. Sud Mennucci, então Delegado Regional do Recenseamento no Estado de São Paulo. A sua atividade nesse setor, estendeu-se nas seguintes cidades: Sosas, Monte-Mor, Pedreira, Amparo, Serra-Negra, Lindóia, Socorro, Itapira, Mogi-Mirim, Mogi-Guassu, Pinhal, Cascavel, S. João da Boa-Vista, Águas de Prata, Vargem Grande, Casa Branca, Gramma, S. José do Rio Pardo, Tambaú, Mococa, Indaiatuba, Caconde e Tapiratiba.

Obras publicadas

Além das teses já anteriormente relacionadas, publicou <<A Infância Retardatária>>, cuja primeira edição de 500 exemplares, fora datilografada, por falta de recursos financeiros que possibilitassem sua impressão. Já na segunda e atualmente Terceira Edição, a mesma obra foi impressa, ampliada e ilustrada. Tratando-se de ma obra sobre a didática do ensino de crianças anormais, cumpre salientar que foi a primeira publicada em língua portuguesa por um profissional da matéria ortofrênica, que lhe valeu o título de precursor do ensino das crianças anormais do Estado de São Paulo.

Publicou ainda, um trabalho intitulado <<Relíquias>>, onde se encontram os discursos proferidos como paraninfo de diversas turmas normalistas, do Instituto de Educação <<Carlos Gomes>>, além de uma turma de contadorandos da Escola de Comércio <<Bento Quirino>>. Comemorando o quadragésimo aniversário da fundação da sua Escola Particular para o Ensino da Infância Deficitária Escolar em 1º janeiro de 1957 publicou um opúsculo intitulado <<A Vitória de um Ideal>>, merecendo fartos elogios da imprensa e educadores eméritos de diversos estados do Brasil.

É autor de duas séries de Cadernos de Caligrafia para crianças anormais, sendo os primeiros publicados no Brasil e América do Sul.

Serão brevemente publicados dois trabalhos, sendo um sobre Ortofrenopedia e outro sobre Psicologia Aplicada.

Anexo 2 – Uma carta para meu filho

UMA CARTA PARA MEU FILHO

(Quando acadêmico de Medicina)

Caro filho, sabes perfeitamente que o tempo corre, os dias passam e por isso seria um mal contemporizar a remessa de minha missiva, que prometi fazê-la logo no início de tua adolescência, idade esta tôda cheia de profundas alterações físicas e psicológicas, o que levou Stanley Hall a classificá-la de «a época das anti-teses». E de fato, nota-se em todo o adolescente surtos de vitalidades alternando-se com outros de funda depressão.

Meu filho a mais difícil de tôdas as profissões é, sem dúvida alguma, a de ser «homem» e a mais fácil a de ser como os homens...

Como homem, tu não vives só no mundo porque é parte integrante de um todo que se chama «Humanidade» e teu dever sagrado é o de contribuíres da melhor maneira possível, para o bem da coletividade de que fazes parte. Mas, não te confundas com a multidão. Sê um homem no meio dos homens que te cercam. Pensas sempre, que tens uma estrada a seguir, uma missão a cumprir, um caráter a realizar, antes de graduar-te de «Homem» na universidade da vida.

Ser «homem» entre os homens, querido filho, é possuir no coração uma fé sem dúvida, uma convicção sem vacilações, uma energia indômita que não se dobra por nada, que é vil e mesquinho e de nada receia ante a realidade objetiva dos acontecimentos. É verdade que assim pensando e assim agindo, tu experimentarás freqüentemente profundas humilhações, desgostos incessantemente renovados, durezas desagradáveis ao lado de intolerâncias difíceis de suportar... Mas, na vida social que se abre entre teus olhos de inexperiente, nunca tomes o

aplauso por objetivo ou guia, porque há um outro mais seguro dentro de ti mesmo: o da tua consciência sã, que deverás segui-la em todos os transes de tua vida...

Meu filho, não te esqueças jamais, que a característica primordial do ser humano é o «egoísmo». Embora se afirme ser o homem, indubitavelmente, sociável por natureza, não te esqueças que êle assim o é, não por espírito de solidariedade senão por seu natural egoísmo.

O altruísmo não raras vêzes, se nos apresenta como a forma de um egoísmo dirigido ou disfarçado.

Quando encontrares no teu caminho um «homem desinteressado», siga-o, imita-o. O desinterêsse é a mais difícil das lições que a experiência da vida nos ensina e que tu hás de aprender se quiseses chegar a ser «Homem».

Ê uma necessidade para ti tal aprendizagem soberanamente útil e proveitosa, para que na sociedade tenhas a espinha reta, a consciência limpa e uma manifestação respeitável de independência e caráter.

El dia virá em que os homens far-te-ão justiça, não pelo que és, mas pelo que tu vales.

A medida que gira, infatigavelmente, a roda mestra da vida pública, tu verás que surge nítida no meio do labirinto humano, esta incontrovertível verdade: «decência». Decência no pensar, decência no sentir, decência no agir. Um «homem decente» é honesto, isto é, limpo de mãos e espírito, é justo, sendo culto à equidade.

Em tua rápida ascensão de adolescente, um dos tratos mais difíceis de salvar é a decência. Não subirás no conceito social, na universalidade da vida, se não fôres um homem decente. Mas, se assim fôres, saberás ser cordato com teus princípios e com tuas idéias. As idéias, ou melhor, as convicções, não são mercadorias para exibição, elas mudam, se aperfeiçoam, se elevam, mas jamais se vendem ao melhor ofertante.

O dinheiro, a fome e a ostentação, eis aí, meu filho, o trinômio que conspirará contra tuas convicções, contra os teus mais caros ideais. Luta, principalmente, contra a vaidade da ostentação que é hoje em dia tão comum entre os homens quando governados pela medula, os seus pensamentos e sentimentos são puros reflexos dêsse órgão, portanto, um retôrno à inconsciência, ao não discernimento, enfim, aos efeitos da suggestibilidade.

E ao concluir esta missiva, dir-te-ei somente que: se hás de seguir ascendendo na áspera vereda da vida, sofre tuas dôres, teus desesperos, tuas fraquezas, com energia e dignidade. Não peças piedade nem indulgência para teus erros. Não mendigues palavras de consôlo. Tira as fôrças de que necessitares de tuas próprias fraquezas e não te consideres jamais um vencido enquanto correr sangue em tuas veias. Tens um cérebro, pensa com êle; tens um coração, — ama com êle. Por que esperar de outros o auxílio que tu mesmo podes dar-te? Sê tu próprio juiz e verdugo de ti mesmo e não te esqueças nunca desta verdade voluptuosamente brutal: «OS INTERÊSSES MATERIAIS SUPERAM OS INTERÊSSES IDEAIS». Neste mundo a atividade é sempre fruto de uma necessidade seja ela de ordem exterior ou interior. E, conseqüentemente, viver é desfrutar situações, é adaptar a conduta, adequar procedimentos para enfrentar as situações e sair bem delas com nobreza de caráter e superioridade de vistas.

Meu filho: Sê homem, e de caráter. O caráter, para os que têm consciência da nobreza da sua missão, faz parte da competência. Estuda, estuda sempre, meu filho, que serás um homem competente e exclusivamente escravo do teu saber e do cumprimento do teu dever.

Teu pai

NORBERTO

Anexo 3 – Fichas de leitura

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Causas/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	Assistência educacional às crianças anormais	Revista do professor Agosto de 1950	Construção de institutos ortofrênicos para o atendimento de débeis mentis	Educação em centros especializados em ortofrenia	Não atingem o nível médio de inteligência, acusando em seu cociente intelectual lentidão de espírito.	Institutos ortofrênicos	Anormais pedagógicos em classes diferenciadas e débeis mentais em institutos ortofrênicos	Não há.	Não há.

Trechos do artigo: “Assistência Educacional às Crianças Anormais”

“Estes estabelecimentos que alimentamos a esperança de vê-los funcionar brevemente, somente poderiam reeducar as crianças anormais que acusam debilidade mental forte, habilitando-as para o futuro, as tarefas manuais, permitindo assim ocuparem-se em algo de útil e produtivo, amparando-as no começo de sua vida post-escolar para incorporarem-se no organismo comercial ou industrial e até mesmo, agrícola.”

“Toda classe diferencial, anexa aos Grupos Escolares, resolve em parte a assistência educacional dos anormais, porque elas devem estar destinadas a educar as faculdades mentais das crianças lentas de espírito ou alunos repetentes do primeiro ano escolar, mediante exercícios apropriados, despertando a atenção em suas diversas formas, o mesmo acontecendo à memória, à imaginação, à vontade, etc.”

“É portanto, para todos os efeitos, uma classe para fazer adquirir uma ginástica mental, um desenvolvimento intelectual que habilite, mais tarde, o aluno a frequentar as classes comuns.”

“Afirmamos, pois, que as classes diferenciais não resolvem totalmente a situação dos inúmeros débeis mentais, dos imbecis, dos idiotas. Elas não foram criadas para os de inteligência normal e muito menos para os débeis mentais que possuem um desenvolvimento desarmônico e difícil adaptação ao

meio social.”

“A lacuna do ensino público do Estado de São Paulo, continua a espera de ser preenchida, pela criação de um Instituto Ortofrenico, onde possam ser obrigadas todas as crianças anormais, para torná-las aptas um trabalho geralmente manual e que exija pouco esforço intelectual.”

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	A infância retardatária escolar	Revista do professor Maio de 1954	Necessidade de educação para as crianças anormais	Pedagogia moderna com subsidio da psicologia experimental	Não Há.	Pedagogia subsidiada pelas ciências médicas e pela psicologia experimental	Ensino especializado	Pestalozzi	Anormalidade psico-físicas / educação especializada

Trechos do artigo: **“A infância retardatária”**

“Mas a verdade insofismável, e a vemos praticamente, é que a escola primária comum recebe todas as crianças que alcançaram a idade escolar, excetuando aquelas que se acham afetadas de anormalidades psico-físicas. E quando isso não acontece em algumas escolas primárias que temos visitado, observamos que nelas reina em uma mesma classe, infelizmente, uma confusão lamentável, assistindo aulas, alunos diferentes pelos traços de sua personalidade, por condições de resistência à fadiga física e intelectual e pelo grau de desenvolvimento mental”.

“É enorme o número de alunos dependentes que gravitam como um peso morto no funcionamento das classes comuns”.

“Daí a sua permanência, dois, três e até quatro anos em uma mesma classe, notando-se que não houve, em tais tempos, alteração alguma, digna de nota, em seu patrimônio intelectual. E isto tudo dá motivos a repreensões continuadas, a castigos e mortificações para estas infelizes criaturas”.

“A escola deve abandonar as crianças que não se adaptam à escola comum, encaminhando-as amanhã para um hospital, um manicômio ou a um cárcere?”

“A pedagogia moderna com o subsídio da psicologia experimental e das ciências médicas tem mostrado suficientemente o caminho a seguir,

salientando que a educação e a civilização de um povo se medem precisamente através do empenho que o mesmo dispõe na cura e na educação dos mais deficientes, tanto no sentido material e físico como no sentido intelectual e moral. Eis a melhor profilaxia da delinqüência, recurso a que, para mais de 30 anos, vimos apelando, já publicando na imprensa trabalhos sobre o assunto, já por meio de sugestões orais e escritas, sem, no entanto, lograr resultados satisfatórios”.

“Permanecer a infância retardatária escolar analfabeta é uma desumanidade, uma falta imperdoável de patriotismo, principalmente na época em que as conveniências políticas se movimentam pressurosas na alfabetização dos adultos, de cuja cultura há mais de quatrocentos anos nunca se lembraram!”

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/tratamento
Norberto de Souza Pinto	Educação e Evolução	Revista do professor Agosto de 1955	Defende que por meio do aperfeiçoamento da inteligência que a educação pode promover o homem tende a aumentar sua capacidade de adaptação ao meio.	Ciência e educação conduzem ao aperfeiçoamento da inteligência	Capacidade de adaptar-se ao meio	Ciência e máquinas	Via de desenvolvimento da inteligência	Spencer; Maudsley; Ribot; Paulhan	Larga inconsciência infantil e velhice imbecilizada / aperfeiçoamento da inteligência

Trechos do artigo “**Educação e Evolução**”

“Alguns partidários da teoria da evolução, exagerando as teses de Spencer e Maudsley e Ribot, afirmam que o grau máximo de perfeição para o homem, seria o de obter um completo estado de automatismo, reduzindo assim a simples atos reflexos, os sentimentos e as manifestações intelectuais mais complexas”.

“Mas, todo fato de consciência, diz Paulhan, todo pensamento, todo sentimento, supõe uma imperfeição, uma detenção, uma falta de organização e, depois de uma série de considerações acrescenta o notável filósofo que “o ideal do homem é ser um autômato inconsciente, maravilhosamente

complicado e unificado”.

“A obra da educação em seu sentido mais elevado e puro, consiste em obter inteligências capazes de se manterem em equilíbrio, dispostas pela fecunda força de vontade a readaptar-se ao meio”.

“Adaptar-se ao meio, é obra do hábito inconsciente; readaptar-se é próprio da inteligência e da vontade, cujo eficiente desenvolvimento constitui obra da educação”.

“É demasiadamente pueril supor que a ciência e a educação científica conduzem ao automatismo; esta suposição implicaria considerar como ideal da ciência, a rotina, que é antagônica ao seu caráter”.

“Toda adaptação da inteligência ao conhecido, provoca uma readaptação necessária a outro conhecimento mais amplo. Saber, é em síntese, aprender mais e poder mais”.

“A evolução da consciência nos tipos superiores da humanidade tende a crescer, absorvendo por completo sua existência. A própria natureza tende a suprimir estes dois extremos que são: a larga inconsciência infantil e a velhice imbecilizada, tão comum nos graus inferiores das raças. Assim, os limites fecundidade intelectual e da educação continuam a adquirir uma extensão que pressupõe que o cérebro humano será, para o futuro mais ativo que o resto do nosso organismo; também, pelo predomínio das idéias mais universais e impessoais, pela curva de sua evolução, pelo grau de fecundidade, de duração e de potência, a consciência humana propenderá para um conteúdo de maior durabilidade”.

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/tratamento
Norberto de Souza Pinto	Educação de crianças anormais	Revista do professor Maio de 1939	Como atua o ortofreniatra e o médico na educação de anormais	Psicologia educacional ou ortofrenia e psicologia infantil ou experimental da criança	Não há.	Institutos ortofrênicos ou especializados.	Ensino especializado para crianças anormais	Emile Planchard	Crianças anormais / educação especializada

Trechos do artigo “ **Educação de crianças anormais**”

“O problema de assistência a infância retardatária escolar, reconhecido em todos os tempos, como de magna importância, hoje o é, mais do que nunca. A solução boa ou má do referido, tem sido dada por particulares, ou melhor, a primeira escola para anormais, fundada no estado de São Paulo, quiçá mesmo no Brasil, foi fruto da iniciativa particular, em 1º de janeiro de 1916, em Campinas. Mas o auxílio dos poderes públicos, e estes gestos de alta

filantropia educacional jamais existiu, e mentirá quem afirmar o contrário”

“Há em todas as escolas especializadas para o ensino e educação de crianças anormais, a colaboração indispensável ao ortofreniátra, de um médico, de preferência conhecedor de neuro-psiquiatria infantil. O papel de tão relevante figura do saber humano, apesar de importante deve no, entanto, ser limitado, isto é, não ultrapassar o que diz respeito à sua alçada profissional. Esclarecendo melhor o nosso conceito sobre o assunto, citaremos aqui a opinião insuspeita do dr. Emile Planchard, ilustrado médico, cultor de ciências pedagógicas nas quais se doutorou. E, assim nos diz ele: “O médico não deve emitir opiniões que se considerem superiores às que pode dar qualquer pessoa de bom senso. O papel do médico no tratamento dos anormais, será o de melhorar, sendo possível, o estado somático e nervoso. O exame psíquico pedagógico deve ser feito pelo educador, competindo ao médico juntar, com frequência, essa função às suas atribuições clínicas”.

“Não há quem ignore que a técnica, não consiste tão somente em criar ou descobrir formas; ela desempenha, como é evidente, um papel relevante na concepção de liberdade. Aproveitamos, portanto este ensejo, para diferenciarmos, os rumos seguidos pela psicologia educacional, face de simples orientação ou conhecimento da psicologia geral. De modo que o conhecimento, da psicologia infantil ou psicologia experimental da criança (cadeira esta que não existe nas faculdades de Medicina em nosso país) difere bastante da psicologia educacional, ou melhor, da Ortofrenia, que é um ramo da pedagogia científica que trata da educação de crianças anormais. E assim, no primeiro caso, a criança, como cliente é tratada em consultório médico, abstraído-se dos fatores escolares. O examinado em tais casos é considerado como criança não sendo computada a eficiência ou deficiência de sua escolaridade. Já no segundo caso, ela é considerada para o educador como um escolar, para todos os efeitos, sendo nesta ocasião reclamada a psicologia educacional ou psicopedagogia, conhecimento este que deve possuir o professor”.

“Um educandário para crianças anormais, digno deste nome, deve ter por centro a criança e não os interesses mercenários dos adultos. Sem isto, só poderemos observar a falta de pessoal capacitado mental e moralmente para as respectivas funções. Lutar contra esses males, combatê-los abertamente é realizar uma obra de sadias projeções, é evitar para mais tarde não ter que corrigir, é atacar em seus princípios a causa, para lograr um futuro melhor”

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/tratamento
Norberto de Souza Pinto	Debilidade mental	Revista do professor Fevereiro de 1955	Define o conceito de anormalidade e modo de diagnosticar	Método de ensino para crianças anormais, inclui exame de psicologia experimental	Apontado por meio de testes	Testes para classificação de inteligência	Adequada por meio de exame classificatório	Pinel; Esquirol; Voisin; Narce; Luys; Bourneville; Kole; Weyngandt; Seguin; Sollier.	Debilidade mental / educação especializada

Trechos do artigo: **“Debilidade Mental”**

“A noção de debilidade, propriamente dita, significando um atraso ou uma parada das funções mentais, colocando o indivíduo entre a imbecilidade e o estado normal é considerada presentemente, mais recente do que se acredita. Ela não vai além dos dez últimos anos do século XIX e procede diretamente dos esforços realizados para se adaptar os novos métodos de ensino as crianças que não podiam ser beneficiadas pelos processos usados habitualmente nas escolas”.

“Admitindo a evolução das idéias sobre esse assunto, podemos constatar três modos de se definir e classificar a debilidade mental; 1º) O ponto de vista descritivo, o qual se baseia principalmente na sintomatologia, e se possível for, na patogenia; 2º) O ponto de vista social e pedagógico que tende a definir e classificar os deficientes mentais segundo o seu grau de adaptação ao meio social, ou melhor, especialmente escolar; 3º) O ponto de vista experimental, que é o mais recente porque considera a inteligência em seus aspectos gerais ou semelhantes, servindo-se de processos genuinamente experimentais. Não seria demais advertir que, em um exame bem feito, nenhum dos modos acima citados poderia reivindicar sua exclusividade, uma vez que o diagnóstico final deve estar baseado no emprego dos três métodos reunidos”.

“O modo descritivo é o mais antigo, predominando nele as classificações sintomáticas e anotoma-patológica. Assim é que poderemos recordar aqui o seguinte fato: o notável psiquiatra Pinel não distinguia o idiotismo da demência, enquanto que Esquirol com seu famoso “Tratado de doenças mentais” nos apresenta uma curiosa diferenciação que se tornou muito citada e, conseqüentemente, popular. Ei-la “O homem demente se acha privado dos bens que possuía; foi rico e se tornou pobre; o mesmo, não aconteceu ao idiota que, tendo nascido pobre, continuou no infortúnio e na miséria”

“Já em 1843, o notável psicólogo francês Voisin, em seu célebre livro intitulado “Tratado teórico e prático de doenças mentais”, considerava o débil mental em grau superior aos idiotas e aos imbecis e ainda mais, portadores de faculdades intelectuais aproveitáveis embora desprovidas de senso necessário para dirigir sua vida. Foi a partir desse momento e a sob qualquer sinônimo que se deseje designar a debilidade mental, que esta anormalidade, uma vez considerada como forma intelectual deficitária, ficou então situada entre a imbecilidade e o estado normal. Colaboram nesta classificação grande número de autores, tais como: Narce em 1862; Luys em 1881; Voisin em 1893, Bounerville em 1897, Kole em 1901, e finalmente Weygant em 1905”.

“No entanto, muitos cientistas como, por exemplo, Esquirol tentaram classificar os deficientes mentais, baseando-se unicamente no estado e

desenvolvimento de sua linguagem; outros, como Seguin já consideram a vontade como ponto básico de tais estados; ainda outros, como Sollier, acreditam que a debilidade ou nulidade de atenção é o que faz distinguir o idiota do imbecil”.

“Qualquer que seja a função estudada, a distinção estabelecida entre os diversos níveis mentais nos autores acima citados, parece nos apresentar um caráter meramente subjetivo, apoiando-se eles muitas vezes em termos imprecisos pouco propícios a facilitar o exame do indivíduo. Nota-se, portanto, um paliativo de palavras, as quais nem sempre dissimulam a pobreza ou insuficiência das noções que encobrem”

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	A lucidez	Revista do professor Agosto de 1956	Trata do tema lucidez atentando para o fato de que a lucidez não exclui a alienação mental	Fatores psíquicos de anormalidade que podem ser diagnosticados pelo educador, em prol da profilaxia mental	Não há.	Profilaxia criminal é uma ciência destinada a preencher infrações penais	Profilaxia mental é importante para a pedagogia	Não há.	Degeneração, psicopatia e desequilíbrio / profilaxia mental

Trechos do artigo “A lucidez”

“A lucidez pode mesmo interpretar um estado patológico e deste modo, uma idéia clara, poderá ser ao mesmo tempo considerada como nefasta ou perigosa”.

“Admitindo-se, por exemplo, que um indivíduo tenha cometido um crime ou delito qualquer, em plena lucidez de espírito, e de boa saúde mental, ele estaria sujeito às responsabilidades do código penal”.

“Todavia, há casos de lucidez que, embora não impliquem em anormalidade – denominados estados inconscientes, – não merecem punições os seus autores delituosos. Assim, por exemplo, um doente atacado de febre tifóide, torturado por um estupor, por um estado de sonolência, percebendo mal os

objetos que o rodeiam e ouvindo vozes e ruídos em sua vizinhança, em tais situações, seria incapaz de discernir o que se passa em seu espírito; não pensa em nada, delira, misturando suas divagações com as realidades presentes e às vezes, substituindo umas pelas outras. Tal indivíduo não goza de lucidez real, e ao cometer um crime neste momento, não seria passível de condenação, por se tratar de um inconsciente”.

“Do exposto concluímos que lucidez não exclui a alienação mental e conseqüentemente a responsabilidade. Este conceito adquire maior importância na medicina legal, perante os tribunais de justiça e especialmente na pedagogia. Há a necessidade destruímos a crença de que uma criança lúcida, é essencialmente ou completamente normal. Devemos considerar que o raciocínio, o caráter, a conduta, podem também sofrer apesar da clareza e nitidez da consciência, perturbações graves e numerosas”.

“Não devemos portanto, descuidarmos da profilaxia criminal, que é uma ciência destinada a prevenir as infrações penais, através de um tratamento psiquiatra, que deve ser aplicado imediatamente, antes que o mal se torne irreparável. E, se o crime pode ser considerado, na maioria dos casos, a expressão de anormalidades psíquicas permanentes ou momentâneas que merecem ser estudadas em todos seus aspectos, corramos portanto, em pleno apoio dos postulados da neuro-higiene, prestigiando as iniciativas e os objetivos da profilaxia mental”.

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	Ortofrenia	Revista do professor Fevereiro de 1956	A importância do ensino especializado	Ortofrenia ciência que envolve técnicas psicológicas no ensino de anormais	Define a criança anormal pela inteligência	Ortofrenia é a ciência aplicada a educação de crianças anormais	A ortofrenia é um ramo da pedagogia	Pearson	Retardados escolares / ensino especializado.

Trechos do artigo “ **Ortofrenia**”

“Faz parte da observação comum, encontrarmos no ambiente escolar, em uma sala de aula, crianças retardadas ao lado de crianças normais”.

“Grande número delas, embora apresentem atraso profundo de inteligência, ou cujos pais não podem dirigir sua educação, se acomodam dificilmente ao

regime das escolas comuns. É evidentemente certo que a inteligência como razoavelmente observa Pearson, não é um sinônimo de aprender; mas essa rapidez constitui um dos atributos que, ordinariamente, distinguem os intelectuais superiores”.

“O retardado escolar, é fácil reconhecê-lo na escola comum, atares de causas principais: 1) Uma inteligência insuficiente para o nível dos estudos empreendidos.; 2) Um mal estado de saúde, que motiva a irregularidade em assistir as aulas ou que causa um estado habitual de fadigabilidade, perturbações da memória e das atenção, contribuindo para descer o rendimento escolar abaixo do médio; 3) Perturbações do caráter afetivo, afastando a criança de suas tarefas escolares; 4) Finalmente, uma má adaptação ao meio, cuja causa mais freqüente é a mudança continuada de escolas”.

“Eis, em resumo, a verdade histórica sobre a fundação das primeiras classes oficiais na capital do estado de São Paulo, para o ensino de crianças retardadas, como problema que é, para todos os efeitos e em todos os tempos, essencialmente pedagógico”.

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	Curso de Ortofrenopedia	Revista do professor Maio de 1957	Discorre sobre o curso de ortofrenopedia e sua grade curricular	Formação do ortofreniatra que relaciona psicologia experimental e pedagogia	Não Há.	A composição do curso compreende recursos científicos e tecnológicos	Curso de formação de professores especializados	Dr. Ruy de Almeida Barbosa	Não Há.

Trechos do artigo “Curso de ortofrenopedia”

“Campinas se prepara com grandes galas para celebrar condignamente a inauguração do Curso de Ortofrenopedia, no Instituto de Educação Carlos Gomes, o primeiro fundado no Brasil, o qual por ordem do Governador do Estado, será orientado tecnicamente por um profissional, de quarenta anos de ensino emendativo de crianças deficientes, beneficiando aproximadamente mais de 1.200 criaturinhas recuperadas”.

“São os quarenta anos nessa espinhosa tarefa de anonimato que nos convenceram de que o anormal, mediante uma educação bem orientada, feita por um professor especializado, é por todos motivos capaz de aumentar seu nível psíquico, moral e social”.

“Rejubilamos pela alvissareira notícia publicada na primeira página do “Diário Oficial” no qual o Sr. Jânio Quadros, Governador do Estado, ordena a instalação do Curso em apreço, ao mesmo tempo que designa um profissional para dirigi-lo e orientá-lo tecnicamente”.

“O novo curso que funcionará no período da manhã, das 8 às 12 horas terá o seu currículo assim distribuído em 9 cadeiras, sendo elas as seguintes: 1) Psicologia da infância deficitária; 2) Ortofrenopedia e Didática especializada; 3) Biotipologia e Higiene Mental do escolar; 4) Biologia: Endocrinologia e noções gerais de anatomia e fisiologia do sistema nervoso; 5) Antropometria pedagógica e medidas educacionais; 6) Trabalhos manuais (Laborterapia); 7) Ginástica rítmica; 8) Desenho; 9) Música (Meloterapia)”

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	Desajustamento Escolar	Revista do professor Fevereiro de 1950	Escola Sanatório, educação especializada	Método pedagógico com suporte de recursos da psicologia	Não há.	Ortofrenia	Método de ensino de crianças anormais	Não há.	Educação de crianças anormais / Escola Sanatório

Trecho do artigo “**Desajustamento escolar**”

“Não é novidade pra ninguém que nas escolas do Estado, quer urbanas quer rurais, concorre um bom número de crianças que não progredem na aprendizagem, que não podem tirar proveito do ensino comum em virtude de uma deficiência mental”.

“De há muito se fazia sentir em nosso meio escolar, sob regime de internato, para crianças retardadas e débeis mentais, onde lhes fossem ministradas a educação e instrução, por um ortofrenista, sobretudo brasileiro”.

“Daí a razão de se ter fundado nesta cidade, em dezembro de 1943, a ESCOLA SANATORIO CAMPINAS – estabelecimento particular especializado no ensino emendativo de meninas débeis e nervosas, que nada podem aproveitar nas escolas comuns”.

“É um internato montado com todos os requisitos pedagógicos, constituindo o reativo ideal para a revelação de anomalias psicológicas, que muitas vezes os pais ignoram ou o ambiente doméstico esconde. A escola não é simples hospital de meninos anormais; sua função é muito mais ampla do que o tratamento neurológico ou psiquiátrico dos seus educandos”.

“Existe uma ciência da educação acessível a qualquer profissional diplomado pelas Escolas Normais do Estado, mas ao lado, é justo e forçoso destacar-se, antes de mais nada, uma *técnica de educação*, necessária e indispensável ao emendativo, e que só a ortofrenia - que é um ramo da pedagogia científica – pode proporcionar ao pedagogo ou educador”.

“Do exposto, conclui-se que as matérias a serem ensinadas aos anormais nunca constituíram fins e sim meios, atendendo antes de tudo, a personalidade do educando. Em resumo: procuramos na parte instrutiva a individualização e na educativa a socialização”.

“Cada aluno recebe, pela dosemetria pedagógica, conhecimentos de acordo com sua capacidade mental e o poder de receptividade. Os alunos são submetidos a educação racional e sistemática das funções sensoriais e das faculdades mentais, sendo empregados para este fim a ginástica pedagógica, a educação dos sentidos pelas lições de observações”.

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	O cérebro	Revista do professor Março de 1937	Teoriza sobre a evolução do cérebro	Não há	Quanto maior o cortex mais inteligente	Evolução do cérebro	Conhecimento científico aplicado a educação	Frederico Tilney; Elliot Smith;	Não há.

Trecho do artigo **“O cérebro”**

“Um notável cientista americano, o dr. Frederico Tilney, empreendeu há muitos anos, um interessantes estudo comparativo dos cérebros do macaco e do

homem atual e, deste, com os dos homens primitivos, encontrados em épocas remotas, tais como o famosos homem-macaco, o pitecantreto ereto de Java ou o primitivo habitante da Europa”.

“O cérebro do gorila é mui semelhante ao do homem. A forma e estrutura geral são idênticas e o seu tamanho, semelhante, não obstante notar-se algo de diferente em determinadas partes. E assim, observa-se que há partes deste cérebro que são tão grandes como as correspondentes do cérebro humano e algumas vezes, mesmo, superior. Disto se conclue de que houve partes do cérebro humano, cujo desenvolvimento se operou mas rapidamente do que em outras. O dr. Tilney verificou que uma delas é chamada córtex cerebral. Nos animais inferiores, por exemplo, os reptis, tal parte citada é insignificante; nos superiores é tanto mais proeminente, quanto maior é a inteligência que revelam esses animais. É por esse motivo que se acredita ser esta parte a sede das faculdades superiores”.

“Os estudos de Tilney e de Elliot demonstram um fenômeno bastante significativo acerca destas células cinzentas, órgãos do pensamento e que consiste no aumento de número. O homem fóssil teria mais o macaco, e o homem moderno mais que o mono. A evolução do cérebro esta relacionada ao maior número de células cinzentas”.

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	Histórico de crianças anormais	Revista do professor Março de 1959	Trata do percurso que traçou enquanto educador de crianças anormais	Ensino especializado	Não há.	Ensino especializado	Ensino especializado	Antonio Carlos de Pacheco e Silva; Amadeu Mendes; Durval Marcondes	Crianças anormais / ensino especializado

Trechos do artigo **“Histórico das crianças anormais”**

“O berço do ensino emendativo para a infância retardatária escolar foi Campinas, nossa terra natal, sendo a primeira escola de ensino especializado fundada por iniciativa particular em 1º de janeiro 1917. Este estabelecimento de ensino, “Escola Primária de Adaptação”, funcionou desde sua fundação até o presente momento, sem auxilio oficial da Municipalidade, do Estado e do Governo Federal”.

“ Naquela época, compreendendo a necessidade de escolarizar e trabalhar em prol da infância das camadas mais desprotegidas de bens materiais, a qual logo ao desabrochar tropeça em mil e um obstáculos que se tornarão insuperáveis, se não houver uma assistência cientificamente sistematizada à sua floração, abrimos de par em par as portas de nossa escola, instalada em modesta casa situada em Campinas, à rua General Carneiro n.o 35, hoje Luzitana”.

“Os bons resultados obtidos em nossa escolinha no decorrer de doze anos ininterruptos de ensino especializados aos que viviam desprotegidos e sem amparo, como fardos inúteis, pesados e totalmente desaproveitados no seio das próprias famílias, numa sobrevivência quase caprichosa e maldosamente longa, deu ensejo para que, em carta recebida em 1929 do dr. Antônio Carlos Pacheco e Silva, fossemos instalar e dirigir tecnicamente, como profissional contratado, o primeiro internato de caráter oficial para reeducação de crianças anormais e que fora inaugurado em 29 de maio de 1929, anexo ao hospital de Juqueri, com a denominação de Escola Pacheco e Silva, para crianças anormais”.

“Graças ao dr. Amadeu Mendes, é que devemos a criação da primeira classe diferencial em São Paulo, que funcionou anexa à Inspetoria Médica Escolar, hoje denominada Serviço de Saúde Escolar e Higiene Mental. Convidamos então para a assistência médica o dr. Durval Marcondes”.

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza	Professores especializados	Revista do professor Outubro de 1958	Trata do curso de especialização em ortofrenopedia	ortofrenopedia	Não há.	Especialização técnica de professores	Ensino especializado	Janio Quadros; Julio Prestes.	Não há.

Trechos do artigo **“Professores especializados”**

“O magistério deve ser uma profissão vocacional e não de adaptação de outras profissões”.

“O ensino é um dos poderosos meios de educação e muito mais podemos considerá-lo em se tratando de ensino emendativo para a infância deficitária escolar. É para o exercício dessa especialidade de ensino que foi diplomado no Instituto de Educação “Carlos Gomes”, a segunda turma de professores primários em número de 36 alunos”.

“Terminaram os referidos professores seu curso regular e sobretudo pedagógico de ortofrenopedia, curso esse oficialmente instalado em nossa cidade por

ordem do Sr. Janio Quadros, vindo deste modo preencher uma lacuna no ensino publico do nosso Estado. Apesar de tanto mal entendido, tanto choque de interesses, tanta hostilidade e mesmo opressão, que se generalizaram entre o nosso curso e outro existente no Serviço de Higiene Mental, aqui vimos demonstrar o contentamento dos que na vida lutam com inúmeros obstáculos e, achando muito caminho a percorrer, vencem um dia....”

“Não fosse a ortofrenopedia um ramo da pedagogia científica, portanto, uma matéria de currículo das escolas normais que trata de recuperação dos retardados pedagógicos nós jamais cogitaríamos de invadir seara alheia, por vaidade, por ostentação ou então Poe espírito mercenário. Entedamo-nos”.

“O ensino de crianças normais em classes diferenciais oficiais nasceu no governo do dr. Julio Prestes, o qual criado nos termos do art. 2.o a Lei n.2.393 de 28 de dezembro de 1929, autorizava o Departamento de Ensino a sua execução, na pessoa do então diretor, dr. Amadeu Mendes”.

“Consequentemente, se nas diferentes profissões liberais todos os problemas surgem sempre são bem ou mal solucionados pelos seus respectivos profissionais, porque não acontece o mesmo no magistério, mendigando pessoas de outras profissões para solucionarem problemas que não lhes dizem respeito.... Parece-nos que já é tempo de aceitar que o lirismo enciclopédico é muitas vezes incompatível com a profundidade científica especializada. Pertence por todos os motivos em todos os tempos ao educador especializado em ortofrenopedia o ensino e a recuperação da infância escolar deficitária, da mesma forma que é da competência do Diretor do Departamento de Educação instalar classes diferenciais anexas aos Grupos Escolares, porque origem oficial deste ensino foi no Departamento de Educação em 1929, nomear os professores que se diplomaram em curso regular oficial de um ano, e não especialistas improvisados em cursos de emergências de duração de 3 meses como em fazendo o Serviço de Higiene Escolar em São Paulo menosprezando o direito dos professores do nosso Instituto.

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	O lar e a escola	Revista do professor Março de 1960	Discorre sobre a importância do lar e da escola na educação da criança	O ensino como ciência.	Não há.	Escola como racional e científica	Escola como ampliação e aperfeiçoamento do ensino familiar	Pestalozzi	Não há.

Trecho do artigo “ **O lar e as escola**”

“O lar não significa tão somente o lugar onde a criança surge para a vida, senão a escola que o inicia na vida e para ela o prepara. A escola é um reflexo do lar, onde a criança se aperfeiçoa, retifica, melhora, amplia e completa a obra educadora do lar”.

“No lar a educação assume o caráter empírico, através de exemplos e imitações; na escola é sistemática e raciocinadora. São dois aspectos de um mesmo processo; primeiro, a educação do lar ou doméstica e segundo, a escolar, literária e científica, segundo os progressos da civilização. Em último lugar, vem a educação profissional”.

“A educação tanto doméstica como escolar, deve dispensar à criança, princípios sadios de moral e disciplina, contribuindo assim, para a formação de bons hábitos e conduzindo as inclinações para ideais elevados e nobres”.

“Antigamente quando se acreditava que os pobres não deviam receber educação, porque só serviria para criar-lhes desejos e necessidades que seu estado não permitia satisfazer, a escola em tal época, permaneceu divorciada do lar. Mas desde que Pestalozzi, propagou que a educação não servia unicamente, para dar bem à criança um futuro estado social, mas também, prepará-la para cumprir melhor seus deveres durante a vida, então ficou assentado que a escola deveria ser a continuação do lar, a sua segunda etapa, mantendo-se suas relações mais estreitas possíveis, em suas atividades e produzirem proveitos em obras grandes e formosas em seus aspectos intelectuais, moral e cívico”.

“O lar é o fundamento da sociedade civil e a escola em que a criança inicia-se na vida e para ela o prepara, constituem os fatores primordiais do progresso

da humanidade. É na escola que está o futuro da pátria e do mundo. Não é possível considerar-se o progresso moral e material de um povo sem ter em conta a estreita relação que deverá sempre existir entre o lar e a escola. A escola é uma instituição universal e fator primordial no progresso do mundo. O povo que tem as melhores escolas é o primeiro povo; se não é hoje, se-lo-á amanhã”.

Autor	Título	Fonte e data	Assunto	Relação pedagogia / psicologia	Conceito de Inteligência	Ciência e tecnologia	Educação	Interlocutores	Problema/ tratamento
Norberto de Souza Pinto	O ensino dos anormais	Revista da educação 1933	Diagnostico das crianças anormais	Pedagogia necessita de indicações da psicologia	Define os níveis de inteligência	Métodos de diagnósticos	Diferencial para normais e anormais	Amadeu Mendes	Níveis de inteligência / ensino diferencial

Trechos do artigo **“O ensino de anormais”**

“As nossas escolas primárias possuem atualmente, dous e meio por cento de alunos que a inspeção médico escolar, classifica de anormais, quer sob o ponto de vista médico, quer sob o ponto de vista pedagógico propriamente dito. Tivemos ocasião de verificar essa verdade, quando fomos distinguido com o convite a nós pelo feito pelo dr. Amadeu Mendes, ex-diretor do Ensino para fazer o exame técnico-pedagógico dos escolares nas classes de primeiro ano, dos grupos escolares da Capital”.

“A falta de seleção desses elementos em classes e escolas especiais é um dos motivos a que nossos educadores atribuem nosso atraso em relação à instrução”.

“É evidente em que uma classe onde haja alunos normais e anormais não pode ter o mesmo desenvolvimento de uma classe onde os educandos se acham selecionados de acordo com o seu grau de adaptabilidade e suscetibilidade”

“Qual o conceito do anormal? Adiantamos para a definição explicativa do retardado o seguinte: Todo ser, cuja organização psico-física é completa e quase normal em média comum; cuja vida de relação, base orgânico funcional da vida do espírito, haja iniciado as suas primeiras atividades influenciado pelos estímulos fisiológicos do meio e de recâmbios de energias e de seu próprio ambiente, o individuo que, devido estacionar ou avançar lentamente em seu desenvolvimento, realizando etapas mais numerosas que as comuns, por atonia própria ou à espera de excitantes oportunos e apropriados, quer em qualidade, quer em quantidade; é o apresenta ausência ou interrupção do desenvolvimento normal de suas aptidões psicológicas”.

“É certo que, em regra geral, o termo retardado, ou arriére (do francês) supõe a marcha lenta ou a detenção de propriedades e funções que deviam aparecer e desenvolver-se progressivamente em tempo determinado em relação à idade. Pensamos que o conceito da retardação mental, implica em si, a idéia de lentidão, diminuição, paralisação do desenvolvimento e de diferenciação das funções psíquicas compreendendo as perturbações ou insuficiências: observamos, portanto, a falta de paralelismo no desenvolvimento psico-físico que desequilibra o conjunto harmônico da vida psicológica e compromete a adaptação regular do individuo ao meio.

“Em suma: a pedagogia científica pode exigir hoje da psicologia, indicações diagnósticas afim de assinalar os tipos mentais inferiores...”

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)